



JOÃO MENDONÇA DE SOUZA



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS  
1918 - 2018

# SÍLVIO ROMERO E OS VERRINEIROS

## ITINERÁRIO E COMENTÁRIO



Coleção  
Pensamento Amazônico  
Série João Leda - v. 36



## **NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO**

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL



Coleção  
Pensamento Amazônico  
Série João Leda – v. 36

# SÍLVIO ROMERO E OS VERRINEIROS

(ITINERÁRIO & COMENTÁRIO)

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS  
(1918-2018)



**DIRETORIA  
BIÊNIO 2020/2021**

Presidente

**ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA**

Vice-Presidente

**MARCUS LUIZ BARROSO BARROS**

Secretário-Geral

**EULER ESTEVES RIBEIRO**

Secretário-Adjunto

**ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO**

Tesoureiro

**ABRAHIM SENA BAZE**

Tesoureiro-Adjunto

**FRANCISCO GOMES DA SILVA**

Diretora de Patrimônio

**CARMEN NOVOA SILVA**

Diretora de Promoções e Eventos

**MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS**

Diretor de Edições

**JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA**

Conselho Fiscal

**MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO**

**LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA**

**MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA**

Conselho Fiscal – Suplentes

**SERGIO VIEIRA CARDOSO**

**JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS**

**ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: [academiaamazonensedeletras.com](http://academiaamazonensedeletras.com)

E-mail: [academiadeletras.am@gmail.com](mailto:academiadeletras.am@gmail.com)

## SUMÁRIO

Palavra do Presidente .....	7
Da mesa do editor .....	9
Sílvia Romero e os verrineiros (itinerário & comentário) .....	11

© **João Mendonça de Souza**, 2021

Coordenação Editorial  
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,  
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,  
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial

Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico

Marcicley Reggo

Imagem da capa

© Domínio Público. Wikipédia.

O escritor brasileiro Sílvio Romero (1851-1914)

Digitalização dos originais

Roumen Koynov

Ficha catalográfica

Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729s Souza, João Mendonça de

Sílvio Romero e os verrineiros (itinerário  
& comentário). Manaus: Reggo/Academia  
Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)  
Coleção Pensamento Amazônico.  
Série João Leda – v. 36;

ISBN 978-65-86325-41-6

1. Literatura brasileira – Estudo crítico I. Título

CDD B869.09

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,  
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).  
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

**2021**

**REGGO EDITORIAL**

Rua Rio Javari, 361

N. Sra. das Graças – Sala 303

69053-110 – Manaus-AM

**REGGO**

Fone: (92) 98817-0172

@editorareggo

## PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

O escritor, crítico literário e compositor João Mendonça de Souza exerceu vários cargos públicos de projeção, seja integrando o Conselho Estadual de Cultura, como titular da Secretaria de Educação e diretor superintendente da Fundação Cultural do Amazonas, nos quais há de ter oferecido o melhor de seus esforços para cumprir os objetivos da função.

Como escritor é autor de vários títulos, incluindo *Sílvio Romero e os verrineiros: itinerário e comentário*, de 2002, como biografia, ele que dedicou muito tempo de sua trajetória em estudar, analisar e publicar sobre a vida e a obra de Sílvio. É dele, igualmente, um estudo sobre a obra poética de Elson Farias, também acadêmico e ex-presidente da entidade.

Foi ao tempo da presidência de João Mendonça de Souza que fui convocado a integrar a Academia, em 1981, empossado em setembro do ano seguinte, no fulgor do entusiasmo que domina os mais jovens, e ele, generoso e paciente, acolheu e animou a indicação de inúmeros acadêmicos de então que sufragaram meu nome, como o mestre Mário Ypiranga Monteiro, João Nogueira da Mata, Paulo Jacob, João Chrysostomo de Oliveira, por exemplo, com os quais tive o privilégio de boa convivência.

A obra de Mendonça, nesse caso, foi um desafio, pois procurou enfrentar as contestações feitas contra o mestre Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, de quem se diz, com acerto, ter sido advogado, jornalista, crítico literário, ensaísta, poeta, historiador, filósofo, sociólogo, professor e político, o autor, dentre inúmeros títulos, da *Introdução à História da Literatura Brasileira*.

João Mendonça, ou Mendonça de Souza como se tornou conhecido, escreveu *Sílvio Romero, o crítico e o polemista*, em alentado volume, *A Amazônia, o neoliberalismo e a globalização*, *A Amazônia e os interesses internacionais*, *Cainhos de Sílvio Romero*, *O poeta e a forma exata*, **Camões e a epopeia de Os Lusíadas**, outro alentado volume, *O grande Amazonas, mitologia e história*, dentre outros.

Pela sua obra e a dedicação ao Silogeu, Mendonça de Souza faz jus a participar dessa série especial das edições da Academia Amazonense de Letras, aberta ao grande público pela rede de computadores.

## DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

**Casa de Adriano Jorge**, setembro, 2021.

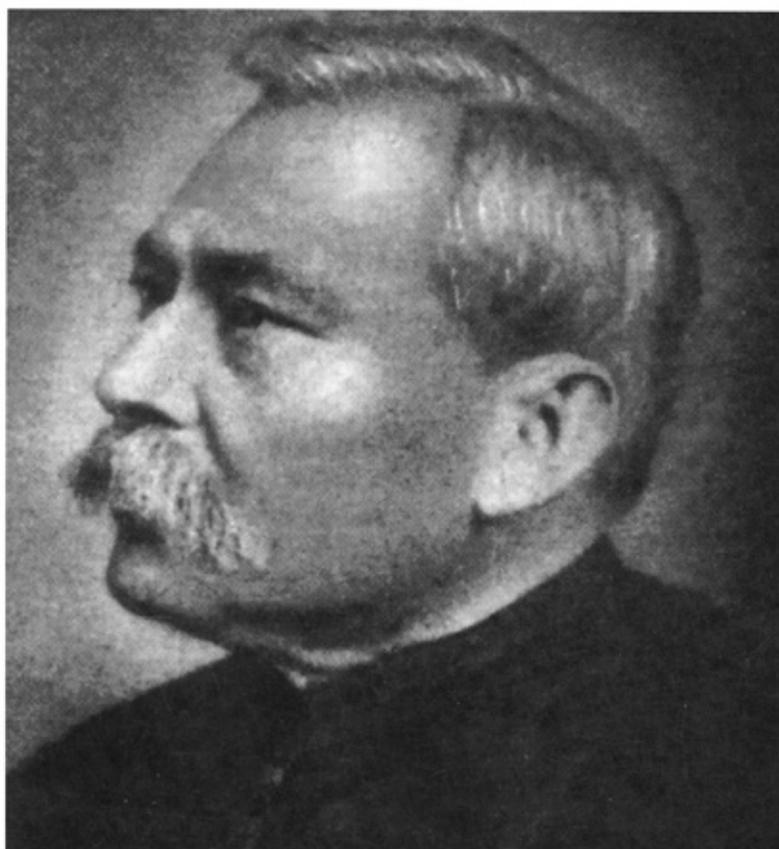


JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

**SÍLVIO ROMERO  
E OS  
VERRINEIROS**

**ITINERÁRIO & COMENTÁRIO**

MANAUS



**Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto (Sergipe) a 21 de abril de 1851 e morreu no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1914. Embora vezes muitas combatido pelas críticas verrinosas, no dizer do Otto Maria Carpeaux, sua obra "apesar de tudo continua sendo básica encerrando documentação enorme que não se encontra em outra parte". Daí porque, ainda hoje, é monumental na emanção da HISTÓRIA DA LITERATURA LUSO-BRASILEIRA.**

## SUMÁRIO

Apresentação .....	09
Prefácio .....	17
Advertência .....	23

### PRIMEIRA PARTE

1. Modos de Ver Sílvia Romero .....	31
2. O Território e a Raça .....	65
3. Origens da Nacionalidade Portuguesa .....	79
4. Portugal e o Turanismo de Teófilo Braga .....	95

### SEGUNDA PARTE

5. Fran Paxeco .....	103
6. Os Verrineiros .....	107
7. O Livro de Fran Paxeco .....	117
8. O Ruinoso das Verrinas .....	125

### TERCEIRA PARTE

9. Sílvia e Tobias .....	133
10. Da Questão Coimbra e da Escola do Recife .....	159
11. Que Classe de Escola Era a do Recife .....	181
12. Sílvia e Teófilo .....	201



## APRESENTAÇÃO

A afirmação de que há sempre algo de novo a dizer-se de um livro não perdeu a atualidade. Como se fora a imagem da própria vida em curso, um livro é sempre um conjunto de informações coletivas, remotas e atuais, e nunca produto de autor único. A soma dos conhecimentos adquiridos, hipótese e teses formuladas e reformuladas, a cultura sedimentada, um rol de noções sobrepostas e formalizadas. De Sílvio Romero como de Machado de Assis ou de Castro Alves já se disse tudo! No entanto a crítica especulativa moderna, a análise estratificada, a prospeção psicológica, continuam abrindo novos rumos ao conhecimento intrínseco das obras, devassando-lhes os escaninhos do conteúdo. É que a crítica de antanho deslizava maciamente pelo dorso da composição; a hodierna específica, nomeia; a de ontem contentava-se com a área total, o todo pela parte; o virtualismo da crítica moderna reclama a parte: particulariza, identifica, desfibra.

João Mendonça de Souza abriu uma frente de exploração no acervo literário de Sílvio Romero, empostando considerações de cunho pessoal, considerações cabíveis a especialistas da Etnografia e a técnicos da parafernália social brasileira. Difícil empresa, o abalo na estrutura do universo silvioromeriano. A obra do

sergipano não liberaliza nenhuma perquirição em profundidade, mesmo considerando-se o fator tempo, ainda mesmo ficando-se pé na carência lamentável de uma pesquisa direta, que não houve. Mas Sílvio Romero, de formação humanista, tanto no universal da capacidade da captação como na vocação mediatista sentimental-romântica, não é de nenhum modo um autor fácil, fácil de interpretação, diga-se logo, não vá desmerecer do aspecto filosófico de sua pansófica criação. Em parte, em alguma parte discutível, corrobora no todo com a exigência do método. Foi um pensador bafejado pela ambição das grandes perspectivas, um doxógrafo que escapou ao mesmismo convencional limitado, ao tautológico já denunciado pelo alemão Weber.

Sílvio Romero ainda é, neste século, o homem que se impressionaria com o inconsciente coletivo, o pioneiro dos estudos de participação da literatura popular como fonte de criatividade da literatura erudita-ficcionista, o escritor desassombrado que produziu páginas diversas sem preocupar-se com afinidades conceptista ou providencialistas. Herdeiro dele naquela linha de aplicação do inconsciente coletivo na literatura antropológica fundamental, de valores conotativos é Luís da Câmara Cascudo, para quem a Literatura só o é de nome e de norma se for popular, se condescender e transigir com o popular, se tiver ligação remota ou atual com o popular.

O livro recente de João Mendonça de Souza não se situa na fronteira da crítica escatológica. Talvez venha a sê-lo, com a adjudicação de outros volumes anunciados onde o autor exercita com autoridade a crítica analítica, recorrendo não somente à teoria das camadas, ao teorema de Valincourt, aos processos de ve-

rossimilhança histórica, aos modelos de Saussure, ao estruturalismo de Levy-Strauss, numa corrida aberta ao método avançado de proceder o autor no conhecimento da idéia e não esperar que o autor se defina. **M. S.** chama a depor valores suntuários da Lingüística formalista, completando o ciclo de valorização da crítica que o próprio Sílvio Romero ensaiou no seu tempo e com recursos à mão, servido ainda à mesa opulenta de Saint-Beuve, Port-Royal, Gaston de Paris e o velho e magnífico Taine. De uma coisa, porém, estamos certo, é que o sergipano desandou contra-mão, fugindo ao normativo, àquela crítica que Pierre Daix diz haver demorado oito séculos em adquirir e firmar conceito novo, lançado fora o laboratório de Hugo. O pioneirismo de Sílvio Romero, no tratamento da literatura brasileira, só pecou por carência de profundidade na definição exata da arte pura, talvez pela sua indiofrenia. Arte pura que somente Mário de Andrade, e somente ele, apurou no "Macunaíma", dessacralizando o mito.

A obra monumental de João Mendonça de Souza nos leva a concluir que no Amazonas já se pensa em termos de crítica séria e de obras bem planejadas e dimensionadas, obras exaustivas que extrapolam ao minguido e pouco expressivo comentário de jornal, quadradinho apologético, embandeirado de adjetivação, sem compromisso nenhum com a exigência daquilo que Roland Barthes definiu como "significação" em oposição ao "vazio" dos "significados". Realmente a crítica bem colocada é um sistema telemétrico, não traduz a obra, ajusta num mesmo plano os dois horizontes vislumbrados, identificando-os, porque o autor primeiro é o crítico da sociedade, mesmo tratando-se de obra de ficção, enquanto que o crítico que o é, é ele também

autor e pode por sua vez ser criticado, desde que ideofreniza o objeto passivo.

Nesse volume acerca de Sílvio Romero, **M. S.** procura principalmente comunicar-se. Não é fácil distender as orações objetuais sem um conhecimento rentável do significado da linguagem e da gramática normativa. Isto de pensar-se que não vale a pena perder-se tempo com ambages e vernizes é simplesmente desculpa irrita, um troço que não chega a alcançar o programatismo de Mário de Andrade e fica mesmo no "salon des refusés", e não no "index expurgatorius". Northrop Frye considera válida a crítica a partir de uma vocação, pondo de parte qualquer sentimento aleatório que venha a interferir no julgamento. Parece que na verdade o julgamento, todo julgamento, deve de ser em conhecimento de causa e é aí que a crítica padece de falta de método e de sinceridade, de honesta afirmação de si mesma, quando o julgador se expressa em termos vagos e lhe falta o andaime necessário ao conhecimento da obra, daquela obra, a ser julgada, daquela literatura-objeto que a metalinguagem vai suceder.

Parece-nos fora de propósito dizer que no itinerário este livro não é ainda o bosque, somente a árvore do bosque? É o meu pensamento, firmado na qualidade da crítica de J. M. S., qualidade que se parece bem empostada, otimamente mentada, não explicou tudo. Não explicou muita coisa, visto que essa muita coisa é a obra polimorfa de Sílvio Romero, nem sempre capacitada a uma abordagem de conjunto. Nesse volume o autor concede foro e arras à percepção do contingente filosófico-especulativo, pretendendo dizer por que caminhos Sílvio Romero chegou a desejados fins ou se perdeu em lucubrações falsas, enumerando fatos,

balanceando episódios, edificando teorias e acolhendo inclusive prejuízos de ordem científicas, que o sergipano os teve em grande monta e que refletem pensamentos epocais, experiências de sua formação bacharelosa, do seu caldeamento étnico, de sua nenhuma deambulação pelo campo real da pesquisa folclórica. Neste particular parece que o seu ilustre antagonista José Veríssimo andou mais bem informado, simplesmente porque era mais sinfronista, mais chegado às origens da literatura que Sílvio Romero tanto ilustrou e defendeu, não esquecendo de subestimar o nosso índio em benefício do negro! O conspícuo em Veríssimo está na sua tendência indianista-telúrica. Ele realizou aquilo que, hoje, Anthony Naro tanto ambiciona para os estudos diacrônicos em Lingüística. Fez mais, adequadamente, valorizando o homem da região amazônica.

Refere Etienne Souriau, dos mais modernos estetas doutrinários, que os intelectuais do tempo ficaram surpreendidos com os julgamentos apriorísticos de Kant sobre Romantismo, quando este mal apontava. É que o crítico supomos detentor dessa vantagem de exorbitar-se sobre o pensamento atual, caminhando à frente da moda, predizendo-a justo. Realmente, tanto a "Crítica do Julgamento" como "Fundamentos da Metafísica dos Costumes" realizam-se como obras de profecia. Sílvio Romero esteve na sua, librando-se nessa pauta quando vislumbrou a importância e quicá a necessidade de encaminhar os estudos de folclore, opinião que manifestou não faz muito Adonias Filho com enfoque nos autos populares, salientando o "boi-bumbá".

Não pretendo mais que confirmar o perigo que enfrenta o crítico ao patinar sobre o cosmopolitismo das idéias unificadas.

Falar de Sílvio Romero é empresa árdua, rêmora proibitiva, para quem nunca teve contato demorado com a Lingüística e ignora o que requer a diacronia neste capítulo da Literatura-modelo, paradigmária. O crítico ingênuo se coloca na mesma posição de que fala Roman-Jákobson: um tagarela, simples "causeur", falando de tudo menos do assunto que a obra deseja revelar, posto que o crítico não seja mesmo nenhum tradutor. Um assimbólico de nível patológico é essa espécie de crítico carente de ferramenta. Quando muito um mero noticiarista, ripanço acomodado ao formulismo ditirâmico.

Se não constituísse preciosismo, gasto lugar-comum, diríamos haver Sílvio Romero nascido fora do seu tempo, porque no século e no Brasil, teorizantes do tipo Wolf e outros jamais apanharam o Saci pela perna, jamais consignaram o valor diacrônico da literatura brasileira, apesar de que esse diacronismo estivesse bem ou mal revelado, mesmo na trapalhada, chantaram conceitos ideais sobre estéticas e "escolas", mas esqueceram "A Ilha da Maré", olvidaram o "Caramuru", obliaram o "Uruguai", obliteraram mesmo o "Colombo" naquilo que eles possuem de manifesta solução diacrônica, de aportes denotativos e conotativos sugestivos ao encaminhamento da pesquisa sobre a verdadeira literatura nacional pura. Foi Sílvio Romero o curioso que espiou por cima do biombo a ninfa no banho, descobrindo-a nua, na nuez prometedora da estética primitiva natural e ingênuo, esse primitivismo que vem de ser cultivado na pintura, na estatuária, na poesia, na xiloplástica, no romance, na música, redescoberto pela incongruência do Modernismo brasileiro. É no modernismo brasileiro que se retoma a lição do passado e cunham-se valores

mais puros e mais ingênuos, valores que antecederam de muito certas estéticas contemporâneas nossas.

Empresa atlântica foi aquela de referir, de historiar, de filosofar, de criticar, de analisar, de polemizar, ambição de reter um universo dentro dos estreitos cingulos da sociografia. Todavia a obra imponente de Sílvio Romero é mesmo universal pelo que tem de humanística ambivalentemente e, digamos, de ambiciosa no campo das sementeiras culturais. Para tal obra nunca jamais astênico informe, estreita abordagem, misérrima lauda. Para tal obra, munificente conjunto de obras, de que Sílvio Romero" é a porta trabalhada em material de boa fonte, de magnífico contexto verbal, exprimindo ele próprio excelente nível literário.

Lembramos que o autor, J. M. S. amarrou definitivamente no ancoradouro seguro da crítica literária, sua curtição nestes últimos vinte anos, organizando uma das mais completas bibliografias sobre Sílvio Romero e a propósito do processo da metalinguagem. Todos os autores nacionais e estrangeiros que se tornaram freqüência obrigatória no trato da crítica literária, da análise funcional e integral, incluindo os formalistas russos, deram a Mendonça de Souza condições de operar convincentemente no campo da triagem com prioridade. Hoje no norte nenhum outro autor se destaca possuidor de ferramenta de trabalho tão acumpliciada ao método meio cartesiano, meio weberiano (sem prospeção filosófica) atinente à verdade. Essa prioridade vem sendo demonstrada primeiro no aprofundamento da comunicação em literatura, passando pela teórica estrutural com apoio na Lingüística e na Metafísica, na Antropologia Cultural e na História, multidisciplinas que podem constituir-se em laboratório suficien-

temente importante para o crítico literário e sem as quais seria impossível qualquer diligência na manipulação de juízos valorativos. Em segundo plano surge a maneira de dizer as coisas, de convencer pela aplicação de silogismos e somente uma abordagem na Lógica e um mergulho na Filosofia abrem o apetite do crítico literário para digerir o mistério literário.

***Mário Ypiranga Monteiro***

Ex-Presidente da Academia Amazonense de Letras  
e do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas

## PREFÁCIO

Creio, contra os monopolistas do pensamento, que neste trabalho de referências e de exegeses, cumpro um mandato de reconhecença sem receio que me qualifiquem de ingênuo, superficial, dilatante ou impressionante. Não sou diferente. Não vai nisso excessos. Sinto-me apenas entre os que seguem conselho como este de Agostinho de Campos:

*"Descanso pouco no talento que tenho, e confio antes em meu esforço e cuidado". "Não emigro em alma para fora de minha terra e gente para me informar, deformando-me. Procuro ser fiel à patria, à grei, ao sangue donde provenho, sem os quais não criaria nem transmitiria verdadeira vida".*

Na verdade, justifico pontos de vista e documento conclusões, sem auxílio de qualquer arte mágica capaz de operar maravilhas através dos métodos e processos artificiosos. Pois, acima do puro mercenarismo ou além do estreito utilitarismo, estarei alfim convicto de que jamais me amoldarei ao ataque das paixões arbitrárias ou à dissolvência dos caracteres morais.

Até o dia de hoje, sempre procurei justificar meu raciocínio como ato de evidente e desejável equidade. E assim, sem

nenhuma dúvida, fortificar minha colaboração, na arte literária e no labor objetivo, com modos de ver necessários a uma escola de vida tendente a facilitar a aprendizagem de todos e a esclarecer o espírito dos aristarcos que tanto abominam o escuro.

Daí o motivo de ser este nosso trabalho um estudo de contar. Um exame de explicação acerca de meu longo peregrinar nos caminhos literários de SÍLVIO ROMERO. Não lhe critico as obras nem o engenho com que as produziu. Com ele assumo uma segunda identidade: vê-lo nos muitos papéis que desempenhou como historiógrafo de nossa literatura e como sociólogo no estágio final e mais raro de sua vida.

Habituei-me ao convívio dos seus livros e neles colhi as lições, que as reproduzo aqui. O resultado conseguido é, pois, sem nenhum vexame para mim, de inteireza num propósito altamente difícil. Obviamente, por isso, neste desígnio, não sou estilizador e explorador do notável sergipano.

Não me deixei solapar pela vaidade, para assumir compromissos acima de meus reais conhecimentos. Num país onde tantos foram e são os capacitados para responsabilidade assim importante, seria impostura ou falta de senso se a tal cometimento me abalançasse. Vale ainda aqui registrar que não desconheço ser o meu trabalho, simples e pequeno ensaio de efeitos modestos, e desenvolvimento compreensivo a estas prévias considerações.

No ajustado equilíbrio da razão, na indispensável paz da consciência do homem que se respeita, porque pode medir-se com os demais em atitudes consubstanciadas, procuro realizar-me para exhibir-lhes meus merecimentos. Sobre mim prepondera, nesta

época de crise moral, de turbulência e de formalismos ideológicos, a certeza majestosa da verdadeira e justa, quanto educadora e patriótica, valoridade intelectual de SÍLVIO ROMERO.

Não se afundou num escoadouro de aforismos filosóficos. Fez da sua História acerto dos próprios atos. Mostrou a todos, com agudeza de objetividade, os princípios fundamentais de sua razão e de seus estudos. Foi pesquisador que soube ver as coisas com diligente inquirir à norma suprema da ciência. Com ele muito aprendi a defender esta grande Pátria contra os ditos zombeteiros e as sinistras aventuras.

Pelo que me veio a suceder, na maneira ensaística como aqui aparece, realmente agradecido lhe sou. Conto-me, ainda hoje, no rol dos seus admiradores, pela companhia e pelo gosto da idéia animada, que nele sempre encontrei.

Acredito, por isso mesmo, não levar longe demais meu devotamento e entusiasmo a um mestre que, ainda hoje, suntuosamente, ilumina as rotas e os caminhos da Literatura Brasileira. Lê-lo e compreendê-lo, como ora aqui o faço, será a melhor maneira de não deixar desaparecer a lição que me deu com inteligência e heroísmo em assunto tão colossal. Será a melhor maneira de lho agradecer. De aclamá-lo, na personalidade gloriosa e inconfundível, como notável professor de direito, jornalista, poeta, historiador, crítico, sociólogo, humanista, filósofo, político, etnólogo e folclorista. Será, sem dúvida, reconhecê-lo acima, muito acima, dos limites do comum.

Toda a história literária do Brasil documenta-se no pioneirismo silveriano. Pois, ainda agora, nos páramos de sua brasilidade, vejo-o como pensador da mais legítima nobreza men-

tal. Assim, entendo e bem, na idéia dos negadores da glória de SÍLVIO ROMERO o que existe é artifício, e artifício veladamente desleal.

SÍLVIO foi, realmente, um escritor dos mais eminentes, como grande conhecedor dos estudos etnográficos. Qualquer leitor de sua obra terá de admitir, diante de sua complexidade intelectual, que, em seu tempo, nenhum outro ensaísta poderá superá-lo no conhecimento do Brasil político e literário.

Quem lê com atenção *ÊTNOGRAFIA BRASILEIRA, ENSAIOS DE CRÍTICA PARLAMENTAR, ENSAIOS DE SOCIOLOGIA E LITERATURA, O BRASIL SOCIAL, A PÁTRIA PORTUGUESA, A AMÉRICA LATINA, PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO, O BRASIL NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX* e a *HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA* não pode deixar de considerar que, no seu íntimo, encontra um mundo fabuloso de expressão verbal e de patriotismo indiscutível.

Destarte, observado em tais condições, reafirma-se como grande intérprete de quase todo o roteiro literário do Brasil de 1500 - 1914. Com ele, em seus *DISCURSOS*, o País se mostra tanto mais português quanto mais brasileiro no sentimento duma comunhão indissolúvel de sangue e de espiritualidade.

Daí, nesse avultar, assim se descobrir numa fala que soma e se afirma em nome dos melhores títulos de honra espiritual. Louvou-lhe, por isso, a memória, num agradecimento ao preclaro ex-voto de companheirismo e de mestre. Dele aceito as lições e me afirmo neste sentimento de estima e de bem merecido respeito por um Brasil soberano. Sem dúvida, em redor de seu poder evocatório, a cada passo, observo o valor, a arte e a cultura do

povo brasileiro. É certo que, por isso, os seus livros representam civilização e cultura.

SÍLVIO ROMERO foi, na realidade, um autêntico sistematizador do nacionalismo hoje tão demagogicamente explorado. Nas atitudes, no patriotismo, no entusiasmo, no sentir e na sua arte é um escritor indestrutível, em face dos estudos de natureza social e educativa. Ele foi homem do seu tempo; guia sem cansaço, historiador literário sem a preocupação do êxitolouvaminheiro ou da glória sofisticada.

Não sabia recolher ódio nem inveja em seu coração. Elevou a generosidade ao ponto de saber rir e perdoar. Examiná-lo atentamente, para melhor conhecer-lhe as virtudes mais estimáveis, é juntar em poucas horas ou poucos dias, se tanto, uma verdadeira pirâmide de conhecimentos ilustrativos e exatos sobre o Brasil. Auscultá-lo não é um diletantismo, é uma ilustração.

Nisso fico para, em pura verdade, antes de aceitar o depoimento e a crítica irônica dos mordentes, dos sarcastas, dos corrosivos, dos satânicos, dos embusteiros e presepeiros, acerca de minhas naturais entortaduras observativas, acreditar ser o meu trabalho uma homenagem aos que em SÍLVIO ROMERO se ilustraram, ou aos que nele ainda agora se ilustram, em gosto e cuidados, nas mais altas florações da inteligência.

De fato, nos domínios da HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, a sua glória é imortal, jamais desaparecerá, embora muitos dos que a procuraram perverter em inveja, felonía ou cegueira já estejam afundados no sombrio e funesto colapso do esquecimento.

É o caso de Fran Paxeco no que leu sobre Sílvio Romero

e não entendeu. Por isso, insultou-o, e não apresentou os remédios contra o que Sílvio viu na falta de originalidade de Teófilo Braga, em relação ao Brasil e a Portugal. Tentou depreciar Sílvio Romero, e não conseguiu melhorar a imagem de Teófilo Braga em agradável critério de necessidade e expressividade.

Falhou nas elucidações das idéias da época, da eloquência, da espiritualidade, da literatura e do academismo. Em sua mais alta eficácia no produto que desejou vender, vergou-se e desapareceu, nas manifestações mal escolhidas do próprio instrumento verbal.

***João Mendonça de Souza***

## ADVERTÊNCIA

Neste livro procuro ampliar a presença de Sílvio Romero em seu contrapor aos verrineiros mais disparatados aos seus conhecimentos da literatura Luso-Brasileira. Mostrá-lo mais amplo e mais expressivo em renovação de pesquisas e interpretações. Mais envolvido, portanto na valorização da atividade e da necessidade vital.

Meu intuito, por isso, aqui é revê-lo na evidência de aumento das forças progressivas. Nacionalisticamente objetivo em novas formas satisfatórias de padrões, modelos e normas. Na verdade, dentro dos fatores de formação do novo homem brasileiro.

Sem isso, jamais o alcançaremos dentro do nível moral, ideológico e cultural que o eminencia em florescimento e afirmação. Na obra monumental, então produzida, Sílvio Romero, em seu nacionalismo, mostrou-nos porque o povo brasileiro teve de lutar, para salvar-se desta racionalidade ingênua, estúpida e cruel que continua a conduzir-nos na atual globalização colonial. Como um dos mestres da Escola do Recife não foi o alemanismo que desejou impingir ao Brasil.

Foi a convicção de que, num território continental de matérias-primas, o Brasil tem de ser grande potência sem vassalismo.

Ora e aí a razão porque não consigo tragar os insultos de Fran Paxeco, registrados em seu livro, pouco divulgado - **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa**. No que o escritor Fran Paxeco tenta anular de Sílvio Romero, como contestador do livro **A Pátria Portuguesa** de Teófilo Braga, não vejo entono esclarecido.

Na verdade, não consegue anular o que Sílvio afirma de Teófilo Braga. Falta-lhe eficácia e comprovação. Se no efeito surge e desaparece sem revelar o que tinha de corrigir, dentro da literatura portuguesa não tem realidade nem importância.

Aos meus leitores, para os que não o conhecem, esclareço: Fran Paxeco, entre outras, foi Sócio efetivo destas doutíssimas entidades:

Academia das Ciências de Portugal; Sociedade de Geografia de Lisboa; Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; Academia Maranhense de Letras (como fundador), Instituto Histórico de Pernambuco; Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, e Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Por Teófilo Braga, Chefe do Governo Provisório da então novel República Portuguesa, a 21 de agosto de 1911 foi nomeado Cônsul no Maranhão.

O livro de Fran Paxeco o Sr. SÍLVIO ROMERO E A LITERATURA PORTUGUESA foi editado em São Luís, no Ano de 1900, por A. P. Ramos de Almeida e Cia.

Claro que a explosão alucinada de Fran Paxeco no livro acima citado pode ser entendida em termos de amizade e gratidão a Teófilo Braga. No entanto, sabe-se há uma conta que num trabalho pesquisativo e interpretativo não pode deixar de ser levado em consideração: o equilíbrio emocional. Isso, também serve aos escritores aqui, por mim, citados em evasivas noutra intuito senão o da náusea e vinganças pessoais.

A atitude metodológica de um escritor, nas exigências das normas modernas da atividade criadora, para ter elevação, não pode dispensar-se jamais das conquistas da ciência, da técnica e do aumento dos conhecimentos reparativos. Normas morais, objetivas e aplaudidas nas avaliações do que produziu.

Os recursos de que se vale Fran Paxeco para anular o que afirma Sílvio Romero acerca do livro A PÁTRIA PORTUGUESA do escritor Teófilo Braga, com efeito, teria de comprovar o turianismo que diz existir nas origens do povo português. Na realidade, em vez de comprovar o que considera erro na afirmação de Sílvio Romero, para insultá-lo, valeu-se de sórdidas verrinas.

Em face dos apelos de Fran Paxeco, fora do crescimento das evidências, Sílvio, a desmenti-lo, na escamotea-

ção sem lhe dar respostas direta fê-lo sentir-se na carência em que não consegue reabilitar-se como defensor do turanismo teofilista.

Diante da cibernética não-fortuita e das ciências humanas, no que nos legou na racionalidade convencional do natural e do universal, ainda hoje, considero Sílvio Romero um mestre. Isso, desde que se tenha em conta que, a história literária de um povo, ontem quanto hoje e sempre, jamais deixa de fixar-se em convenções que, entre si, se ligam a outras convenções.

Neste ensaio, portanto, ao refutar as palavras insultuosas de Fran, procuro mostrar Sílvio Romero, em suas pesquisas e conhecimentos sobre a HISTÓRIA DA LITERATURA LUSO-BRASILEIRA. Como sociólogo, já surgiu, nos estudos críticos, em oposição aos espoliadores econômicos de um colonialismo de influência imperialista.

Sem dúvida porque, em seu largo tempo de vida, o seu lema não foi outro senão este: crer e comprovar que o povo brasileiro na inércia em que se permitia conduzir, no continente americano fora dos critérios europeus da sociologia econômica, jamais teria vez para livrar-se da escravizada submissão colonial.

Era necessário, pois, estimulá-lo a uma variação de costumes em oposição, aos antagonismos das desigualdades étnicas. Por que só a raça branca pode legitimar e determinar o desenvolvimento social e econômico dos outros po-

vos. Contra isso, o que a sociologia de Sílvio Romero mostrou e comprovou é que, num país continental em riquezas minerais, florestais e hidrográficas como o Brasil, o brasileiro em seu chão, de Norte a Sul, não pode ser um agregado submisso, sem luta pela vida e sem capacidade de evolução econômica, como energúmeno, no espaço e na continuidade do tempo.

Sem se deter nesse marasmo, Sílvio Romero, como sociólogo criou a comunicação da Escola do Recife, sem empirismo e sem mito, dentro de uma conduta de concepção inteiramente distinta. Suas idéias e lecionamentos relacionavam-se à nossa evolução mental. Indubitavelmente, o brasileiro não devia ser um asilado da homogeneização capaz de imitação dos povos que alcançam o progresso em diferentes formas de organização política, econômica e social. Só os artificiosos criam embustes de superioridade à raça branca.

Nesse critério filantrópico, não se aceitaram os japoneses e chineses no que aí estão a desmoralizar Gobineau em seu vaticínio insustentável sobre as raças de côr.

Este mito, já em seu tempo, Sílvio Romero, como sociólogo e um dos mestres influentes da Escola do Recife, jogou para escanteio. Por que não o jogamos nós, igualmente, agora que pretende tornar-se estável dentro de uma globalização escamoteadora e pirata de neoliberalismo?

A desordem econômica que está a resultar desta

globalização, com o empobrecimento e dissolução dos países chamados do Terceiro Mundo, é o da linguagem formulável que se completa na ação nociva, impiedosa e desumana do parasitismo orgânico. É em suma, na América Latina, na imoralidade econômica e política dos governos na dependência do regime colonial, o fio invisível que segura os fantoches que lutam contra os novos Romeros e novas escolas influentes, como a do Recife, em oposição fulminante ao caudilhismo e ao caciquismo.

**PRIMEIRA  
PARTE**



## 1. MODOS DE VER SÍLVIO ROMERO

Para definir-se a obra monumental de Sílvio Romero, será necessário, desde o início, acompanhá-lo no precedente dos muitos valores, em que no esplendor educativo das idéias, procura dar novos rumos de progresso lógico ao Brasil, então já opulento de florescências prometedoras.

Vê-lo identificado no que o país necessitava urgentemente evoluir, e não conseguia, em face da selvagem escravidão negra.

Foi na convivência do saber universal que Sílvio atingiu os conhecimentos supremos em que começou a construir a obra laboriosa de um novo Brasil.

Infelizmente, sua aspiração não foi entendida no caminho iniciado. Ainda presentemente, o país continua blefado entre as promessas de uma Democracia que se indetermina no **apriori** de uma oligarquia de vãs miragens. No espaço e no tempo, não encontra modos de conhecer o **euro** que, no momento, já se valida nas porfias da força mundial do dólar.

Neste sentido, pergunta-se: num mundo em que as superpotências evoluem e se planificam em duelos científicos de competitividade, a globalização, dentro da cibernética, no Tercei-

ro Milênio, para os países do Terceiro Mundo será um bem ou descambará na oportunidade de surgimento de uma nova Babel?

Sob este aspecto, já em seu tempo Sílvio Romero procurava livrar o Brasil de permanecer inócuo na concepção que levou Rui Barbosa a querê-lo constituído dentro da verdade humana.

Para Sílvio Romero, no entanto, em rigor da lógica, o presidencialismo não era o sistema capaz de conduzir o país a um desenvolvimento autônomo e criador. Para ele, o presidencialismo era subjetivo. Por isso mesmo incorria em contradição. Convertia-se em tirania. Permanece, ainda hoje, insaciavelmente, fora de idealismo coerente.

Não há como duvidar-se: o abre-te sésamo conatural do homem sentir-se dotado de novo universo é o de educação. Esta ao que parece, no que se vê na África Negra, no Oriente Médio e na América Latina, é muito mais dos agenciamentos das grandes potências do que da escolha social. Alimenta-se no engodo de uma convencida liberdade.

É deplorável reconhecer-se que desde o tempo de Tobias Barreto e de Sílvio Romero na então já famosa Escola do Recife, a demagogia oligarca falseava a unidade espiritual dos fatos em resolução do mal no bem. O presidencialismo, para os que desejam outra realidade de um novo bem, de fato, já está renegado e superado.

As ideologias de Religião, de Pátria, de Igualdade, de Brasilidade, de Democracia, de Liberalismo, de Socialismo não se concretizam jamais em disfarces e equívocos. Em seu

O Brasil Social, por isso, Sílvio convidou os homens de cultura para acompanhá-lo na melhor interpretação racional desta verdade:

*"O capital estrangeiro, sempre sófrego por empregar-se, canalizou-se para cá, mas com a segurança de garantias definidas na hipoteca das rendas aduaneiras e, em vários pontos, com seus agentes nas repartições fiscais..." (21 e 22). Exemplo:*

*"A nação chegou ao século XX, o século em que se vai resolver o seu destino, inteiramente despercebida para a luta". E chega ao XXI, ainda sem conhecimento positivo do caminho a percorrer".*

Pode parecer até paradoxal esta conclusão: o país se desestatiza, impunemente, em desprezo a míseros operários sem pão, sem teto e sem emprego. O mal do atual desemprego existe neste neoliberalismo desfigurado em torpezas paparroteiras. E não pode ser negado.

Para Sílvio Romero já era realmente trágico o nosso aniquilamento econômico nesta demolição:

*"A crise de nossa transformação para o moderno viver, tivemos a infelicidade que viesse a coincidir com o surto assombroso de força e riqueza dos grandes povos progressivos de formação particularista".*

Assaz temos já sentido a garra do leão em nossas carnes. As forças vivas da economia do povo estão passando ou já estão quase todos nas mãos deles: O grande comércio bancário, o farto jogo dos câmbios, o alto comércio importador e exportador, as melhores empresas de mineração, de viação, de transportes, de

navegação, de obras de toda costa, acham-se nesse número". (23, "O Brasil Social").

"Só falta que os milionários alienígenas, blindados pelos **trusts**, se apoderem diretamente das fontes da produção, das fazendas".

Caminhamos para lá, porque esta evolução já está iniciada. Destarte, claro, não é de reformar pelas cimalthas que havemos míster". (24, *ib.*).

Veja-se que, na Inglaterra e na Espanha monárquicas, o parlamentarismo é uma ideologia de consciência. Não há nada de comum entre o presidencialismo e o parlamentarismo senão a ideologia do fato mais verdadeiro e mais povo.

Tal foi a vida de Sílvio Romero. Para ele, com o povo sem bem-estar social, sem educação, falar em democracia era engodar a alma humana de preada esperança. A democracia, nessa qualificação, passa a ser um bem de emotiva caridade. No instinto paternalista, afasta-se de seu direito natural, imanente, e se transforma em força viva de especulação demagógica. Torna-se lacunosa, inferior entre o ser e o meio.

Fazer dos oligarcas latino-americanos democratas de um sistema humanitário é uma heresia. A civilização de um povo progressista jamais a isso se pode subordinar. Do tempo de Sílvio Romero aos nossos dias, o povo ainda se procura encontrar nas teses por ele bravamente expostas e defendidas nos livros idealizados de brasilidade.

À pergunta: somos livres? De coação exterior? De coação interior? Sem uma verdadeira ideologia de povo, perplexos ficari-

am os filosofistas de imputada democracia recriada e definida na salvação. Uma democracia nada mais é do que um programa. Qual o programa que a soberaniza em face da Nova República? Uma democracia antropomorfista, baseada em analogias ou homologias, como necessitava a de 1889 a esta de 2002, não é apenas falaciosa; é, também, simplista.

Tudo isso, na verdade, determinou a ideologia de Sílvio Romero, como oriundo da Escola do Recife, em capacidade de luta e finalidade de se evitar retrocessos danosos, nos efeitos do futuro, a partir do conhecimento exato das causas do passado. Nas estruturas econômicas e culturais do seu tempo, o que lhe ocorria perguntar era se tínhamos uma forte ideologia, capaz de ser aplaudida como ser vivo de uma democracia fisiológica e psicológica.

A ideologia é um ser vivo. E a democracia só existe nos seres essencialmente determinados nas valorizações da força vital. A isso se deu Sílvio. E, aos seus livros igualmente, para não vê-los fora do ser vivo de sua ideologia enérgica, transcendente, importante.

Nos modos em que se deixa ver melhor inspirado, cresce e se explica, sempre mais, em racionalidade. Daí porque, ele mesmo, assim se viu, como ser vivo de uma ideologia vital, na entrevista concedida a João do Rio, para **O Momento Literário**, aqui apenas reproduzida nestes excertos:

"Meu amigo. — O seu **questionário** pôs-me em sérios embaraços. Logo que o recebi, supus ser coisa facilíma o dar-lhe imediata resposta.

Quando me afundei em mim mesmo, para sondar como se me tinha operado o que se poderia chamar a minha **origem e formação espiritual**, conheci que essa espécie de **exame de consciência** não era nada fácil.

Achei, em minha alma, meio velada, num semicrepúsculo subjetivo, tantas antropologias, etnografias, lingüísticas, sociologias, críticas religiosas, folclóricas, jurídicas, políticas e literárias, que tive medo de bulir com elas e me meter nesse matagal.

Conheci, sem esforço e para meu mal, que, se não sou ao pé da letra um **cientista**, não me cabe também a denominação de **literato**, no sentido restritíssimo que este qualificativo tem entre nós e parece ser a intuição por mim abraçada, quando diz no auto de perguntas: **De seus trabalhos quais as cenas ou capítulos, quais os contos, quais as poesias que prefere?**

Escrevi, é certo, algumas poesias, entre os dezoito e vinte e cinco anos, que andam aí em dois volumes. Mas foi só.

Não tenho romances, contos, novelas, dramas, comédias, tragédias, folhetins, crônicas, fantasias...

Não, nada disso.

Conheci, mais e de súbito, que essas **confissões de autores** são coisa perigosa: se se diz pouco, parece simplicidade afetada e insincera; se se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria.

Quis fugir à resposta; mas estava preso pela promessa.

Palavra de tabaréu não torna atrás...

Aí vai, pois.

Em mim o **caso literário** é complicadíssimo e anda tão misturado com situações críticas, filosóficas, científicas e até religiosas, que nunca me pude delas separar, nem mesmo agora para lhe responder.

Não tive nenhuma precocidades literárias, científicas ou outras quaisquer.

Quando escrevi a primeira poesia e o primeiro artigo de crítica, tinha dezoito anos e meio bem puxados e já andava matriculado na faculdade do Recife". (35 a 37).

"Habituei-me cedo a ser paciente, sofredor, ao mesmo tempo desconfiado, suspicaz, talvez, e, ainda por cima, resistente, belicoso".

Algumas destas qualidades são boas, parece, outras inconvenientes.

Existem em mim, encerram os germes de minhas tendências de analista e crítico. Aliadas às que tiveram origem no engenho Moreira, explicam, em grande parte, toda a minha vida e toda a minha obra". (41 e 42).

"Da minha aprendizagem de preparatórios no Rio de Janeiro, de 1863 a 67, guardo saudosas reminiscências de cinco homens que influíram assaz no meu pensamento.

Padre Gustavo Gomes dos Santos, professor de latim, pelas muitas coisas que profusamente, com muito gosto e muito saber, comunicava, em aula, não só das letras antigas como das portuguesas e brasileiras.

Foi quem me despertou o **prazer literário**.

- Joaquim Veríssimo da Silva, lente de filosofia, pelas exposições da metafísica alemã, principalmente de Kant, de que se mostrava grande sabedor.

Padre Patrício Moniz, mestre de retórica e poética, pelas excursões que, em conversa, fazia também pelos domínios germânicos, de cuja filosofia era muito admirador, combinando-a, já se vê, com a escolástica. Estes dois fizeram-me divisar ao longe os **sistemas filosóficos**.

Francisco Primo de Sousa Aguiar, a cujo cargo estavam as cátedras de história e geografia, no antigo **Ateneu Fluminense**, onde eu estudava, por suas admiráveis lições em que salientava o papel e o valor histórico das gentes germânicas, e pelas muitas cenas da terra alemã que, com intenso prazer e num acento muito comunicativo, punha diante dos olhos de seus ouvintes.

Finalmente, o barão de Tautphones, o ídolo da mocidade do tempo, verdadeiro tipo lendário, que a todos enchia de respeito, admiração e amor.

Não foi meu lente; mas, por ser a bondade em pessoa, deu-me a honra de inúmeras palestras nos tempos dos exames, em que o procurava.

A filosofia da história deste sábio tinha uma raiz **etnográfica** poderosa, que me fez logo impressão e me ficou até ao presente.

Aos dois últimos, é claro, devo o meu **germanismo** histórico, político, social, diverso do alemanismo **literário**, pregado em Pernambuco, por Tobias Barreto, de 1870 em diante.

No Recife, onde aportei em Janeiro de 1868, e onde

permaneci até 1876, levei os dois primeiros anos calado, no estudo das disciplinas que, até aos dias atuais, me têm preocupado mais.

As influências ali recebidas não fizeram senão desenvolver o que em mim já existia, desde os tempos do **engenho**, da vila, da aula primária e dos preparatórios.

As três primeiras leituras que fiz no Recife, por um feliz acaso, me serviram para abrir definitivamente o caminho por onde já tinha enveredado, fortalecendo as velhas tendências.

Foram um estudo de Emílio de Lovelley acerca dos **Nibelungen** e da antiga poesia popular germânica, um ensaio de Pedro Lerroux sobre **Goeth** e um livro de Eugênio Poitou sob o título - **Filósofos Franceses Contemporâneos**.

O primeiro meteu-me nessas encantadas regiões do folclore, crítica religiosa, mitologia, etnografia, tradições populares, que me têm sempre preocupado.

O segundo nas acidentadas paragens da crítica literária moderna, que tanto me tem dado que fazer.

O terceiro no mundo áspero e movediço da filosofia, em que me acho nas mesmas condições. Mas tudo isso já vinha de trás.

Aí ficam as várias cenas do 1º ato - **As Origens** - de minha vida espiritual.

Como, depois, me orientei de tudo isso, por entre as leituras e estudos que tenho feito por quarenta anos ininterruptos, o que aprendi dos mestres, o que tirei de mim próprio, isto é, o 2º ato do drama - **A Formação** - deixo de indicar, porque já me vou

tornando secante. A crítica indígena que o procure por si mesma descobrir e refazer, se achar nisso algum interesse.

Deixei para o fim a influência em mim exercida por Tobias Barreto, para ter o prazer de destacá-la com mais força.

Não recebi dele propriamente idéias, aprendíamos, por assim dizer, em comum.

Dele aproveitei-me intensamente, e nunca fiz disso mistério, o entusiasmo de combater, o calor da refrega, o ardor da luta, o espírito de reação, a paixão das letras, o amor pela vida do pensamento, pelo espetáculo das idéias.

E assim, penso, meu caro **João do Rio**, tenho respondido ao seu primeiro quesito.

Ao segundo, pondo de parte uma fingida modéstia que nunca tive, e sem perder a cabeça em julgá-los mui grande coisa, declaro que, se se pode assim falar, de meus trabalhos **prefiro todos**, porque cada um deles visou um fim e teve função especial: **Me gostam todos...**

Desculpe a rude franqueza de nortista.

O terceiro ponto do questionário se me antolha coisa para ser discutida em estudo aprofundado.

O momento atual parece-me um momento de simples **parada**, não de decadência.

O mesmo se deu em começos do século XVIII depois de Gregório de Mattos e Antônio Vieira, que se pode considerar brasileiro pela ação; o mesmo nos princípios do século XIX, após o surto da **escola mineira**. É o que se nota na própria Europa.

Fazendo assim de perto a distinção da **poesia** e da **pro-**

**sa**, não me parece que esteja esta pujante no momento de agora e a outra decadente.

Apurado bem os **prós** e os **contras**, eu me decidiria antes pela poesia.

Estão ainda vivos e na força da mocidade e vigor do talento seis, pelo menos, dos melhores poetas que o Brasil tem produzido. Fazem ainda verdadeira a sentença de ser o lirismo a mais fulgurante manifestação da estesia pátria.

À quarta pergunta respondo sem hesitar: a função literária e intelectual de nossas antigas províncias não é a de **criarem literaturas à parte**, como, com alguma ironia, se alvitra no Rio de Janeiro, depois que o saudoso Franklin Távora falou em **literatura do Norte**.

Não foi no sentido incriminado o seu pensamento, com o chamar a atenção para as tradições, os costumes, as cenas nortistas e com o aludir aos bons talentos daquela zona.

A sátira é escusada, ainda que parta principalmente de provincianos **acariocados**.

A função das províncias, prefiro lhes chamar assim, do norte, sul, centro e oeste, é a de **produzirem na unidade e fornecerem à Capital os seus melhores talentos**.

Sempre foi isto desde os tempos de Silva Alvarenga, dos Andradas, Cairu, Odorico Mendes, até Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Coelho Neto, Raimundo Corrêa, Artur e Aluisio Azevedo, Luiz Murat, José do Patrocínio, Graça Aranha, Araripe Júnior, Afonso Celso, Arinos, João Ribeiro, José Veríssimo, Capistrano de Abreu, Fausto Cardoso, Mello Moraes, Teixeira Mendes... e

duzentos mais, passando por Gonçalves Dias, Alencar, Porto Alegre, Macedo e as mais vivas figuras do romantismo.

Inútil é lembrar os políticos cujo número é legião.

Pelo que se refere ao Quinto e último quesito, afirmo convicto, posto nunca tivesse sido um homem de ofício, que o jornalismo tem sido o animador, o protetor, e, ainda mais, o criador da literatura brasileira há cerca de um século a esta parte.

É no jornal que têm todos estreado os seus talentos; nele é que têm todos polido a linguagem, aprendido a arte da palavra escrita; dele é que muitos têm vivido ou vivem ainda; por ele, o que mais vale, é que todos se têm feito conhecer, e, o que é tudo, poderia ser mais se houvesse um acordo e junção de forças; é por onde os homens de letras chegam a influir nos destinos deste desgraçado país entregue, imbele, quase sempre à fúria de politiqueros sem saber, sem talento, sem tino, sem critério, e, não raro, sem moralidade...

E aqui faz ponto seu admirador..." (44 a 49).

Vencer a crise do seu tempo, em Sílvio foi o primeiro dever. E daí a razão da sua linguagem manter-se, por toda a longa vida, sempre na hora presente, dentro do espírito crítico. Teve pressa. Reputou e aceitou sua vida, sem tergiversações, dentro do eterno espírito da hora presente. Foi imperioso, foi preciso. No sentimento e na inteligência se manteve vanguardeiro e atuante a intervir na ideologia de permanência no ideal social.

E daí a fidelidade de explicação, repetida, em seus livros, como que a solicitar olhos mais abertos e consciências mais justas ao julgamento da luta na missão dos tantos idealismos. É fato que

em face disso não engendrou, a seu favor, mística poderosa a divinizá-lo pelos tempos fora. Mas, sem ser divino, não hesitou em revelar o que seria o Brasil, como bússola de orientação aos jovens, desde que bem governado, a partir do último quartel do século XIX no que hoje se acentua de maneira não opulenta e nem reconstrutiva de abundantes frutos neste início de século XXI.

Nesta globalização essencialmente científica e tecnológica, de mundo dividido em blocos econômicos, Sílvio deu-nos a entender como nos renovarmos em concepções novas nos lecionamentos da **Escola Literária do Recife** e foi na **Filosofia no Brasil**, na **Literatura Brasileira e a Crítica Moderna**, no ensaio - **A Prioridade de Pernambuco em o movimento espiritual Brasileiro**, na **História da Literatura Brasileira** e no livro sobre **Machado de Assis**.

As grandes épocas de transformação e reconstrução chegaram realmente para os países que se apoiaram em critério seguro de imaginação criadora, enquanto que os sem ouro de boa lei, sem filosofia, ciências, tecnologias, letras e artes, sem natureza e perseverante movimento de renovação mental. obscuros e desvaliosos, são hoje colônias flageladas.

Pelo que a Argentina hoje, neste momento, nos faz pensar e nos faz viver, temos de reconhecer que sem concepções novas do Universo, fora da orientação de outros ideais, sem métodos mais adequados à investigação do verdadeiro, financeiramente, ruiu.

Ora, no estado atual da Argentina o que funciona é o espírito retrogrado, estático social, egoísta, politiquês, fora do inte-

resse nacional e das superioridades consagradas. Alguma coisa que a retirou da ação de combate: a politiquice. Fora da moderna evolução artístico-literária, é a foice que poda a árvore frondosa onde os países subdesenvolvidos, sem reação, são degenerados numa inércia de colonialismo e sofrimento.

Na verdade, a globalização não ajuda os países sem expressão. Os países fora do processo científico que o imperialismo respeita. O que realça um povo é o seu modo de lutar no modo de ser da realidade. Foi isso que Sílvio e Tobias lecionaram no curso universitário da Escola do Recife. Sobre isso Sílvio nos convidava para ver amanhã, o que em Pernambuco, – de 1868 a 1876, podia-se ver o que se vê hoje no que os oligarcas mutilam nossa criatividade:

Cá no Rio de Janeiro – os inimigos dele não lhe falam no nome e os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, é para dizer as maiores barbaridades. – Fazem-me mais moço do que aquele amigo vinte ou trinta anos; metem-me no número dos seus alunos na Faculdade do Recife; baralham os fatos; confundem as idéias, com o maior desconhecimento da natureza e índole das doutrinas diversas que andamos sempre a sustentar. Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho afirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco anos de sua **ação poética, primeira fase da escola do Recife**, ou **período condoreiro** (1863-68). A datar de 1868 em diante, sendo ele ainda aluno da Faculdade e eu também, é que se iniciou a **segunda fase da escola, ou período crítico filosófico**. Aí nós fomos companheiros: **Nos fuimus simul in**

**Garlandia.** No primeiro período teve por auxiliares ou rivais a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Júnior e outros de menor vulto. No segundo teve-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglês de Souza, e outros menos conhecidos. Em 1871 retirou-se para a Escada sem descontinuar, é certo, as lutas. Eu fiquei; e só em 1876 é que deixei o Recife, após oito anos de polêmicas constantes".

Em face desse depoimento, a pena, a que os inimigos o condenaram, não diminuiu. Mas, em marcha sempre para a frente, sem maior tragédia, sem incendiar o mundo, voltava-se para sua missão de autenticidade, de inteligência, sem outras cobranças a não ser a de honesta compreensão, quanto ao papel desempenhado nesta escolha dos ideais e da razão:

"Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente do Ginásio Nacional, é que foi iniciada a **terceira fase da escola do Recife ou período jurídico-filosófico**. Já então estava dali ausente; mas fui eu precursor do movimento, com a minha defesa de teses, em 1875, especialmente com a **dissertação**, na qual já largamente caracterizava os novos horizontes do direito e pregava a sua **intuição evolucionista**, citando um trecho de Von Ihering - da **Luta pelo direito**, - aspiração que veio a ser, mais tarde, uma realidade com o concurso, lições e escritos de Tobias nos últimos anos de sua vida.

Os atores, então, além do grande sergipano, foram José Higino, João Vieira, e logo após - Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Martins Júnior, França Pereira, Teotônio Freire, João Freitas, Faelante da Câmara e outros. Lembro estes fatos, porque

a terceira fase da escola não se compreende sem a segunda; e errôneo é o critério do meu querido amigo Faelante e dos escritores da **Cultura Acadêmica**, quando saltam para essa terceira fase (1882 em diante), sem levar em linha de conta os anos intermédios, nos quais se operou a passagem do **ultra-romantismo** de Hugo e do **ecletismo** de Cousin – para as modernas idéias, de que as professadas de 1882 em vante não passaram do natural desdobramento. Em que pese a quem quer que seja, não estou disposto a deixar ser bifado o meu lugar na história intelectual brasileira. É mister discriminar os períodos da escola e determinar o quinhão de cada um dos obreiros nas lides espirituais.

Tobias influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas três fases de sua vida, pelo **espírito de reação**, pela **intuição crítica**, pelo **temperamento de luta** e não por um complexo de idéias feitas, reduzidas a sistema.

Destarte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado dele nas doutrinas mais sérias. Em **poesia** - ele foi pelo **romantismo de Hugo**; eu – pelo **cientificismo**, seguido mais tarde por Martins Júnior, e contra o romantismo que ataquei com força. Em **crítica literária** – ele foi pelo **alemanismo**, como coisa a **ser imitada** pelos brasileiros; eu – do **alemanismo** só aceitava a **influência histórica da raça germânica** e o seu **espírito crítico**. Ele era em letras preferentemente pelos assuntos estrangeiros; eu pelos **nacionais**. Ele desdenhava da **poesia popular** e da **etnografia**, como base das reproduções quaisquer dos povos; eu atirava-me a **ambas, como base para a compreensão da vida nacio-**

*nal*. Em **crítica histórica** – eu era por Buckle; ele não era setário deste grande inglês. Em **filosofia** – eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer; Tobias não admirava este notável gênio, ao qual antepunha Hackel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em **filosofia do direito** ele foi pelo **transformismo haeckeliano e monismo noierista** em toda a linha; eu – por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, ele não admitia a **psicologia** e a **sociologia** como ciências, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar. Nossa ação teve, pois, pontos de contato e linhas de divergência que só uma crítica obtusa desconhecerá. Em 1879, ele no **Contra a Hipocrisia** e eu no **Repórter**, a propósito de umas censuras estapafúrdias que nos fez o finado dr. Antônio H. de Souza Bandeira, indicamos várias dessas linhas de divergência e desses pontos de acordo. Esta é a verdade e nós só queríamos a verdade".

Sim, essa era a verdade. A inversão, porém, em dar Sílvio como aluno de Tobias, apenas tinha este fito: tirá-lo do alto merecimento de um dos líderes da celebrada Escola do Recife. Eram os resíduos de cinzas que, na essência, jamais a ele chegaram em termos de se constituírem eternas.

Sílvio, no idealismo, permaneceu indeclinável no dever intelectual de alimentá-lo e não deixá-lo morrer. E é isto que nos faz sentir, no valor objetivo e objetivado, em repto de personalidade e não de paixões mesquinhas ao modo dos corrompidos e com ele inconciliáveis:

"Escrever do período **condoreiro**, sem falar em Castro

Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Júnior, Castro Rabello e alguns mais; escrever do período – **crítico-filosófico**, ou, antes, voltar por ele, e não falar no meu nome, no de Celso Magalhães; no de Souza Pinto, no de Pereira Lagos, no de Generino dos Santos, no de Inglês de Souza e diversos, é como escrever do período puramente **jurídico**, e não falar em José Higino, em João Vieira, Clóvis Beviláqua, Martins Júnior, Artur Orlando e outros, isto é, praticar um puro disparate.

A Faelante, é justo declará-lo, sou grato, porque, mui de leve e sem o cabal aproveitamento do fato, é certo, aludiu à minha defesa de teses em 1875 e ao escândalo por ela causado.

Outro tanto não posso dizer dos que aí fingem ignorar que, tendo sido eu, como diz o próprio Tobias, nos **Estudos Alemães, quem primeiro no Brasil atacou o romantismo**, foi também que, bem antes de Martins Júnior, falei em **poesia científica**, como ele mesmo confessa, no seu opúsculo que em este título.

De tudo foi o que mais desagradavelmente me impressiou. Tal o protesto que tinha a fazer, inútil para os que (como tu e o incomparável Clóvis) conhecem toda a minha vida espiritual e todos os meus escritos, mas indispensável para novas gerações por quem desejo ser julgado com pleno conhecimento de causa".

É anti-literário engedrar-se a peta onde a verdade é assim exposta com evidente franqueza. Mas, na análise dessa história, Sílvio foi massacrado, pelos desafetos, em calúnias de verdadeira tortura chinesa. A tudo suportou, convencido de que a luz lhes pudesse surgir e, deles, em troca, receber a tão ansiada justiça.

Essa, porém, jamais lhe chegou. E, por isso, no itinerário do dever-ser, não encontrou outro caminho a não ser o das repulsas.

Mas, dessa história, os amigos de seu tempo teriam de participar como testemunhas do mundo cultural que viveu em merecimentos positivos. Daí, no **Martins Pena**, de Sílvio, Artur Orlando lhe abrir o livro, a ver-lhe, o mundo moral e social, nesta valorosa exegese intitulada – **Estudo sobre o autor da História da Literatura Brasileira**, aqui reproduzida nas frações abaixo:

"No último livro de Clóvis Beviláqua vemos, fazendo parte da famosa constelação dos **Juristas filósofos**, os vultos luminosos de Tobias Barreto e Sílvio Romero".

"...não tendo por fim o autor escrever toda a história da filosofia do direito", "...era de esperar que o seu trabalho se limitasse a um pequeno número de cultores da ciência, e que, ao lado de Cícero, Montesquieu, Ihering e Post, figurassem Tobias Barreto e Sílvio Romero".

Do papel que entre nós representam Tobias Barreto como jurista filósofo já nos ocupamos na introdução às **Questões Videntes** e no estudo publicado na **Revista do Norte** sob o título – **Mundo jurídico**; hoje procuraremos mostrar a parte que cabe a Sílvio Romero em nosso desenvolvimento jurídico-filosófico.

"Era naturalmente a mim, escreve Sílvio Romero na introdução aos **Estudos de Direito**, no caso de eu sobreviver a Tobias Barreto, que havia de caber a tarefa de organizar e dirigir a publicação póstuma de suas obras. Uma amizade de vinte e dois anos, nunca, fenômeno raro no Brasil entre homens de letras, desmentida

por um ressentimento qualquer, dava-me este direito. A família assim espontaneamente o compreendeu, e foi logo fazendo diligências que me habilitassem a pôr hombros à empresa".

Mas a Sílvia Romero coube não somente a tarefa de organizar a publicação póstuma dos trabalhos do grande morto, mas ainda a glória de completar-lhe a obra, o que fez mesmo em vida de Tobias Barreto.

Além de que, sem Sílvia Romero, o eminente reformador dos nossos hábitos intelectuais teria morrido no meio do esquecimento dos seus contemporâneos, além de que foi o seu dedicado companheiro de armas que tornou Tobias Barreto conhecido, como uma glória nacional; sucede que no Brasil, especialmente em Pernambuco, o livro que mais impulso tem dado ao desenvolvimento das letras sob qualquer das manifestações do pensamento, é a ***História da Literatura Brasileira***.

A Sílvia Romero deve o Brasil a percepção clara do seu passado, a mais indispensável condição de toda a superior existência social.

Esquecendo-se dos seus feitos, a sociedade como que perde a consciência de si mesma.

Daí a necessidade da história, mas da história cientificamente organizada.

É este o inestimável valor da obra capital de Sílvia Romero". (Artur Orlando, ENSAIOS DE CRÍTICA, E. U. de S. Paulo, p. 54/55).

"Rumo bem diverso dos processos e das conclusões de Bourdeau e Lacombe segue Sílvia Romero.

Em 1880, em uma famosa dissertação de concurso intitulada – ***Interpretação filosófica dos fatos históricos*** – escreveu o eminente crítico: "O problema da liberdade tem sido mal compreendido. A liberdade é mais uma conquista da inteligência sobre o fatalismo da natureza, do que o poder que dá a presunção a cada um para fazer disparates. A velha teoria das faculdades da alma, desacreditada desde Hume e Herbart, é a fonte de todos os erros da velha psicologia sobre a liberdade. Criando domínios exclusivos na vida espiritual, a antiga escola fez da vontade um ermo recluso do espírito, separado por uma trincheira de abstrações das outras faces da vida psíquica. A liberdade não é um predicado da vontade, é antes um resultante do entendimento; consiste não em praticar ações caprichosamente, sem motivos e precedentes, mas no discernimento de abraçar um partido. Como diante de muitas teorias diversas e encontradas, o homem estuda, medita, trabalha para formar uma idéia de um assunto qualquer, e, às mais das vezes, só após muitos ensaios contraditórios e o abandono de umas quantas opiniões, é que chega a abraçar uma doutrina, e, abraçando-a, o faz em virtude de uma necessidade lógica; assim é com a liberdade. Ela tem sempre precedentes racionais; por isso mesmo não é, não pode ser, o livre arbítrio ***indifferentiae***". (Obra cit. p. 59).

"A alma humana não é somente" o número em movimento", e tanto basta para que a história não possa ser considerada uma simples" dedução geométrica.

No seio do determinismo universal há alguma coisa, que se desenvolve conhecendo-se – é a vontade imanente, que obe-

dece menos à causalidade cega do que à finalidade consciente.

É esta a necessidade de história humana sobre a história natural". (Obra cit. p. 60).

"Eis o importantíssimo problema, a que, estamos convencidos. Sílvio Romero deu brilhante solução na **História da Literatura Brasileira**.

Ali, com efeito, veremos Sílvio Romero estudando a configuração geológica do Brasil, as influências climatéricas, os meios de alimentação, o que tudo importa dizer, as nossas condições econômicas; depois investigando os elementos, que entraram na formação do caráter nacional, o que em seu verdadeiro sentido não significa outra coisa senão uma análise dos fenômenos genéticos, quer sob o ponto de vista geral da etnografia, quer sob a relação especial da família; em seguida apreciando os cantos e contos populares, isto é, os fenômenos morais e religiosos antes de serem reduzidos à forma regida das regras jurídicas; por último ocupando-se das instituições políticas da colônia e do império para então tratar das produções literárias". (Idem, p. 61)

"A riqueza nacional é mais alguma coisa do que uma simples questão de exploração da força muscular em benefício tão somente do capital". (Id. p. 62)

"A civilização para o autor da **História da Literatura Brasileira** é mais alguma coisa do que uma simples questão de latitude ou de longitude, de meridiano ou de paralelo, de planícies ou de montanhas".

"O cruzamento das três raças, branca, negra e vermelha,

tem tido mais influência sobre os nossos acontecimentos político-sociais do que geralmente se pensa".

A história da civilização brasileira nem é a do português, ousado e aventureiro, nem a do negro, paciente e resignado, nem a do índio, indomável e desconfiado; mas a história daquelas três almas em fusão, produzindo um tipo novo, que tem consciência de si mesmo, e que procura apropriar-se do seu destino.

Porém, nem mesmo supremacia atribui Sílvio Romero a este ou àquele elemento na formação da alma nacional". (28)

"Já na **Introdução à história da literatura brasileira**, publicada em 1822, estas questões são estudadas e resolvidas de modo pleno e cabal".

"A **Introdução à história da literatura brasileira** marca uma nova era para a nossa vida espiritual: basta lembrar que a cada página o seu autor faz assistirmos à montagem e desmontagem do mecanismo da psicologia nacional".

"Em um artigo publicado na **Revista Brasileira** José Veríssimo considera Sílvio Romero "o mais completo tipo representativo brasileiro.

Em face desta afirmativa vem logo à mente perguntar-se:  
- E Tobias Barreto?

Deixando de parte o lado subjetivo da questão, sem entrarmos na apreciação de quem mais encarna em sua individualidade a fisionomia da alma coletiva, sem darmos, como assentado, que Tobias Barreto teve a alma muito contrastada para oferecer o cunho do caráter nacional, parece-nos que, colocando-nos

em um ponto de vista puramente objetivo, com os olhos fixos tão somente sobre as produções dos dois filhos de Sergipe, pode-se dizer, sem faltar à veneração devida à memória de Tobias Barreto, que a obra eminentemente nacional nas nossas letras é a **História da Literatura Brasileira**". (A. Orlando, ENSAIOS DE CRÍTICA, p. 68).

"Para Tobias Barreto, em um país como o nosso, em que a política andou sempre divorciada da moral, como encarar a forma de governo senão como uma questão estética, própria para mascarar o despotismo o mais absoluto, sob a aparência de uma forma liberal?"

Sílvio Romero, porém, possui, em alta dose, esta febre ardente de ideal, que rege contra a própria corrente dos acontecimentos, para não perder a confiança no futuro, para não duvidar da boa fortuna da república brasileira". (O. Cit. p. 69).

"... o nosso hercúleo lutador teve a feliz idéia de escrever **Doutrina contra doutrina** para combater o positivismo".

"O positivismo no mundo, diz Sílvio Romero, e nomeadamente no Brasil, deve ser combatido larga, tenaz e sistematicamente, ponto por ponto, idéia por idéia, doutrina por doutrina". (O. Cit. p. 71).

"A história de uma literatura não é senão a caracterização do gênio de uma nacionalidade pelo mais significativo de todos os documentos humanos - o livro".

"Sílvio Romero pertence à família dos individualistas, dominados pelo forte sentimento da personalidade humana. O autor da **História da Literatura Brasileira** é uma natureza se-

melhante ao autor da **Democracia na América**, dirige e encaminha mais do que explica e resolve.

Hão de ver que a sua obra é mais a orientação para um fim do que a descoberta de uma origem: é uma obra em que predomina mais o senso de direção do que o da visão.

Comparando-o com Tobias Barreto, vemos que este é um lúcido, que por traz dos fatos vê, compreende tudo, afirmando a verdade como uma causa; Sílvio Romero sente as transformações sucessivas da natureza, põe-se à frente dos acontecimentos e afirma a verdade como um efeito.

O primeiro explica como da largata sai a borboleta, o segundo afirma convencidamente que a semente se transformará em flor". (O. Cit. p. 77).

"A **História da Literatura Brasileira**, porém, simples e genérica em seu início, pouco a pouco se vai diferenciando e especializando, passando do geral para o particular, do meio para a raça, da raça para o indivíduo".

"Sílvio Romero, por mais preocupado que se mostre com as influências da raça e do meio em que se desenvolveu a literatura brasileira, é, sobretudo, uma natureza individualista, dominada por um vivo sentimento da personalidade, por uma consciência nítida da dignidade humana". (O. Cit. p. 78).

Com essas nítidas condições de luta, também, o viu, no confronto, entre ele e José Veríssimo, sempre enredado no sentimento de crescimento e renovação, Álvaro Lins, na terceira série do seu **Jornal de Crítica**:

"Em José Veríssimo, aliás, torna-se muito evidente a infe-

rioridade do historiador da literatura em face do crítico literário. Ele mesmo fez esta distinção com várias outras que me parecem justas para a compreensão do fenômeno literário e o julgamento das duas figuras: as distinções entre valor histórico e valor literário, entre crítica literária e história literária, entre história da literatura e história da cultura. Quando escreveu a sua **História**, o espírito de Veríssimo já estava tão disposto, em amargura e desencanto, contra o seu tempo que não pôde dominar a vingança reacionária de valorizar mais o passado do que aquilo que era o presente na sua obra. E infelizmente para a sua memória a sua **História da Literatura Brasileira** – que é sob outros aspectos uma obra de inegável utilidade e valor – vem sendo muito mais lida e conhecida do que os seus volumes de crítica. Há neste livro, sobretudo, um tom de desabafo, de ajuste de contas, que está perfeitamente em desacordo com o critério de uma história. Desabafo principalmente contra Sílvio Romero e a chamada Escola do Recife. Cometeu então José Veríssimo certas injustiças que não eram próprias de sua crítica. E será inevitável aqui a sua colocação em face de Sílvio Romero. Era Sílvio Romero mais velho do que José Veríssimo, a quem abriu caminho, sem dúvida, para muitas idéias e estudos literários. Romero tinha uma natureza humana mais poderosa, tinha uma visão mais ampla da cultura, tinha um conhecimento mais vasto dos fenômenos sociais. Dentro da cultura brasileira a sua obra apresenta uma significação bem mais profunda do que a de José Veríssimo. Ele foi um crítico de idéias, um agitador intelectual, como jamais se encontrou outro da mesma estatura no Brasil. Veríssimo, que não dispunha dessas

qualidades, mas de outras de espécie diferente, esta por sua vez também a salvo dos defeitos de Romero: a visão parcial e apaixonada dos problemas, o ânimo polemista, o gosto exagerado dos partidos e das escolas. Sílvio Romero foi sobretudo um crítico de idéias, vamos repetir, enquanto José Veríssimo foi acima de tudo um crítico literário. Daí a superioridade de Sílvio Romero como historiador da literatura, enquanto mais se destaca a figura de José Veríssimo no ofício da crítica em si mesma. Divergiam, aliás, no conceito do que seria o fenômeno literário, e esta divergência está refletida na construção e orientação das suas duas histórias da literatura brasileira. Sílvio Romero via a literatura, de acordo com a orientação alemã, em todas as manifestações da cultura, ao contrário de José Veríssimo que via, de acordo com a orientação francesa, somente nas belas letras ou na arte literária, segundo este seu conceito: Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intenção dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, ao meu ver literatura". (39 e 40).

Estranhamente, José Veríssimo, sem de Sílvio Romero desejar uma simples linha de afeto, pelos apodos com que o mimozeou no **Zeveríssimações**, assim, nos Estudos da Literatura Brasileira, 6ª série, lhe censura nestes miúdos reparos:

"É de 1888 a publicação dos dois primeiros volumes da História da Literatura Brasileira do Sr. Sílvio Romero. Vinha essa história desde o século do descobrimento até 1870. Não obstante ser, ainda antes de acabado, o livro mais completo sobre a nossa história literária, e apesar das suas dimensões, havia nele lacunas,

sensíveis, como o silêncio sobre o romance e o teatro, que justamente antes desta última época aqui nasceram e mais floresceram".

"Reeditando agora o primeiro, prometeu-nos ele um terceiro, que deve concluir. Eu não sei se, com o desenvolvimento que nos dois primeiros lhe deu, um só lhe bastará para, sem defeito notável e prejuízo do assunto, levá-la a cabo. Obra tal, e sobretudo tão complexa e sugestiva, como é a do Sr. Sílvio Romero, não pode talvez ser convenientemente julgada senão no seu conjunto". (9)

"Nem tudo o que lhe pôs o autor é novo ou original, apesar do seu manifesto e nem sempre legítimo desdém pelos seus antecessores na história da literatura brasileira, desdém próprio dos temperamentos de luta e de negação, como o seu. Não obstante, a **História da Literatura Brasileira** do Sr. Sílvio Romero é com certeza um dos livros mais originais, ou pelo menos mais pessoais, mais sugestivos, mais copiosos de opiniões e idéias, mais interessantes, de mais veia e temperamento que jamais se escreveram no Brasil. Se inovou muito menos do que cuida o autor no, que respeita à concepção, o método da nossa história literária, foi o primeiro que para ela trouxe as noções da crítica e da filosofia modernas, que nela agitou, com maior conhecimentos das doutrinas, e mais capacidade de aplicação e generalização, as idéias que fora daqui haviam desde muito revolucionado as criações semelhantes. E a pretexto de literatura, a sua **História** discutia todos os problemas e questões que direta ou indiretamente interessavam a nossa vida nacional: políticas, econômicas, científicas, indústrias, estéticas, administrativas,

étnicas, costumes, crenças, língua, idéias, aspirações e opiniões. Apenas se achará alguma de que o livro não trata ou sobre o qual não dê o autor o seu parecer; e como ele é um nervoso, um apaixonado, um temperamento de combate, um propagandista de idéias, e traz da Academia, e lhe ficará por toda a vida, o gosto das discussões, calorosa, entremeiada de chalaça, que a camaradagem escolar desculpa, e que tem de melhor espécie luso-brasileira, a exposição delas é sempre viva, jamais monotona, nunca banal". (10)

Os críticos, vezes muitas, na maior soma, têm nesgas escuras, em menor brilho, na força e valor da literatura. Osório Duque Estrada, no fulgor da inteligência em que pontificou, ao propor mostrar Sílvio Romero isento, das mil provas de legítimo polemista, mergulha em pélagos insondáveis, de onde ninguém consegue sair sem temporal renovado e fortalecido.

O que oferece a Sílvio Romero, nos **Discursos Acadêmicos**, vol. III, da Academia Brasileira de Letras, em oposição ao menos de Araripe Júnior e ao mais ou menos de Clóvis Beviláqua, acerca das aplicações literárias do monumental construtor da História da Literatura Brasileira, o faz, por largo, apenas em face do seu gosto pessoal. Sílvio, entretanto, não pode ser o mesmo, somente porque, Osório Duque - Estrada, no **Discurso de Posse**, procura, como seu sucessor, colocá-lo separado do gládio de valente polemista. Dele nada é assim possível separar-se. Amá-lo como é, sem dúvida, é que é o correto nas autênticas necessidades da inteligência e da alma.

A liberdade, porém, é um dom inato, pessoal, na escolha

ou opção permitida entre preferências e soluções. Nesse sentido, sem dúvida, não há o que discordar-se deste depoimento de Osório Duque-Estrada, aqui reproduzido em pequenos trechos, sobre as grandezas que, para ele, em Sílvio Romero são imarcescíveis. Observe-se que, neste início de reconhecimento, na velocidade e temperatura em condições bem determinadas, Osório Duque-Estrada, já não tem vez de querê-lo mutável, frágil e contingente:

"Sílvio era por natureza o tipo a que vulgarmente se chama **homem chão**, de alma límpida e rasgada, inimigo das convenções e das atitudes contrafeitas. Repugnavam-lhe as aperturas do cerimonial e da pragmática. Em casa, ou na rua, expandiu-se livremente, muitas vezes aos gritos, pouco lhe importando a opinião do mundo, que para ele não existia, fora dos domínios da literatura".

"Não quero dizer que fosse selvagem: tinha um feitio próprio, que não procurava contrariar; não respeitava fingidamente a sociedade, não fazia, tão pouco, por afrontá-la, porque não cogitava, sequer, da sua existência; era rude, sem ser grosseiro; irreverente, sem cálculo nem artifício. A franqueza e a sinceridade eram nele predicados que sempre andavam parelhos". (133)

"Araripe Júnior, procurando assinalar a faculdade primacial, a tendência preponderante do espírito de Sílvio, não hesitou em afirmar que ele foi **essencialmente um polemista**. O sr. Clóvis Beviláqua entende que na obra literária do escritor sergipano foi a polêmica **mero incidente**, e dá-lhe antes, como qualidade antitética daquela, a **capacidade construtora** derivada de uma aptidão **crítica** predominante sobre todas as outras.

Estou, em parte, mais com este último, posto que o próprio Sílvio tivesse em grande conta o seu sempre alagado **espírito de combatividade**, e fizesse grande alarde do que acerca do mesmo proclamara Tobias, pretendendo, por isso, que na sua mão se transformava a pena em cutelo, e que com este, sem grande esforço, descabeçava os adversários.

A verdade é que foi exatamente aí que a sua obra se revelou mais imperfeita e rasteira: nela nunca jamais se viu luxuriar belezas e louçanias de estilo, avultando, pelo pouco peso e decoro – donde resultava a miúdo, e ainda quando procurava o autor entregá-la de roupas novas e domingueiras, sair-lhe a prosa estumecida de empolas e alargatada de plebeísmos. O estilo travava quase sempre, ao vibrar da sátira, que ressurtia pungitiva e mortífera; e só não fervia nem remoinhava, porque não era empedado.

Não posso, pois afirmar com Araripe que o ilustre sergipano tenha sido **na essência um polemista**; nem essa função, em que não raro o mais forte espírito se desmenta, constitui jamais um gênero especial de literatura, limitada, como é, na nossa terra, a simples desporto, em que só procura o leitor os pugilatos de idéias e de palavras, de modo que os escritos mais grávidos de injúrias são exatamente para ele os pratos mais regalados.

Dirirjo, porém, do sr. Clóvis, não só quando enxerga na **crítica propriamente dita** a principal função exercida por Sílvio, como também quando lhe confere os predicados de filósofo, estribando-se no simples fato de haver ele discutido, entre outros pontos de detalhe, **a lei dos três estados** e a **classificação**

*das ciências de Comte* e de Spencer, e bem assim a *negação* do caráter de ciência à sociologia, de Tobias Barreto; ou quando alega a intitulada teoria da *síntese bilateral do conhecimento*; ou ainda esforço idêntico para harmonizar e fundir numa pretensa *teoria de teleomecanismo universal* a *teologia* de alguns filósofos e o *mecanismo* dos continuadores de Demócrito, de Epicuro e de Descartes".

"... criticar alheios sistemas não basta para dar a alguém foros de filósofo" (133 - 138). A resposta que, a isso se pode dar, está plenamente objetivada acima pelo próprio Osório Duque-Estrada. Se Sílvio Romero aplaudidamente no *A Filosofia no Brasil, Doutrina contra Doutrina, Ensaio de Filosofia do Direito*, nada entendia de filosofia, muito menos ele. Ocorre que Sílvio Romero, queiram ou não, foi um filósofo.

Como bem expõe logo ao abrir do primeiro capítulo dos *Ensaio de Filosofia do Direito*, em face de aceitar o ser vivo, como força específica do que determina em sua espécie de surgir, evoluir, reproduzir e desaparecer, nele se firma o que esplendidamente leciona:

"Já não é mais lícito em nossos dias falar de uma ciência da natureza e de uma ciência do homem, como de coisas antitéticas. Semelhante antinomia foi um dos grandes embaraços ao espírito científico dos velhos tempos. A intuição evolucionista de nossa época atravessa esta barreira e arredou este empecilho. O homem é apenas um fenômeno no imenso mundo dos fenômenos; a sociedade um grande fato observável no meio de milhares de outros fatos observáveis".

Mas, sobre isso, no *Doutrina contra Doutrina* assim Sílvio Romero melhor se define, filosoficamente, do que deve ser aceito do ser nacional, em termos de liberdade e de vida:

"Todas as filosofias progressivas devem ser relativas, devem deixar um lado aberto na fronteira do desconhecido. É a condição de todo progresso espiritual".

Todo o sistema, todo o dogma que falta a este elementar princípio de diferenciação, torna-se implicitamente um obstáculo ao progresso, um embaraço, uma limitação ao pensamento que aspira naturalmente ao porvir".

Isso viu e entendeu também, Osório Duque-Estrada, logo depois, ainda no *Discurso de Posse*, quando assim se dá nesta confissão:

"Com efeito, toda a obra, literária, pedagógica, jornalística e panfletária de Sílvio acusa a denúncia no intuito prático de encaminhar o povo brasileiro para a conquista dos seus ideais.

Não afirmo que houvesse acertado sempre, ao indicar os nossos maiores males e ao apontar simultaneamente a medicina heróica do tratamento; afirmo apenas que consumiu mais de quarenta anos em repetir esse clamor patriótico, levantado no mesmo deserto em que ainda se perde, com todas as suas advertências de prédica e de apostolado, a palavra formosa e sempre inspirada de Alberto Torres". (140).

"De Sílvio, porém, não se dirá que não soube prever, advertir e aconselhar. Nunca deixou de dizer bem rudemente a verdade; nunca forcejou por encontrar adjetivos açacalados para iludir ou dissimular a ignávia dos nossos costumes. Admira só que

fizesse tão pouco fruto a semente tão largamente espalhada por esse espírito genuinamente representativo da nossa terra e no qual estavam todas as energias indomáveis da natureza brasileira, onde, como já dizia José Bonifácio, na pedra isolada do vale, como no Píncaro agreste da serra, por toda parte Deus estampou o verbo eterno da liberdade antes de gravá-lo na consciência do homem".

"A obra esplêndida que nos legou (a nós e ao Brasil) é um espelho fiel da sua vida, que resplandece toda de uma grande beleza moral. Sílvio é um escritor que se pode combater e criticar; mas é um lutador que se respeita, uma inteligência que se admira, uma memória que se venera, um exemplo que deve ser imitado, um esforço e uma atividade que merecem glorificados, porque promanam das mais altas virtudes que inspiram a conduta dos sábios e pensadores: o desinteresse, a renúncia, o patriotismo e o amor dos grandes ideais". (141 e 142).

Tudo isso, em Sílvio Romero, realmente, foi itinerário, foi opulência, foi luz, foi genial legado previsto em futuro, na dianteira dos hesitantes e confusos, perdidos na noite, às cegas, amedrontados, sem aleluia e amem, neste país continental, rico, mas ainda esmagado e demagogiado, entre lágrimas e pobreza. Para esses, de fato, o Brasil, continua desconhecido na fabulosa riqueza mineral, na colossal floresta, e na maior bacia hidrográfica do mundo. Para os alienígenas supercivilizados porém, causa espanto, comentários que ainda esteja à espera do seguidor de Sílvio capaz de fazê-lo idealista, claro e rápido, no bom combate de ser venturoso, sorrir e triunfar.

## 2. O TERRITÓRIO E A RAÇA

A discordância de Sílvio Romero sobre o livro – A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça, de Teófilo Braga, em certas inclusões, de onde derivou a história do idioma, levou Fran Paxeco a um destempero de inclinação verrinosa e não polêmica. A contestação, por isso, ao que parece, foi de confusão da imagem, porque de hostilidade.

Para verrinar Sílvio Romero na improcedência em que o fez, tenho que Fran Paxeco, na defesa de Teófilo Braga, não foi um crítico disposto a conhecer a verdade acerca das origens do povo português. De fato, foi-lhe mais fácil blefar os fatos do que ler, com responsabilidade e compreensão, períodos como este em que Teófilo Braga procura valer-se duma hipótese, a fim de não reconhecer que se enganou sobre as investigações da raça ibérica, nestas conclusões:

"... a raça turaniana precedeu na península as raças áricas e preparou o caminho da sua civilização. A raça turaniana divide-se na península em dois ramos; o primeiro e o mais antigo, é uma derivação do tipo **bérbere**, vindo da Ásia através da África, e ficando-se ao sul da Europa e nas ilhas do Mediterrâneo.

A este chamaremos o ramo **ibérico**, que se estende pelo sul da França, região meridional da Itália e ilhas Britânicas". (A Pat. Port. p. 100).

Se o propósito de Fran Paxeco era igual, ao de Teófilo Braga, misturar para confundir, ainda assim não conquista nem dá garantia aos jovens de hoje. A consciencialização dos estudantes de História, já agora é mais claro. Portanto, mais intelectual na repulsa às frustrações e alienações. A hora é a de alcançar, sem constrangimento, tudo o que os países em desenvolvimento têm direito. Dos países que sobem, verdades como esta, não esmaga o homem nem o constrange. São mais, ricas neste direito:

Além da origem latina, o léxico português possui outras origens, tais como: a **céltica**, a **ibérica**, a **fenícia**, a **cartagineza**, a **grega**, a **hebraica**, a **germânica**, a **árabe**...".

Depois da Reconquista, o **português** recebeu ainda palavras: do francês ao **provençal**, do **espanhol**, do **italiano** e do **inglês**. Na faixa ocidental da **Península Ibérica**, o **romance** criou a chamada língua **galaico-portuguesa**. A fase **galaico-portuguesa**, do século XII ao século XIV, era comum às gentes de Portugal e da Galiza. Entre os séculos XIV e XVI, o **português** separou-se do **galego**. Sobre estes informes, leia-se – Questões sobre a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, de Alexandre de Carvalho Costa, (págs. 15 e 18).

Numa pesquisa cuidadosa, oriunda do choque de seu nascimento, através da transição da sociedade tribal, encontra-

mos, na relação acima, a presença das raças que contribuíram para o aparecimento do léxico português, sem influência plausível dos povos de **Tur**, patriarca hebreu.

Sem dúvida, os turanianos são povos uralo-altaicos, aos quais pertenciam os Hunos, os Magiares, os Turcos. Os Turcomanos, também, pertencem à família dos Turânios, ou Turanianos. São turcos ou Tártaros. Vivem no Turcomenistão e na Pérsia. O Turcomenistão, na Ásia, é hoje, uma República limitada a O. pelo mar Cáspio e a Pérsia, ao S. pelo Afeganistão e ao Norte e Este pelo Casaquistão. Àquele tempo não possuíam o poder guerreiro capaz de levá-los a uma supremacia de participar influentemente das origens da nacionalidade portuguesa.

Sobre isso, para melhor esclarecimento, vale ler-se no livro - NOVOS ENSAIOS CRÍTICOS, de M. Pinheiro Chagas, estes períodos:

"Portugueses somos, portugueses nos prezamos de ser, rejeitamos a idéia de nos tornarmos castelhanos, mas o nome de espanhóis cabe-nos tanto como aos nossos vizinhos".

"Filhos da mesma raça, herdeiros das mesmas tradições, os povos da Península Ibérica dividiram-se necessariamente, logo que, depois da conquista árabe, cada terra começou a emancipar-se do jugo infiel como podia, e quando podia".

"As condições diferentes em que esses territórios estavam colocados alteraram de um modo vazio a língua latina comum à Espanha toda, e introduziram-lhe diversas modificações, modificações de onde provinham diversos dialetos".

"Portugal e Castela, apesar das suas repetidas dissensões, sempre reconheciam o laço fraternal. Essa fraternidade tempestuosa sim, mas por isso não menos verdadeira, reconhece-se principalmente na poesia popular. Raro é o rimance, a chacara, a balada de que não haja dupla versão castelhana e portuguesa. Qual foi a primitiva? É impossível saber-se". (págs. 72/73).

O que aqui se procura mostrar são as falsas-razões das verrinas de Fran Paxeco, para defender Teófilo Braga dos possíveis deslizes historicistas, acerca do que afirmara Sílvio Romero sobre as origens da nacionalidade portuguesa; no efeito, esvaziaram-se pelo malogro.

Por outro lado, ocorre que o próprio Teófilo Braga, em seu livro – A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça, sem outra razão, é quem, para aliviar o ônus de sua responsabilidade, sujeita ao fato, anula o anti-romerismo de Fran Paxeco, neste convencimento:

"Na história de Portugal reflete-se esta oscilação; o Condado da Galiza, que luta pela sua independência contra a absorção castelhana, estende-se primeiramente até ao Douro, e em uma segunda época até às margens do Tejo; o Condado de Portugal, nas lutas pela sua constituição autônoma, procura primeiramente incorporar a Galiza, e só depois de repelidas estas ambições que ainda apareceram no reinado de D. Fernando, é que o território nacional se conquista sobre os árabes do Alentejo e do Algarve, onde na época céltica se haviam estabelecido os Turdestanos ou Túrdulos. Por esta incorporações dos Túrdulos

pelos Lusitanos, se compreende também como os portugueses tendiam para a conquista do Algarve".

"Os Turdestanos, ou Celto – fenícios, receberam um impulso de civilização dos navegadores fenícios; os nomes de Tejo, (**Dagi**) de Lisboa, (**alishubbo**) e muitíssimas outras denominações toponímicas de origem fenícia, como notou primeiramente Bochart e desenvolveu depois Malte-Brun, são um documento flagrante dessa ação civilizadora, que tornava os Turdestanos os iniciadores de uma organização nacional. Esta superioridade foi porventura o móvel que os levou em expedições para o noroeste da península, e assim se explica o fato aparentemente contraditório citado por Strabão, em que apresenta os Lusitanos, das margens do Tejo, estabelecidos pelas margens do rio Lima". (págs. 144/145/146).

Diante disso, é interessante saber-se que a Turdestânia, região da antiga Bética, situava-se na Espanha meridional. Ocupava a parte Norte Ocidental da Andaluzia. **Gades**, hoje Cádiz que, na época, era a sua cidade principal.

Parece que o empenho de suplantar historiadores da mestrialidade de Alexander Herculano e Oliveira Martins, aprofundou a insatisfação de Teófilo Braga, no que não teve tempo de pesquisar com perfeição, para impressionar, e o resultado, sem o permissível de torná-lo original, não foi satisfatório.

Camões deu muita importância, na formação da raça portuguesa, ao **Lusitano**. Todavia, veja-se como Teófilo Braga, para se não deixar vencido diante de historiadores da imponente de Herculano e Oliveira Martins, embrulhou as

origens da nacionalidade portuguesa de onde nem ele, depois, conseguiu sair:

"Tudo quanto se sabia das raças da Península era exclusivamente limitado as que escreveram os geógrafos gregos e romanos; os processos da filologia ampliaram os recursos para a descoberta da sucessão e habitat das raças como fez Humboldt; depois a antropologia e arqueologia pré-histórica ajudaram a definir os tipos morfológicos; por fim a etnologia, pela comparação dos grupos da mesma raça nos seus costumes e formas de atividade, recompõe a vida e pode já tirar conclusões seguras esclarecendo a história, aproximando-a o mais possível da verdade. É assim que sobre a origem dos Iberos as conclusões são já positivas, porque está demonstrado que essa raça é um ramo da grande raça Líbica, vinda da Ásia meridional já pela África até ao Mediterrâneo com o elemento líbio. Os Iberos da Ásia revelam-nos como uma parte penetrou na Europa descendo do norte ao sul, ou os **Eusk**; as relações dos costumes dos Iberos da Espanha, e em geral de todo o Mediterrâneo ocidental, com os Bérberes da África, mostram-nos como o **Iber** veio realmente através da África ocupar a Europa antes das invasões dos Árias. Assim a solução deste problema concilia todas as teorias, quer de Filippus ou de Maspero, e mostra-nos como a civilização ibérica, influenciando ainda nos destinos das nacionalidades ocidentais, foi a conseqüência de um movimento da grande raça que cedia na Ásia o campo à ação dos Kuschitas, dos Semitas e dos Árias. Que nome se há de dar a essa raça que não é

negroide, nem rigorosamente branca? Desde que o nome de **Turan, Duran, Taurus e Dirin**, tem um valor tópico entre os povos líbios e ibéricos, está achado o valor científico de designação de **Turaniano**, como exprimindo esta civilização primordial". (A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça, pág. 185/186).

Como se vê, após esse disparate de Teófilo Braga, na decadência histórica em que nos deseja impingir gato por lebre, os dez contos imortais do poema épico, *Os Lusíadas*, param o curso original do povo português, na forma em que Camões os celebrou e os civilizados aceitaram como o mais importante dos tempos modernos.

Após a excelente descrição que Camões fez do heroísmo português, em seu influente e inigualável **Os Lusíadas**, Teófilo Braga afirmar que o **Turaniano** exprime a civilização primordial entre os povos líbios e ibéricos, a suscitar o conflito em que se merecem nesta repreensão de Antero de Quental:

"A uma geração de filósofos, de sábios e de artistas criadores sucede (na Península Ibérica) a tribo vulgar dos eruditos sem crítica, dos acadêmicos, dos imitadores".

E realmente assim no seu – PROSA DOUTRINAL DE AUTORES PORTUGUESES, Segunda Série, Antônio Sérgio, na própria aspiração de incorporar a nacionalidade portuguesa na sabedoria, na estabilidade, na glória, na força em que Camões criou os dez cantos eternos de **Os Lusíadas**, no que existe, a valer-se da similaridade entre o que se pode aceitar como definido na História de Portugal e o que só exis-

te no conhecimento de vagas e ilusórias opiniões, afirma:

"Com efeito, se olharmos o nosso passado, ver-se-á que até o fim do Quinhentismo Portugal acompanha galhardamente o melhor espírito europeu, a mentalidade dos povos cultos; então, pode-se dizer que ele está na Europa, e a muitos respeitos na vanguarda dela; mas depois... Depois, desde essa data, o facho apaga-se; e o que se vê posteriormente é o estacar (o cair de golpe) desse Portugal do Renascimento. O espírito português do Quinhentismo – foi promessa que se não cumpriu".

"Assim, pode dizer-se resumidamente, no ponto de vista intelectual, que a história do País no Seiscentismo é o espetáculo do estiolamento da mentalidade portuguesa; e que a sua história no século XVIII, e no século XIX, é a das goradas tentativas para nos repararmos desse grande mal. Depois dos dias do Quinhentos, o que se chama espírito moderno nunca mais vigorou na nossa terra". (p. 141).

"E agora? Agora, no século XX? Agora – estamos na mesma. Relativamente, no mesmo estado. Não nos iluda a existência de portugueses excepcionais, que se educaram nos laboratórios e nas leituras dos estrangeiros. A cultura autêntica, a cultura crítica, não impera ainda em Portugal. Somos o "Reino Cadaveroso"; somos o "Reino da Estupidez". Não digo isto para desanimar: bem ao contrário: pois nesta mesma cidade em que estou falando, (Coimbra) e nos próprios campos onde aloura o trigo, se presente já um arrebol. Vingará? Não sei. Portugal, por enquanto, é ainda o Reino da Estupidez: mas espero para breve (e para muito breve) a aurora do dia em que o não será". (p. 142).

Com efeito se, nos séculos XIX e X, Portugal teve o escritor Teófilo Braga a lhe jogar em tropeços de nacionalidade, Camões, no século da Renascença, assim vê Portugal na estrofe que termina neste verso: ***e tudo, sem mentir, puras verdades***"... Daí porque realmente, em Os Lusíadas, v. 17, fulgura nesta explicação:

***Os casos vi que os rudos marinheiros,  
que têm por mestra a longa experiência,  
Contam por certos sempre e verdadeiros,  
julgando as coisas só pela aparência:  
e que os que têm juízos mais inteiros,  
que só por puro engenho e por ciência  
vêm do mundo os segredos escondidos,  
julgam por falsos, ou mal entendidos.***

Na realidade, como nos esclarece o douto Antônio Sérgio, em seu livro – PROSA DOUTRINAL DE AUTORES PORTUGUESES, Portugal, no século XX, não foi em desenvolvimento de exigências ético-culturais de vida social moderna, em ordem de confronto relativo, o que foi nos tempos antigos.

Embora sem participar, nas frentes de combate, da Segunda Guerra Mundial, até parece que Portugal deixou-se ficar fora da engenhosa especulação dos países influentes que dominam o mundo como um todo. Antônio Sérgio viu isso como franca hostilidade aos países que decaem pela perda de cívicos ideais. Não desmereceu seus compatriotas. Convidou-os, com vivo estímulo, para se afirmarem neste correto exemplo do mundo sem-

pre em fluxo de mudança:

"Discutindo idéias das Autoridades que a experiência das Navegações mostraram falsas, diz Duarte Pacheco no seu **Esmeraldo**: "a experiência, que é madre das coisas, nos desengana, e de toda a dívida nos tira", e adiante exclama: "a experiência é madre das coisas, e por ela soubemos radicalmente a verdade". "A experiência nos tem ensinado", acrescenta ele, "a experiência nos faz viver em engano das alusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da derivação da terra e do mar... que a melhor parte do saber de tantas regiões e províncias ficou para nós, e nós lhe levamos a virgindade... e nestas coisas a nossa nação dos Portugueses precedeu todos os antigos e modernos em tanta quantidade, que sem repreensão podemos dizer que eles, a nosso respeito, não souberam nada". Vede que belas, que triunfantes, que sublimes palavras a deste herói; e como tais palavras, para os homens de hoje, significam uma coisa muito mais grandiosa, muito mais amada, que a vitória do seu autor na defesa dos Passos de Cambalão". A experiência é madre das coisas, e por ela soubemos radicalmente a verdade: sim, meus senhores: fixemos na memória esta frase de ouro, esta frase auroral que resume um século – já pelo caminho que ela traça ao espírito, e já (mais ainda) pela **atitude crítica** em que se gerou: a "experiência é madre das coisas, e por ela soubemos radicalmente a verdade". (p. 149).

O que acima nos deu a ler Antônio Sérgio foi que, Portugal, na conveniência, em relatividade de indústria e de pro-

gresso, não acompanhou a experiência dos antigos no que, dentro do novo, não podia deixar de fazê-lo, para multiplicar-se. Não viu e não se defendeu inteligentemente, como no passado, da ambição selvagem dos vizinhos, no jogo competitivo que o afundou na passagem de suas colônias aos detentores estrangeiros do novo dinheiro do mundo.

Portugal, em face disso, nem conseguiu ficar com as suas colônias, após o término da Segunda Guerra Mundial, nem conseguiu impor-se em genuína vitalidade de economia. O que revela a dimensão progressista de um país, sem dúvida, é o crédito que conquista.

Se continuar, como os países latino-americanos, sem capacidade de robustez no desenvolvimento econômico, no século XXI, seu futuro estará comprometido no modo de revigorar a economia de seu povo contra a espoliação alienígena do capital financeiro de exportação.

Todavia, já agora, neste século XXI, ano de 2002, Portugal volta ao seu tempo de vitoriosas realizações em feitos valerosos e gloriosos. Tomou consciência mais exata acerca das origens e heroísmos de seu povo e em novo padrão social à restauração de seu patrimônio de aumento progressivo de sua produção, novamente se atinge mais inteiro ao que existe em sua atualidade de país respeitável dentro da atual competitividade de mundialização do **Euro** em face do dólar.

É o ressurgimento de uma Nova Europa capaz de enfrentar a Nova Globalização Dominadora dos Estados Unidos em Novos Tempos! Novos Rumos! Nova educação mais políti-

ca, mais igualitária e mais monetarizada ao preenchimento da automação deste admirável Mundo Novo.

Desde o século XV extensas navegações, levaram a língua portuguesa para a África, Ásia, Oceania e América. Aqui se desenvolveu uma grande nação, o Brasil, cujo idioma nacional é o português, não tal qual se fala em Portugal, mas com a pronúncia diferente, pequenas divergências sintáticas e o vocabulário grandemente opulentado por numerosas palavras indígenas e africanas, e outras criadas ou adotadas em nosso meio.

A língua portuguesa não se tem conservado invariável durante a sua existência, já de vários séculos. Para facilidade do estudo, adotaremos a sua divisão em dois períodos: o português arcaico, desde as origens até o século XVI (1550), e o português moderno, daí aos nossos dias. Examinando-se a língua nessas duas fases, notam-se diferenças importantes na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico.

Luís de Camões, o grande poeta, e outros humanistas do século XVI não desconheciam a origem latina da nossa língua. Camões, nos *Lusíadas*, diz que quando Vênus, a deusa protetora dos lusitanos, a considerava, supunha ver nela, um pouco alterado, o próprio latim.

Num soneto célebre, o poeta brasileiro Olavo Bilac alude à origem latina do português, exalta a sua faculdade de se prestar aos vários estilos, desde o da poesia épica até o que convém à saudade e à ternura, recorda-lhe a expansão através das marés e a sua penetração nos sertões virgens das terras descobertas, e salienta o nosso apego ao falar em que primeiro ouvi-

mos a voz materna, e em que o maior poeta do idioma, Luís de Camões, gemeu a sua desgraça:

## LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os Cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela,  
E o arrôlo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: "meu filho!"  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!"

(Poesia, 286), (pp. 18/19).

Ainda que se o tenha como ousado para explicar-nos as origens de A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça, Teófilo Braga, não atinge, de fato o passado pré-histórico do povo português, nos conhecimentos em que se assenta, "a veracidade cognitiva que a **história** ergue sobre a História?"

Um pesquisador não consegue jamais tornar autêntica as origens de um povo sem validar-se em vasta documentação escrita e histórica. Sem revelar-se amparado nos fundos manuscritos das bibliotecas e dos arquivos. Sem o achado de sólidos documentos escritos e inéditos.

Sem pensar anular de vez o turianismo de Teófilo Braga, defendido por Fran Paxeco, tenho que as verrinas disparadas contra Sílvio Romero, na captação documental da pré-história portuguesa, no deslouvor, ficou aquém do alvo.

A Teófilo e Fran faltou-lhes o concreto e o sutil que definem as falhas de Sílvio Romero quando os refutou acerca de um turanismo encerrado nas abstrações de aventura intrincada ou ambígua. Uma aventura sem o minucioso da certificação escrita. Dos recursos legítimos que comprovam sem direito à obtenção de juizes identificados com a autenticidade da lógica e do fato.

### 3. ORIGENS DA NACIONALIDADE PORTUGUESA

Para converter em realidade a contestação de Sílvio Romero acerca do livro *A PÁTRIA PORTUGUESA* de Teófilo Braga, considereei fator de suma importância, conhecer, no que me foi possível, a influência dos povos que determinaram as origens da língua portuguesa.

Fora desse conhecimento não teria vez para comprovar que Fran Paxeco, na defesa de Teófilo Braga, sem exaltá-lo uma só vez em seu turianismo, não o protege das increpações romerianas, em seu livro desobrigado de polidez: *O SR. SÍLVIO ROMERO E A LITERATURA PORTUGUESA*.

Para raciocinar criadoramente, um crítico tem de aceitar-se em capacidade de conhecer a verdade e revelá-la em interpretação qualificada e eficiente. É o que, daqui para frente, acredito testemunhar numa pesquisa consciente e criadora autenticada na obra de Sílvio e Teófilo, em face das insólitas verrinas de Fran Paxeco.

Meu objetivo, pois, neste ensaio, não vai além de conceitos e comparações. Se possível, orientar-me com acerto nos conhecimentos culturais de Sílvio e Teófilo, sem intuito de molestar Fran Paxeco em suas verrinas. Ainda que, no que poderemos constatar, um tanto fora da norma comum de pesquisa disciplinada e consciente.

Em suas investigações sobre as origens da língua portuguesa, Fran Paxeco, na verdade, em defesa do turianismo de Teófilo Braga, nada informa sobre o idioma que, hoje, chamamos português. Antes de tornar-se língua oficial, cem anos antes, o português já era o instrumento de "uma literatura brilhante e rica".

Qualificativa e funcional já era a cantiga atribuída a D. Sancho I. Até hoje são válidas as palavras então por ele usadas. Consoantes afirmações do Padre Arlindo da Cunha, notável professor nos Seminários de Braga, a língua falada nas margens do Minho era o galaico - português. Do falar de então, eis o que nos informa:

**Divisão em épocas:** – "Sendo o português da atualidade diverso, como é natural, do da Idade – Média, é costume dividi-lo em **português arcaico** e **português moderno**. O primeiro vai do aparecimento dos primeiros documentos literários portugueses (século XII) ao século XVI.

O segundo vai do século XVI aos nossos dias.

Costume-se distinguir ainda outro período, o do português **proto-histórico**, que começa na altura em que nos documentos latino-barbáricos transparecem as primeiras palavras e expressões portuguesas (séc. VIII a XII). O Sr. Dr. Rodrigo de Sá Nogueira faz recuar este período em quinze séculos, dizendo que, como "as línguas se não formam de um jato, devemos admitir que o português começou a formar-se desde o momento em que os Romanos se estabeleceram no nosso território". (A LÍNGUA e a LITERATURA PORTUGUESA, História e Crítica, 2ª Edição, 22/23 - 1945".

Para a erudita Carolina Michaelis, o vocabulário português já era riquíssimo no período arcaico. "Muitas palavras de origem ibérica, céltica e germânica, tinham penetrado no baixo-la-

tim, e só mediante esta língua chegaram ao português. O grego médio ou bizantino exerceu influência no nosso vocabulário, sobretudo através do árabe e um pouco por meio do espanhol e do francês". (ib.)

O galego, que até o século XIV acompanhou a língua portuguesa, deixou de ser comum nas duas margens do Minho em face de Galiza ter sido incorporada no reino de Leão. Não evoluiu no igual trilho da disciplina gramatical do português. Abandonado quase parou em sua evolução.

Enquanto isso, o **português literário** adquiriu maior vigor, maior maleabilidade ao tempo de D. Afonso III. Enriqueceu-se através dos séculos para revelar-se ao mundo em estrofes épicas, gloriosas das quais um povo se pode orgulhar. Neste particular, D. Duarte no **Leal Conselho** e no **Livro de Enseñança** aproximou o vocabulário e a sintaxe do português da língua Mãe, numa espécie de transição de nosso idioma arcaico para o moderno.

Mas, de fato, após sua morte os poetas do **Cancioneiro Geral** e o próprio Gil Vicente desprezaram as formas cultas e modernas a fim de melhor aproveitaram as populares e antigas. No entanto, leve-se em conta que as formas cultas usadas por D. Duarte foram continuadas pelos escritores do Renascimento. Afirma-se em maior projeção por Camões e os gramáticos Fernão de Oliveira, João de Barros e Duarte Nunes de Leão. Até o surgimento das obras de Francisco de Moraes e Rodrigues Lobo que escreveram numa linguagem pouco diferente da atual". (Apud., id. 25).

No A LÍNGUA e a LITERATURA PORTUGUESA, o Padre Arlindo Cunha considera como Autores que marcam o início do **português moderno**, Camões, como poeta, e Francisco de

Morais como prosador. Na verdade, o desenvolvimento científico da Nação e as relações com outros povos contribuíram para aumentar o nosso léxico.

Ainda, no enriquecimento de nossa literatura, escritores da eminência de Campos Monteiro, Manuel Ribeiro, Antero de Figueiredo e Aquilino Ribeiro melhoraram a importância do léxico português com palavras oriundas dos idiomas estranhos de origem popular e provincianismos que, já agora ninguém deixa de usá-los.

Conquanto ainda não seja explicada e entendida como oficial, a história da literatura portuguesa mais aceita ou em uso, cronologicamente, sempre mais propende para firmar-se nestas três épocas:

**Época Medieval:** 1189 - 1527. Trovadores e hagiógrafos (1189-1385), do ciclo **Afonsino** no reinado de D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III; do ciclo **Dionisíaco** no reinado de D. Deniz, D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando; dos Poetas palacianos e cronistas (1385-1527) no reinado de D. João I, D. Duarte, D. Afonso I, D. Afonso V, D. João II e D. Manuel.

**Época Clássica:** 1527-1826. Quinhentismo (1527-1580) no reinado de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique. Seiscentismo (1580-1756) no reinado de Felipe I, Felipe II, Felipe III, D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II e D. João V. Arcadismo (1756-1826) no reinado de D. José I, D. Maria I e D. João VI.

**Época Moderna:** 1826 - Romantismo (1826-1865) no reinado de D. Miguel, D. Pedro IV, D. Maria II, D. Pedro V. Realismo (1865-1915) no reinado de D. Luiz I, D. Carlos I e D. Manuel II. Nacionalismo (1915).

Sem perder de vista essa cronologia do erudito Padre Arlindo Cunha, Portugal num largo tempo acima de quatro décadas, reduzido a uma semiliberdade de iniciativa democrática em níveis de movimentos literários, quase afasta seus intelectuais do passo em frente na luta de participação concreta na rica e positiva vanguarda das boas-lettras.

Não ignoro, porém que, hoje, Portugal com liberdade de acesso em todas as correntes de opinião, organiza-se, impõe-se e, identifica-se vitorioso e esclarecido na atual conjuntura mundial da União Européia. Hoje, o desenvolvimento do povo português não se faz abandonado e fora da atual conjuntura da soberania nacional.

Daí porque pretendo julgar o indispensável que Fran Paxeco censura no seu livro O Sr. SÍLVIO ROMERO E A LITERATURA PORTUGUESA - sem se garantir em boa pesquisa. No intuito, revela-se mais propenso ao insulto do que ao compromisso de independência e liberdade permitida no exercício de uma análise literária.

Não quero, por isso, repito, de antemão dispensar-me de solicitar aos leitores escusas acerca do que acaso possa ter-me excedido. Minha intenção aqui é de conceito e legitimação da verdade. Isto porque, não ousou negar que o livro de Fran Paxeco intratável nas diatribes, não tenha, levado Sílvio a frear seus ataques, por vezes, impulsivos contra Teófilo.

Diga-se, porém, que nesta disputa da oposição de Sílvio aos turanianos de Teófilo nas origens do povo português, nem Fran Paxeco nem ninguém, até hoje, conseguiu desbancá-lo do que afirmara.

Daí porque ludibriado nas pesquisas em que procura de-

fender o turianismo de Teófilo Braga, sobre as origens portuguesas, Fran Paxeco acredita ser a bússola axiométrica de um princípio que, sem conseguir esvaziar as informações reparativas de Sílvio Romero, como no jogo da cabra-cega, despenca-o numa intolerância de embustes e mistificações.

Socorre-se, por isso, do efêmero. De notas ao sabor dos acontecimentos contraditórios. Não impressiona. Mas, procura sob as mil faces do engodo, insistir e manter suas pesquisas.

Podia invalidar Romero noutros aspectos pesquisativos. A belicosidade, porém, não o deixa revelar-se influente como intérprete da pré-história portuguesa. Sonhou tornar-se um demolidor dos que negaram brilho a Teófilo Braga.

Com efeito a crítica de Fran Paxeco não atua sobre o que precisa autenticar, mas acerca do que precisa anular no que lhe falta em comprovação, pujança e finura. Não tem arte: É mais uma reação agressiva. Flutua em páginas de insulto. Em fúria, numa concepção desequilibrada árdua e extenuante.

Na História de Portugal não cabem, por isso, os quadros que não descendem das raízes, do sangue e da alma lusitana. As origens da nacionalidade portuguesa não podem ser forjadas em arranjos de impostura. Temos de aprender a respeitá-la em brio e dignidade. De a entendermos nesta oitava poética de Sá de Miranda, prodigiosa e admirável, assim em precaução:

***"Andei d'áquem para além,  
Terra vi, e vi lugares,  
Tudo seus avesso tem:  
O que não experimentares,  
Nam cuides que o sabes bem,  
E às vezes quando cuidamos***

***Que algũa cousa entendemos***

***A cabra cega jogamos...***

***(Cit. de Hipólito Raposo, na introd.  
de seu livro - Modos de Ver).***

Um historiador orgulhoso de seu valor, jamais pensa em ser menos. Mostra sua pátria no que foi e no que é em progresso, sem fazer uso de informações insinceras e desleais. Nestes versos da ELEGIA II, Camões isto nos diz:

***"Olha, animal humano, quanto vales,  
Que por ti este grande Deus padece  
Novo modo de morte, novos males".***

Na intolerância, Fran Paxeco não pôde evitar o apocalíptico. Tornou-se confuso. Não mostra os deslizos de Sílvio Romero. Afundou, em revoltas, num turianismo ilógico nas origens do povo português. Não aclarou as pesquisas de Teófilo Braga. Não o favoreceu como historiador substancial da civilização da liberdade e do progresso dos lusitanos.

Na Península Ibérica, hoje, existem dois países livres e soberanos - Portugal e Espanha. Os Iberos, na tradição, deram nome à Península. Na invasão dos Celtas, na fusão com os Iberos, surgiram os **celtíberos**. Os cartagineses e romanos deram oportunidade ao aparecimento de um grande império. Após a expulsão dos cartagineses, os Lusitanos, às investidas dos Romanos, lhes oferecem heróica resistência. Nesta pendência, sucessivamente, os lusitanos foram comandados por Viriato e Sertório.

Todavia, em face das traições, os romanos dominaram a Península por mais de 4 séculos. Em face desta dominação, a Pe-

nínsula, sem outros meios, aceitou, realmente, a língua, a religião, os usos e costumes de Roma. No século V, porém, a Península foi invadida pelos bárbaros das tribos dos Alanos, Vândalos e Suevos. A seguir, pelos Visigodos e pelos Árabes.

Neste decurso de raças invasoras, porém, quase nada existe a respeito da Lusitânia pré-romana. Escassas informações científicas oferecem a arqueologia, a etnografia e a lingüística diante das opiniões de Estrabão. Dos Celtas é que os arqueólogos colhem informações pré-históricas mais positivas. Vejamos, pois, o que a propósito dos **Celtíberos** nos informa o douto Francisco da Silveira Bueno em seu – **A Formação Histórica da Língua Portuguesa**:

"Em documentos antiquíssimos mostra Leite de Vasconcelos os antropônimos **Cominius, Galles, Lovesa, Cantius, Caturo, Viriatus, Medamus, Rectugenus**, embora pareçam latinos pela terminação, encerram todos elementos celtas de formação".

"Por estas influências fonéticas do celta, a língua portuguesa aproxima-se muitíssimo da francesa, quer pela nasalidade, quer pela ditongação, afastando-se do castelhano e do catalão. Desta forma, o celta foi, na Lusitânia pré-romana, o elemento de maior valor lingüístico para a estrutura íntima do nosso idioma".

"Vários modismos e usos sintáticos chegaram do grego vulgar através do cristianismo e sobretudo dos Livros Sagrados. (V. págs. 24/25 e 26). "Humboldt foi o primeiro a ensinar que os iberos eram africanos, um dos povos da bacia do Mediterrâneo, como os etruscos, como os bascos. Esta unidade ibérica mesclou-se depois com a dos celtas, dando a fusão **celtibérica**, os **celtíberos**". (id. 21/22).

Em tudo isso, de fato, em civilização e não em fanatismo, a História de Portugal, em face do heroísmo de seu povo, no descobrimento de novos mundos e no domínio dos mares e oceanos, não pode ser estéril e insolúvel. Um povo sobrevivido em epopéias, não pode ser banal e vulgar.

Um povo assim, não desaparece do valor estóico de sua convicção, de suas idéias, de seu progresso, de sua fisionomia moral e social, em face das torpezas e dos corruptos. Portugal jamais deixou de levantar-se e progredir em oposição aos insensatos que, de quando em quando, desejam sepultá-lo em submissão aos donos do dinheiro do mundo.

Daí porque tiro o meu chapéu diante dos portugueses que abominam os ineptos de conhecimento da História de Portugal. A tomarem a nuvem por Juno esses fraudadores despencam em burla, diante de lições como esta de Fidelino de Figueiredo em sua HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL (Séculos XII - XX). Em síntese, ei-la na essência do que é:

"Na sua maior parte, o léxico português é de origem latina, visto que o povo português é um dos herdeiros do patrimônio romano. Mas tem sido enriquecido por influências muito diversas, umas coetâneas da própria transformação inicial – infiltrações hispânicas primitivas, fenícias, gregas, êscaras, célticas, germânicas e árabes, isto é, dos aborígenes e dos sucessivos invasores da Península...". (p. 33).

Um historiador orgulhoso de sua honestidade, naturalmente, torna-se útil em labor consciente. Não se inferioriza em recursos sofisticados. Daí porque tenho que Fran Paxeco nos modos de ver as origens do povo português, para fortalecer suas verrinas jogadas contra Sílvio Romero, pecou, muitas vezes, em análise

aguda, no propósito de assegurar as pesquisas de Teófilo Braga, acerca do turaniano, dentro da História de Portugal.

Sobre isso, o seu livro não se afirma em correto exame crítico sobre os possíveis erros de Sílvio Romero. É turvo e se manifesta em escândalo acerca de assunto tão importante. Parece fácil, por exemplo, fazer o que Camões fez na originalidade de seu imortal **Os Lusíadas**. Entre o épico e o mítico, enriqueceu o seu poema imortal de concepções mais atrativas, mais vigorosas e mais empolgantes. E, ainda no que anima os fatos, sempre humano e aceitável, de episódios sentimentais como o de Inês de Castro e o do gigante Adamastor.

Talvez, por isso, além de *Os Lusíadas* deslumbrar pelo espírito enriquecido de um mestre dos tempos modernos, nos assuntos evocados, sem dúvida, no encadeamento, é livro de um feiticeiro genial e típico no que soube generalizar da importância do épico, do mítico e do sentimental.

Socorreu-se dos deuses do Olimpo, para enredar Vasco da Gama e os companheiros na imortalidade da Ilha dos Amores. Daí porque para o erudito mestre Antônio José Saraiva, "o momento supremo de *Os Lusíadas* ocorre quando Tétis leva Vasco da Gama, tornado igual aos deuses, a contemplar "a grande máquina do mundo". (H. da Lit. Port. p. 60).

O sentido da comunidade em *Os Lusíadas*, por isso, realmente, em quadros como este, torna Camões identificado com os problemas de explicações do homem ainda agora sujeito ao colonialismo ilegítimo de infortúnios do Terceiro Mundo.

Luiz Vaz de Camões, em seu consagrado *Os Lusíadas*, isto já afirmava, em represália ao abuso dos ricos sobre a cruel exploração do Homem. Vejamo-lo, pois, oposto a influência feudal que,

em regra numa oligarquia de poder, galga e vence sempre a representação do sentido de comunidade:

***Vê que aqueles que devem à pobreza  
Amor divino, e ao povo caridade,  
Amam somente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade.  
Da feia tirania e de aspereza  
Fazem direito e vã severidade.  
Leis em favor do Rei se estabelecem;  
As em favor do povo só perecem.***

(Os Lusíadas, Canto IX, Est. 27 e 28).

Como podemos avaliar, a tradição da verdadeira História de Portugal é alicerçada, em fatos, nas origens vivas da valentia de seu povo. Nisto, em melhor conhecimento Alexandre Herculano pode desmerecer Fran Paxeco no que afirma de Teófilo Braga, acerca de seus conhecimentos, em relação aos ensinamentos da história portuguesa. Numa das cartas enviadas a Oliveira Martins (1869), pode-se comprovar, apenas nestes três parágrafos o que foi, e jamais deixou de ser. Ei-los:

"Desculpe V. S<sup>a</sup>. esta fraqueza de um homem do campo. Tenho-a, porque o seu opúsculo revela um escritor, e, posto que, hoje eu não passe de um profano, far-me-ia para se o visse perdido por esses desvios das simbólicas, das estéticas, das sintéticas, das dogmáticas, das heróicas, das harmônicas, etc.

Teófilo Braga é uma inteligência completa e uma grande vocação literária, mas uma fraca vontade: **gosta** de fazer ruído; **deseja** adquirir reputação; não possui, porém, o **querer** robusto que vai até o sacrifício, que vai até o martírio, e que é preciso para

se tornar um homem verdadeiramente superior. Achou a porta do abstruso sintético e simbólico engrinaldada de maravilhas francesas: meteu-se por ela; e, em resultado, aí temos, não direi a **Vição**, as **Tempestades** e a **Ondina**, porque não quero que V. S<sup>a</sup>. fique mal comigo, mas direi a **História da Poesia Popular** e os **Forais** que V. S<sup>a</sup>. mesmo trata desapiedadamente.

Nestas matérias, peço a V. S<sup>a</sup>. que se volte um pouco para a análise. Há tanto que fazer por esta parte! Relendo o seu folheto daqui a anos, há-de conhecer que o conselho era sincero e amigável. Dir-me-á porque não o dei à Teófilo Braga? Porque não o aceita. Aquele, ou já se não cura, ou há de curar-se a si mesmo. É o que, sem lho dizer, eu do coração desejo. Disponha V. S<sup>a</sup>. da inutilidade deste aldeão que é, de V. S<sup>a</sup>. Ver e C<sup>o</sup>. (p. 107/108 do livro de Oliveira Martins – ALEXANDRE HERCULANO).

Diante disso, as verrinas de Fran Paxeco, contra Sílvio Romero, se desmerecem em antipatia, intolerância, e antagonismo inoportuno. Para criar e manter um debate, é necessário que a análise seja honesta e não embusteira. Sobre isso, ainda para mais completa elucidação, leia-se Antônio José Saraiva nestes esclarecimentos aceitáveis:

"...só a partir da crise de 1383-1385 à nacionalidade portuguesa revela um centro de gravidade próprio. Até essa data, o reino de Portugal, ao lado dos de Leão, Castela e Aragão insere-se num conjunto político peninsular instável, cuja fisionomia só vem a fixar-se no século XV com a conquista de Granada e a União de Castela e Aragão sob o reinado de Fernando e Isabel".

"O português é inicialmente o galego que se fala para cá do Minho". "A cultura monástica e a poesia galega na corte dos reis são as primeiras manifestações culturais portuguesas". (p. 5/6

do Hist. da Lit. Portuguesa).

Já aqui juntei muitos autores e muitas comprovações sobre as origens da nacionalidade portuguesa. Incorporemos mais esta do Prof. Francisco da Silveira Bueno, registrada em seu *A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA*:

"Muito antigas e muito profundas foram as influências dos celtas na Ibéria. Já no V século antes de Cristo, Heródoto menciona este povo na parte extrema do ocidente da Europa. Estrabão coloca-o entre o Tejo e o Gualdaquivir, então denominado Anas. Plínio, o Antigo, cita os celtas como habitantes da região compreendida entre o Douro e o extremo sul. Ptolomeu enumera várias cidades celtas como **Lacóbriga, Arcóbriga, Menóbriga**. Descendo do norte para o sul, encontram-se com os íberos, formando os **celtíberos** que passaram a simbolizar toda a Ibérica, toda a Hispânia dos romanos. Floro Pompeyo chega a afirmar que os celtíberos representavam a força da Hispânia: "**celtíberos**, id est, robur Hispaniae". O poeta Marcial, no seu epigrama XXXV "Ad Lucium" cita com orgulho a sua origem celtíbera: "Nos celtis genitos et ex Iberis". (p. 23).

Na história o que comprova a organização de um povo, nas respectivas fórmulas, são, de fato, as convicções de progresso na valia dos hábitos. No livro de Oliveira Martins intitulado - *ALEXANDRE HERCULANO*, este lhe diz:

"...morro sem acreditar que as instituições democrático-republicanas convenham à velha Europa, sobretudo a estas sociedades meio-romanas, meio germânicas na índole, e celto-romanas na raça, que estanceiam ao ocidente. Digo mais: duvido de que convenham à América meridional, à América da gente latina. Explicam muitos a opulência, o poder, a atividade imensa, dos

Yankes pelas suas instituições democráticas, comparando os Estados Unidos com o Brasil..." "A História e os fatos extrahistóricos encarregam-se de explicar isso de outro modo". (p.116).

"As gerações precisam às vezes retemperar-se nas lutas da anarquia ou nas dores da servidão; concentrar-se para a explosão calçadas sob o pé férreo da força brutal". (p. 142).

Se quisermos conhecer a verdade de nossa História, diante da globalização que, hoje, mais do que ontem, nos afunda, sem piedade, e sem *habeas-corpus*, temos de encarar de frente, estas palavras de Rui Barbosa com honra e amor à Pátria:

"Eu não conheço duas grandezas tão vizinhas pela sua altitudes, tão semelhantes pelas suas lições, tão paralelas na sua eternidade como estas: a justiça e a morte".

Ambas tristes e necessárias, ambas amargas e salvadoras, ambas suaves e terríveis, são como dois cimos de névoa e de luz, que se contemplam nas alturas imaculadas do horizonte. Em vão se agitará em derredor dessas duas fatalidades inevitáveis tudo o que é mesquinho e efêmero no homem e na aglomeração social: as misérias da baixeza, da ambição e da crueldade, os apetites dos partidos, os cálculos, as irresponsabilidades e os triunfos dos déspotas, as fraquezas, os interesses e as traições dos intérpretes da lei, sacerdotes infieis do seu culto, que o renegaram nas crises de provação. Quando muito lucrarão adiar a hora da conta para a hora do desaparecimento, entrar para a expiação pela porta da posterioridade. Mas nessa incerteza indefinível envolve a região dessas probabilidades formidáveis; é o tirano, que oprime, não sabe a quantos passos está da terra, que sepulta; o demagogo que perde a iniquidade não mede quantas inalações do ar, que ele empesta, o separam da corrupção que há de decompô-lo; o juiz,

que deixa cair na urna inapelável uma esfera ímpia, não presente quantas palpitações do coração o distanciam da reparação infalível. Muitos duvidarão de que essa justiça se consuma numa vida futura; mas, ao menos, ela há de vir necessariamente nesta, e as testemunhas das suas decisões irreformáveis têm de ser os restos mais sensíveis de nossa alma, as partes mais vivas de nossa vida: nossos filhos, nossas viúvas, nossas famílias, os que usarem o nosso nome e perpetuaram o nosso sangue.

Neste momento, podeis crer, estamos todos numa cumeada eminente da história, e trabalhando para o porvir. Vossa palavra será recolhida no regaço do tempo como um oráculo de liberdade, ou como um agoiro de ruína. A política, com as suas transações, os seus sofismas, os seus espantalhos, dissipar-se-á como a cerração dos maus dias. Mas o vosso aresto perdurará, fonte de energia, ou de cativeiro para muitas gerações, e as suas queixas ou as suas bênçãos curvarão, a vossa descendência". (IX, TRIBUNA JUDICIÁRIA, obras completas. págs. 79/80).

Sem dúvida, em nosso país, a essência das manifestações democráticas são monopolizadas e embrulhadas em burla. Nem sempre a imprensa degusta isso na esfera da esperteza, do esbulho e dos canalhas disfarçados. O povo, em face do alto índice de analfabetismo, não consegue evitar de ser mal representado pelos burlões.

Mas, também, de igual modo, espoliam-no como lá no pequeno e heróico Portugal que nos deu o idioma e consolidou, em luta irrecuável contra franceses, holandeses, ingleses e espanhóis, o tamanho continental do Brasil. Lá, porém, Alexandre Herculano jamais deixou de execrar o canalha intelectual e moral. Como neste parágrafo, seu patriotismo tinha efi-

cácia no próprio crédito:

"O meu crédito é uma propriedade valiosa que adquiri pelo trabalho honrado. Com que direito me priva a sociedade de um dos modos mais eficazes de o empregar em dar energia ao meu capital? Evidentemente, espolia-me quando o suprime para acumular crédito por meios artificiais nas mãos de um grupo de sujeitos seus conhecidos, que podem ser uns excelentíssimos patifes". (V. o livro - ALEXANDRE HERCULANO, de Oliveira Martins, p. 140).

A minha crença é que sem submissões capachistas e sem utopias enganosas, o Brasil voltará a uma política verdadeira e real. O que não voltará jamais, visto que não ilumina nem comprova coisas nenhuma, é a verdade que Fran Paxeco tentou encontrar no turanismo de Teófilo Braga, e não conseguiu.

Para um crítico honesto, a melhor forma de bem servir a sociedade e o país é dignificar-se zelosamente em seu julgamento e interpretação.

#### 4. PORTUGAL E O TURANISMO DE TEÓFILO

O que documenta o sentido histórico da nacionalidade de um povo, no mais autêntico, acima da ocupação oral, é o testemunho vivo da linguagem escrita. Tão assim que, na influência que resultou do ***Moçárabe***, na HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, de Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, 10ª Edição Corrigida e Atualizada, podemos verificar a importância da escrita como testemunho maior do fato histórico. Afirmativamente, escrevem:

"De fins do século IX até inícios do séc. XIII, que é de quando datam os textos redigidos em Português de maior antiguidade indiscutível, quer notoriais (***Notícia do Torto***, talvez a 1211, e testamento de D. Afonso II, 1214), quer literários (cantigas de João Soares de Paiva e de D. Sancho I de cerca de 1200, pois se provou recentemente ser-lhes posterior a ***cantiga da garvaia*** de Paio Soares de Taveiros), decorre a ***fase proto-histórica*** do nosso idioma, isto é aquela que só se pode reconstituir por métodos histórico-comparativos ou à base de documentos em Latim-Bárbaro". (22)

Sem o suporte dos ***métodos históricos-comparativos***, a afirmação de Teófilo Braga sobre o turanismo, como elemento primordial nas origens da nacionalidade portu-  
gue-

sa, joga por terra a defesa de Fran Paxeco. Escrever um livro de verrinas, em defesa do turaniano de Teófilo na formação de ajuda do léxico português, não contradiz Sílvio Romero, em tais condições de verificação escrita firmada na acepção dos mais antigos documentos históricos.

"A partir de meados do séc. XIV, o português comum e literário resulta de uma rápida fusão e evolução lingüística realizada sobretudo em Lisboa, com grande influência dos dialetos meridionais que deu à fonética portuguesa certas características de origem moçárabe". "Com efeito, a língua portuguesa passara desde cerca de 1350 por uma rápida evolução fonética". "Para a fixação do Português padrão contribuem largamente a língua literária e o trabalho das gramáticas e teóricos da língua". (22/24).

Sem dúvida, os documentos dão a base da origem de um povo. Fora da verificação nos documentos, não se consegue afirmar, dentro de uma nova metodologia da Ciência histórica, a herança formativa, rigorosamente original, do povo português. Se pensou, com o seu turanismo que podia sobressair acima dos historiadores de Portugal, totalmente original, Teófilo Braga, como recompensa, apenas conseguiu recolher a carcaça de seu logro nestas palavras que, em relatividade, assim, por João de Castro Osório, lhe poderiam ter servido de orientação:

"Sentido o gênio nacional com uma consciência superior à de todos os outros críticos da nossa Literatura – sem exceção, – Teófilo Braga não soube no entanto compreender muitas das suas realizações, e algumas de entre as melhores. Não soube também reconhecer a sua evolução própria, a sua

marcha através de reações aparentemente contraditórias, balizada pelas grandes obras que são como os padrões marcando uma posse e o limite alcançado e a ultrapassar".

"... o certo é que não conseguiu (quase se diria voluntariamente) estender o valor e o caráter nacional de muitas obras da nossa Literatura e a sua sucessão". (Introdução à História da LITERATURA PORTUGUESA, Lisboa, 1945, pp. 27/28).

Os documentos sem texto, como os que se englobam na Arqueologia e na Etnologia, hoje, sobre a compreensão do passado, permitem, interpretações, não oriundas dos escritos históricos, sugestões, confrontos acerca, de uma sociedade primitiva, em quadros de vida e de passado social.

Mas, em relação a isso, sob uma luz cimeira de explicação integral, Sousa da Silveira, notavelmente documentado, em suas LIÇÕES DE PORTUGUÊS, sexta edição melhorada, Livros de Portugal – Rio de Janeiro de 1960, nestes parágrafos, que, para melhor elucidação, transcrevemos por inteiro, nos dá sua opinião:

"O português resultou da alteração do latim falado na Lusitânia, região ao ocidente da península Ibérica. Esta península sofreu no século VIII invasão dos árabes, que nela se estabeleceram como vencedores, não exterminando, porém, nem mesmo perseguindo as populações românicas e cristãs que lá viviam e que puderam assim conservar a sua língua, o seu **romance**, que é como se denomina o latim que se tornou língua vulgar de um país. O **romance** peninsular existiu durante muito tempo sem ser escrito, e foi-se fragmentando em várias línguas. Uma destas, a portuguesa, que, na origem,

constitui com o galego um mesmo idioma, que já existia no século IX, pois em documentos desse tempo redigidos em latim bárbaro se entremostam alguns vocábulos portugueses. Mas documentos inteiramente escritos em português só aparecem no século XII.

Nesse mesmo século D. Afonso Henrique, filho do conde D. Henrique, senhor do condado de Portugal, ao sul do Minho, funda a nacionalidade portuguesa, que à custa de muitas guerras e heróicos esforços conseguiu manter a sua independência e definir o seu território no ocidente da península Ibérica". No livro Teófilo Braga e A SUA OBRA, o seu intérprete, o ensaísta Teixeira Bastos, afirma:

"Teófilo Braga, considerando a história como base descritiva da ciência social, e seguindo os processos dos grandes historiadores dos nossos tempos, os Thierry, os Buckle, os Michelet, os Ranke, estuda, como antecedentes da nossa agregação e atividade nacional, o meio cósmico ou o território, primeiro fator histórico, segundo Karl Ritter, e depois os caracteres das raças que se estabeleceram ou passaram pela península. A pré-história, paleontologia, a antropologia, a etnologia, a lingüística, a arqueologia, todas fornecem abundantes subsídios para a reconstrução dos tempos primitivos. Depois de apresentar um breve quadro a época pré-histórica da península, cujos habitantes primitivos tinham uma dolicocefalia característica, Teófilo Braga descreve e analisa os elementos que povoaram o território hispânico, procedentes das duas migrações principais para a Europa, uma proto-ária (mongolóide, cítica ou galesa) e a outra árica propriamente dita (heleno-italica, céltica, germânica e eslava). À pri-

meira corrente asiática correspondem as populações ibéricas; à segunda os Celtas da Lusitânia, de cujo cruzamento com aqueles resultou a civilização celtibérica.

Teófilo Braga investiga em seguida a influência que tiveram na península os Fenícios, Jônios e Cartagineses, pelo estabelecimento de colônias, os Romanos pelo seu domínio militar, os povos germânicos pela unidade da monarquia visigoda, e enfim os Árabes pela sua invasão e conquista". (Liv. Internacional de Ernesto Chardron, Porto, 1892, págs. 251/252).

A metodologia da pesquisa é isso que o escritor Teixeira Bastos pode assim autenticar na obra de Teófilo Braga. Infelizmente, este não foi o critério seguido por Fran Paxeco. No livro. **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa** não consegue defender Teófilo Braga nos disparates sobre as origens da nacionalidade lusa.

Todavia, sem mostrar algumas especificidade nos critérios lógico-formais e estatísticos, fora das exigências de comprovação crítica, logo no primeiro capítulo, parágrafo primeiro, aceita-se na concepção das influências hipotéticas para insultar Sílvio Romero assim de maneira insólita:

"Uma cabaça - eis o que é a cabeça de Sílvio! E como tal, cremos ser efetivamente a principal do Brasil, por ser precisamente a mais oca. Prova-se a acusação, vendo-se o que ela há jorrado aos quatros ventos da publicidade - **Cantos do fim do século e Últimos harpejos...**" Veja-se que, nas ações e intenções, desde o início, o livro de Fran Paxeco intitulado **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa** realiza-se sem coerência no aspecto semântico e funções

críticas. Não tem coesão textual. Pode ser até um doce para os velhos urubus entortarem o bico. Mas, na titulação devido a um respeito de ordem não consegue encantar pintassilgo, sabiás e canários. Em terra de escritores pobres de espírito não se ouve canto de sabiá. Diante disso, sem encontrar na crítica de Fran Paxeco o desejável de uma seqüencialização significativa, Sílvio simplesmente, entre referência e resposta, olhou o monturo e passou por cima.

**SEGUNDA  
PARTE**



## 5. FRAN PAXECO

Embora muitos desconheçam o passado intelectual de Fran Paxeco, sinto-me, ao combater-lhe as verrinas assacadas contra Sílvio Romero obrigado a dizer aos meus leitores que, na verdade, era um escritor na Escola das boas letras. Nos apelos, porém, jamais conseguia juntar palavras que não fossem sensacionalistas e perigosas.

Trata-se, portanto, de um polemista nem sempre plausível nas asseverações do seu anti-romerismo. Busca, antes, mostrar que é um demolidor do que não o agrada. Mesmo quando sem força de razão, argumenta na insatisfação, desde que consiga jogar farpas sobre o opositor.

Sensível aos escritores do seu agrado, define os que se desmerecem de seu apreço como incongruentes e incapazes de valor criativo. Embora cheio de entusiasmo pelo turanismo de Teófilo Braga, não revela capacidade de pesquisa. Recrimina Sílvio Romero, mas, não mostra em que fonte colheu a autenticidade da reputação histórica, para desmerecê-lo.

E aí tem o leitor a superficialidade do livro de Fran Paxeco. Sua crítica não se abona em realidade. Mas, de fato, em náusea, em álibi, em ilusões. Daí porque, sem boa acolhida, ficou. Desapareceu sem desvalorizar a afirmação de Sílvio Romero sobre o

insignificante do turanismo nas origens da nacionalidade portuguesa.

Um fato histórico não pode ser aceito ou rejeitado sem comprovação lógica. Mudá-lo por espírito de solidariedade a um amigo quando, para isso, se torna insustentável em face das razões intrínsecas, é patinar no vago, no ignorado.

Fran Paxeco não hesita em tomar partido ao lado de Teófilo Braga. Na pré-histórica portuguesa, entretanto, só o fabuloso autor do *A PÁTRIA PORTUGUESA*, o Território e a Raça, 1894, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron encontrou provas capazes de reconhecer, na formação da nacionalidade portuguesa, como uma das principais, a raça turaniana. Por isso, talvez, sem considerar desvios e erros, afirma:

"As investigações sobre a raça ibérica levam-nos às seguintes conclusões: que a raça turaniana precedeu na península as raças áricas e preparou o caminho da sua civilização". (100).

"O exame das designações étnicas do bérbere leva a corrigir as fantasias da tradição dos Atlantes, e ao mesmo tempo, pela sua origem asiática, a acentuar o valor étnico de uma preciosa designação injustamente desacreditada pelos lingüísticas, como é a da raça *turaniana*; as bérberes do *Daran* (Atlas) diferenciam-se dos bérberes das planícies, da mesma sorte que os turanianos da Ásia anterior em *acads* e *sumirs*, divisões típicas ou orgânicas desta grande raça que também na Europa preparou os caminhos para as civilizações árica e semita". (p. 95).

Desta sorte é que Teófilo Braga acredita ser o mais original historiador das origens do povo português. Não é uma história segura em comprovação documental. Sem dúvida porque, sem ser probatória não se acha ligada aos documentos pré-históricos.

Apresenta-se numa carência de fontes. Não se alicerça numa história de muitos fatos humanos nem se comprova em bases reais de possível nova metodologia da História.

Assim como num jogo improvisado, fora dos conceitos de humano e de história, Teófilo Braga sem focar a vivência humana espiritual de povos como os **Iberos**, os **Fenícios**, os **Gregos**, os **Celtas**, os **Cartagineses**, os **Romanos**, e até as tribos de **Alanos**, **Suevos e Visigodos**, que invadiram a Península Ibérica e, por largo tempo, lhe deram influências de vida, fundaram feitorias e cidades, não nos informa como aceitarmos os turianos nas origens da nacionalidade portuguesa.

Ora, e aí está o que é a História: expressões e vivência, palavras, atividade humana, vida espiritual, características peculiares, objetos físicos, saber histórico cultural, sentido ou significação de vida vital. Marcas que se integram ao social. Não é possível desligar-se a história das origens de Portugal em face da presença e atuação das raças que, em realidade viva, lhe deram as constantes transformações das formas genéticas.

Joaquim Veríssimo Serrão, em sua HISTÓRIA E CONHECIMENTO HISTÓRICO, sobre o fato histórico nos diz o seguinte:

"1º. – O fato histórico é diferente do fenômeno, porque este pode repetir-se de modo contínuo, sempre que o cientista o deseje. O químico ou o biologista poderão em qualquer momento, em pleno laboratório, **provocar** fenômenos, estudar a sua causação e elaborar as leis inteligíveis que os explicam. O fato histórico, pelo contrário, tem caráter único. **Deu-se**. Não se voltará a produzir".

"2º. – O fato histórico tem uma localização no tempo, e no espaço, por meio de dois marcos que definem o seu conteúdo,

o "crônico e o tópico", ou seja a **duração** e o **espaço** histórico".

"3º. – O fato histórico tem ressonância social. Uma vez que se produz em determinada sociedade do seu interesse compartilham sempre um ou mais grupos de indivíduos. Daí o fato histórico ter necessidade de uma "presença" que o integre e valorize no ambiente social em que despontou. A difusão do fato ultrapassa o próprio suceder, sendo o futuro a conferir-lhe valor por intermédio dos que buscam a sua compreensão histórica". (38/39/40).

"Mas o que se entende por "passado"? E como o podemos aprender se **passou**? – O método cronológico torna-se de uso indispensável para a definição de passado, vendo este em função da distância temporal que nos separa dos acontecimentos. Assim se consideram várias fases de passado – "recente", "próximo", "afastado", "remoto" e "longínquo" – quanto maior for o distanciamento cronológico do "presente histórico" que o tenta compreender e explicar. Ou seja, para a concepção tradicional a noção de passado funde-se intimamente com a de tempo histórico". (p. 14).

Sem nos inclinarmos à refutação de tudo quanto Teófilo Braga afirmara em seu A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça, com ele, não conseguimos concordar como primordial nas origens da nacionalidade portuguesa, a inclusão dos turanianos.

Como acima definiu Joaquim Veríssimo Serrão – "O fato histórico tem uma localização no tempo e no espaço".

## 6. OS VERRINEIROS

Entre o lógico e o empírico, a indagação, até livrar-se do vazio e do silêncio, não deixa jamais de procurar o melhor de uma resposta comprovada no conhecimento do universo e da vida. O homem, quando em especulações de insólito e de logro, limita-se. Não atinge o acerto das afirmações.

Sob este ponto de vista, a crítica, fora dos telescópios, ainda que procedente em proporção do que sabemos não resgata o conhecimento de um universo mais alto. Por isso, é tutelada no que se desmitiza e não se torna um fato universalmente aceitável, transparente e de concepção despida de idéias mágicas.

Em face disso, impõe-se que desvendemos os **verrineiros** de Sílvio Romero nos enigmas e recalques. Os abismos escuros em que procuram invalidá-lo sob a máscara de uma falsificação montadas em pseudoconhecimentos volta aos abissais, nos dias de hoje, ainda cegos na separação do trigo do joio. Nesse amontoado de extravagâncias, realmente, não precisam romper barreiras: são nulos.

Há razões para dizer-se que os **escamoteadores** da obra de Sílvio Romero, dentro de um mundo ainda insondável, no que é de todos conhecido de sua monumental HISTÓ-

RIA, em linguagem enigmática, tentaram até desmerecê-lo da notabilidade em que, até hoje é aplaudido como crítico, ensaísta, etnólogo, folclorista, historiador literário, poeta, polemista e sociólogo.

O que de Sílvio Romero não conseguem usurpar são depoimentos como o de Virgílio de Lemos no seu – *A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL*, em períodos como este de correta informação:

“O dr. Sílvio Romero não foi propriamente um gramático e muito menos um glotologista, mas liderou muito assídua e diretamente com as coisas espirituais do nosso povo. Ninguém penetrou mais fundo com as coisas espirituais do nosso povo. Ninguém penetrou mais fundo em grande alma nacional, esquadrinhando-lhe as aspirações e tendências, surpreendendo os veios nativos de suas criações espontâneas. Este prepara e a sua incontável intuição crítica supriam as lacunas que o seu conhecido despreço às questões gramaticais lhe abria na profunda e vasta erudição sobre os vários assuntos da nossa vida coletiva. Em dois de seus trabalhos agitou ele o problema da dialeção da língua portuguesa em nosso país: - nos **“Estudos sobre poesia popular no Brasil”**, elaborados nos anos de 1879 e 1880, e na **“História da Literatura Brasileira”** editada em 1888. O capítulo VIII dos **“Estudos”**, intitulado – **Transformações da Língua Portuguesa no Brasil**, é uma excelente contribuição para o estudo das evoluções dessa língua entre nós. Na **“História da literatura”** o lúcido espírito do pranteado sergipano assentou o problema em bases, senão inteiramente novas, de certo sugestionadoras de uma orientação e de uma solução

mais racionais. Em ambos os trabalhos nega, entretanto, ele, positivamente a existência **atual** de um verdadeiro dialeto da língua portuguesa no Brasil". (14/15)

Não constitui surpresa, por exemplo, afirmar-se que SÍLVIO Vasconcelos da Silveira Ramos ROMERO, em boas razões, de fato, foi isto que Antônio Soares Amora, mestrialmente, nos faz reconhecer, como fundamental diante desta porta aberta:

"No Brasil, ... a figura que mais se impôs pela apaixonada dedicação às novas ciências literárias, pela vasta obra realizada e pela influência exercida – foi Sílvio Romero". (Hist. da Lit. Brasileira, 127, 5ª edição revista e ampliada, **Saraiva**, Livreros Editores, 1965).

Como crítico e historiador literário, em Taine e Buckle, creio encontrou a essencialidade de seus métodos pesquisativos. A capacidade que o tornou um gigante invencível, sem competidor, na construção da sua monumental **História da Literatura Brasileira** (1888). Obra na qual reuniu e "considerou todos as manifestações da cultura espiritual brasileira". Afirmações contrárias já foram feitas; mas, na verdade, incapazes de anular esta do prof. Antônio Soares Amora:

"Se a sua concepção, organicista, evolucionista e sociológica da história da literatura brasileira foi superada no começo do século pela crítica estética, representada principalmente por José Veríssimo; se muitas das suas afirmações tiveram de ser alteradas, em face dos novos achados críticos; se, finalmente, a sua obra teve de ser completada no que respeita à história da literatura posterior ao Romantismo – toda essa superação do seu notável trabalho temos de compreender que é natural, e não lhe tira o

mérito de verdadeiro fundador de nossa Historiografia Literária". (ib. 129).

Que brilho ainda agora irradia da História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero! O essencial seria se os que, costumeiramente, ainda o caluniam procurassem lê-lo com mais atenção de responsabilidade. Os seus competidores, para alcançá-lo, deviam fazer mais do que ele fez em termos de amor ao Brasil. Só existe um Brasil. O problema, pois, não está em seu mundo de pesquisas e estudos sobre o Brasil. Está com os que, como seus competidores, não conseguem suplantá-lo.

O Brasil literário está aí ao dispor dos que podem torná-lo real, em melhor conhecimento e maior originalidade, sobre o que necessitamos conhecer. É preciso que os verrineiros, sem blague, revelem que são capazes de produzirem obras melhores do que Sílvio Romero acerca do sistema colonial que transforma os países latino-americanos como feudos do imperialismo, hoje, liderado pelo Estados Unidos.

Só o homem reage, tem voz e diz o que lhe parece um blefe na interpretação da História que somos nós mesmos. Com efeito, foi nesta mutação, com espírito de novo, de melhor, que José Veríssimo procura mostrar Sílvio Romero entre confrontos positivos e negativos. Ei-los, pois, nestes parágrafos em que acredita ter assentado pé:

"Nem tudo o que lhe pôs o autor é novo ou original, apesar do seu manifesto e nem sempre legítimo desdém pelos seus antecessores na história da literatura brasileira, desdém próprio dos temperamentos de luta e de negação, como o seu. Não obstante, a **História da Literatura Brasileira** do Sr. Sílvio Romero é com certeza um dos livros mais originais, ou pelo me-

nos mais pessoais, mais sugestivos, mais copiosos de opiniões e idéias, mais interessantes, de mais veia e temperamento que jamais se escreveu no Brasil".

"Não sei, porém, de mais gloriosa e consoladora recompensa de um escritor do que haver influído no espírito de sua geração e do seu tempo. Essa influência, feita principalmente mediante a sua **História**, é incontestável que a exerceu o Sr. Sílvio Romero, ao menos no grau compatível com a capacidade de ação e reação espiritual do nosso organismo nacional".

"Mas, segundo o velho rifão, **quod abundant non nocet**, e se a **História da Literatura Brasileira** do Sr. Sílvio Romero, excedendo os seus justos limites, perde em lógica, em método, em proporções, e portanto, em beleza, como obra de arte, ganha em extensão, sendo mais que uma história da nossa literatura, quase uma história da nossa cultura".

"Não se pode, entretanto, sem injustiças ou incompreensão das circunstâncias em que o Sr. Sílvio Romero escreveu a sua **História**, e até sem desconhecer a inspiração geral da sua obra, prezá-la menos por esses e quejandos senões ou falhas.

Ela é, em todo caso, um dos livros mais consideráveis das nossas letras, o mais completo para o estudo da sua história, sendo muito para desejar que o autor o leve sem maior demora ao cabo". (ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 6ª Série, Editora Itatiaia Limitada, pp. 10/11/14/15).

Apesar da extrema preocupação especulativa, José Veríssimo não pesquisa o caótico de Sílvio Romero para anulá-lo na avaliação de sua História da Literatura Brasileira. Transbordar o que pensa sobre a obra de um historiador literário não é inter-

pretar o que considera medíocre e não comprova.

Deste modo, ainda hoje, as especulações sobre o monumental trabalho pesquisativo e histórico-literário de Sílvio Romero não podem ser avaliadas num típico exemplo insustentável de julgamento enigmático.

Aliás, um patrimônio patranheiro, de referência visionária, utopista, pode ser encontrada em retornos de farsa, de concepções excessivamente diletantes, nestes parágrafos do **VINDICIAE**, de Lafayete Rodrigues Pereira, Labieno:

"O anúncio de que o sr. Sílvio Romero publicara um estudo crítico sobre o sr. Machado de Assis despertou em nós um vivo sentimento de curiosidade".

"E lêmos o livro; lêmo-lo de princípio a fim e aí! podemos chegar à última página; tanta coisa rebarbativa, teorias e formulas; digressões e digressões, virulências, explosões de vaidades mal disfarçadas, um estilo que não é estilo, barbarismos e solecismos, mau gosto perpétuo, e demolições por toda parte, e, em meio das ruínas, incólume, hirto e duro como um monolito, o vulto de Tobias Barreto, a fênix da poesia, da eloquência, da filosofia, da história, enfim, de todas as ciências divinas e humanas!

Intitula-se o livro – **Machado de Assis** – grosso embuste? Machado de Assis é o pretexto. O objeto do livro é Tobias, é a glorificação do teuto sergipano. Bem sabia o sr. Romero que se houvesse dado ao livro a sua verdadeira denominação – Tobias Barreto – não teria leitores. A botica em tempo reivindicaria os seus direitos. Daí a fraudulenta substituição de Tobias Barreto por Machado de Assis. A crítica também tem as suas pias fraudes". (p.p. 1/2/3).

O livro de Labieno, nas 171 páginas, como ele mesmo diz, ao encerrá-lo, no penúltimo parágrafo, é um – "Monumento levantado à confusão, nova Babel..." De resto, é o que de maneira irrevogável nos oferece o valioso depoimento de Josué Montello nestes trechos:

– "Que sentimento impulsionara o malicioso Lafaiette a sair de sua seara – o Direito e a Política – para medir-se, no campo literário, com um polemista do porte de Sílvio Romero?" Talvez, uma forte admiração "no plano da vida pública e da vida intelectual" de Machado de Assis?

À época, assim pensaram os ilustres machadianos. Daí porque, após onze anos, quando do falecimento de Machado de Assis, o nome mais lembrado, para substituí-lo na Academia Brasileira de Letras, foi o de Lafaiete Rodrigues Pereira.

Mas, eis a decepção dos machadianos, na carta dirigida ao Conselheiro Rui Barbosa, M. D. Presidente da Academia de Letras: "Delcaro a V. Ex<sup>a</sup>. que sou condidato à vaga do falecido Machado de Assis".

Sem dúvida, indelicada, indiferente aos méritos dedutivos de Machado de Assis. Senão vejamos o que, ainda sobre as verrinas de Lafaiete Pereira, conclui Josué Montello em seu aplaudido – **O Presidente Machado de Assis**, neste período:

"Em verdade, diz-nos Josué Montello, os artigos de Lafaiete Rodrigues Pereira em defesa de Machado de Assis, não obstante a ilustração literária que faziam sentir, eram menos as razões de um conhecedor da obra do mestre das **Várias Histórias** do que as razões cerradas e firmes de um advogado, que se limita a discutir os documentos que se acham nos autos. E daí ter-se restringido, na sua contestação, aos textos machadianos citados

por Sílvio Romero na argüição. Desse âmbito o velho político e advogado não se afastou". (p. 323).

Sem realidade do que atribuiu a Sílvio Romero, o livro de Lafaiete teria de reduzir-se ao embuste. Tobias Barreto exercera comprovada influência intelectual sobre seus alunos na então famosa Escola do Recife. Seus livros jamais se deixaram de merecer em valiosos lecionamentos.

Com referência a Sílvio Romero, o que contém o VINDICIAE de Lafaiete Rodrigues Pereira é uma intoxicação de náuseas pelo que não pôde demolir diante de um monumento de estruturação valiosa e inalienável.

A História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero, pelo que pesquisou nas bibliotecas e arquivos, interpretou em melhor renovação de Brasil mais estruturado em seus alicerces fundamentais, não se aceita em acicates de esbulhos e desforras mesquinhas.

É pesaroso ler-se livros degenerados pela corrupção da inteligência e da liberdade. Claramente, por isso, atrofiam o desenvolvimento da cultura brasileira verrinas intrinsecamente violentas e nulas. O livro – ZEVERÍSSIMAÇÕES DA CRÍTICA de Sílvio Romero foi escrito como repulsa e desabafo. Nos conselhos a José Veríssimo, assim a sanear-lhe os complexos de vertigem e de boca do inferno:

"Aprende, José, abre os olhos estuda, lê cousas sérias. Deixa, sobretudo, o **agulheiro** nefasto da Garnier".

"Quem foi dentre os mais conspícuos membros da **Escola do Recife**, à qual claramente te referes, que menosprezou jamais os títulos do nosso país?"

Seriam os que na poesia lhe cantaram os feitos guerreiros

ros? Os que, com prejuízo de seus cômodos pessoais, se expuseram às dentadas dos Veríssimos de então e dos Veríssimos dos tempos posteriores?

Serão os que pregaram novas idéias de crítica literária, religiosa, artística, novas idéias de filosofia e de direito? Amar o seu país, procurar esclarecer, renovando-o, o pensamento nacional, será menosprezar os feitos nacionais?

Onde tem este homem a cabeça? Esta pulhice foi dita há algum tempo por Tran - Paxeco e agora é repetida por José...

E quem foi, insisto, ali ou fora dali dentre os incompreendidos por Tran - Paxeco e pelo sr. José Veríssimo que menosprezou os feitos do povo brasileiro, as lídimas glórias nacionais?

Seriam os que lhe coligiram da boca das damas plebéias os cantos e os contos anônimos? Os que lhe traçaram a característica étnica e nacional? Os que escreveram a história da filosofia em nossa terra ou a história de nossa literatura?

Serão os que o dotaram de belos livros de crítica, de política, de direito?"

"E isto é o principal no debate, e isto foi o que eu fiz e desafio a todos os Veríssimos e Aranhas juntos para que provem o contrário.

Enquanto não o fizerem tenho o direito de rir-me deles durante os vinte anos que terei ainda de vida". (p.p. 26/27/150).

Tal desabafo poderá agradar ou não. Mas o que não podemos deixar de certificarmos num livro de história literária são as tramas de que usaram Lafaiete Pereira, José Veríssimo e Fran Paxeco para tentarem demolir a monumentalidade construtiva e

interpretativa da História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero.

Para desmerecê-lo seus acusadores teriam de pesquisá-la nas raízes de nossa civilização. Esse brilho não revelaram. E o resto é resto.

## 7. O LIVRO DE FRAN PAXECO

Ao discutir aqui as verrinas de Fran Paxeco, reconheço que estas palavras de Fausto Barreto e Carlos de Laet sobre Sílvio Romero, ANTOLOGIA NACIONAL, edição adaptada ao programa do 2º. Ciclo pelo Prof. M. Daltro Santos, validam as suas pesquisas e interpretações reunidas para avaliá-lo como historiador e crítico:

"Polemista agressivo, tinha, contudo, SÍLVIO ROMERO, movido de sua alma nobre e boa, a lealdade necessária para, terminado o combate, retificar inexatidões e, mais consoante à justiça, corrigir juízos precipitados". (p. 129).

Nas palavras acima dos ilustres mestres, aceito Sílvio Romero, crítico e historiador literário dos mais produtivos. No estilo, podia eclodir de maneira arrebatadora; mas, igualmente, determinado em revelar o melhor. Sobre o que dizia evitava o ilegível. Procurava o dominante, extremamente rico.

Era natural, por isso, que Fran Paxeco, para anulá-lo procurasse o ruidoso. O mito arrazoado, falho de autenticidade e competência. Esqueceu; por isso, que o anódino de um escritor no mais exato, para um leitor esclarecido, não funciona no suspeito.

As verrinas de Fran Paxeco, em seu livro intitulado – **O Sr. Sílvio romero e a Literatura Portuguesa**, editado pela

Livraria Ramos de Almeida & Cia., São Luís, Maranhão, não é o de um escritor sem títulos. Foi um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras.

O seu primeiro trabalho, em dezembro de 1900, foi, de fato o panfleto de 200 páginas – **O Sr. Sílvio romero e a Literatura Portuguesa**. Quando chegou a São Luís já havia publicado livros no Rio, em Belém, Lisboa e Manaus.

No livro do escritor Joaquim Vieira da Luz – **FRAN PAXECO e as figuras maranhenses, livros de Portugal**. S. A. – Edições Dois Mundos, Rio de Janeiro, 1957, podemos ler:

MANUEL FRANCISCO PACHECO, (que passou, desde cedo, a assinar Manuel Fran Paxeco – Manoel com **O** e Paxeco com **X** a seu modo, M. Fran Paxeco ou simplesmente FRAN PAXECO, conforme modificação reconhecida oficialmente no Consulado do Maranhão, no tempo em que era cônsul Joaquim Coelho Fragoso (pai de Tasso Fragoso), a qual, confirmada posteriormente pelo Ministério dos Estrangeiros, foi publicada no "Diário do Governo", de Portugal, – despenado moço de formoso aspecto, no vigor dos 26 anos, foi o cidadão português chegado ao Maranhão naquele 2 de maio de 1900". "Era homem de outras letras, que não as de câmbio, mas das belas letras; verdadeiro intelectual, de espírito culto e com invejável fibra de lutador". (83/84).

Até Cândido de Figueiredo aconselhou Fran Paxeco para que moderasse sua linguagem dominada pela alquimia do audacioso, do infundado. Quase sempre, não discutia para esclarecer. Satisfazia-se em investir no contraditório. O risco era o do primeiro soco não acertar o rosto do adversário.

A virulência com que tentou golpear as afirmações do que

Sílvio Romero anulou do turanismo de Teófilo Braga, nas origens da nacionalidade portuguesa, esvai-se, de início, neste apelo chulo:

"1º. – **A primeira cabaça** – Uma cabaça – eis o que é a cabeça de Sílvio! E, como tal, cremos ser efetivamente a primarcial do Brasil, por ser precisamente a mais oca". (13).

Neste início, vê-se o propósito. Sem contestação, num texto indigente, complexo, confuso e ambíguo, na forma em que inclui o Brasil como que movido por um patriotismo frustrado de forra, pseudonatural, insulta, mas não justifica o que recusa da afirmação de Romero.

Seu livro, portanto, não ajudou a rastrear a autenticidade de Teófilo Braga em seu – **A Pátria Portuguesa**. Em seu altruísmo de resistente descobridor das afirmações de Sílvio Romero, na verdade, Fran Paxeco grita ou cala, mas não contradiz a identidade deste fato histórico:

"A despeito da desastrada tradução de Teófilo, – a despeito de haver ele trocado as bolas e dito ao **norte** e a **leste** onde se devia ler ao **sul** e a **oeste** onde se devia ler ao **norte** e a **leste**, a ponto de fazer o pobre Humboldt colocar os **Pirineos** e o **Mediterrâneo** ao **sul** e a **oeste** da península...".

"O escritor português é que, no desespero de arranjar dois grupos de **turanos ibéricos**, torce o sentido das palavras do incomparável pensador germânico, tão distinto como etnólogo e lingüística quanto como político e diplomata". (Sílvio Romero, **A PÁTRIA PORTUGUESA**, o Território e a Raça, apreciação do livro de igual título de Teófilo Braga, 1906, pp. 88/89).

E aí está o que Fran Paxeco necessitava de refazer a fim de comprovar o valor histórico de Teófilo Braga, e não fez. Por que não fez? Porque, na verdade faltava-lhe competência. E daí o

apelo 2º. – ***Pelo dedo se conhece o gigante!***; o dedo que deu a conhecer foi o seu: incapaz de uma defesa melhor do – A PÁTRIA PORTUGUESA de Teófilo Braga porque permanece neste apostolado de imposturias e baixo nível cultural de reexame acerca das origens do povo português:

"Mas o Sr. Sílvio, que é a primeira cabaça, que é catedrático, que é deputado, que é o diabo que o carregue, conclui que o Brasil, depois de emancipado, depois de preparado para a vida social, como a Holanda, a Espanha e mesmo a Inglaterra nunca adestraram as suas colônias, pois que os Estados Unidos são um produto da iniciativa individual e não da governamental, nem sequer um sorriso deve enviar aos portugueses".

Se Teófilo Braga era o fabuloso historiador do **A PÁTRIA PORTUGUESA**, o Território e a Raça, Fran Paxeco, em seu livro – **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa**, para comprová-lo como reconstrutor, mais oportuno e leal, da pré-história de seu povo, não tinha o direito de comprometê-lo numa inadequada e inoportuna empulhação.

O livro técnico da História de Portugal, não aceita outros encartes, a não ser os cuidadosamente pesquisados em avaliações que julgamos fundamentais. Não é possível execrar-se historiadores quando assegurados em expansibilidade evidentes como estas registradas no **A PÁTRIA PORTUGUESA**, o Território e a Raça, de Sílvio Romero:

"E tal a confusão que reina nesta parte do livro que não há remédio senão, após as teses de Braga, transcrever os textos de Broca, onde se encontra a sua exata intuição nos assuntos da velha etnografia europeia, indicando, em seguida, onde se vai prender a raiz dos destemperos do açoriano nestas matérias". (p. 90).

O autor do livro que analiso teima, nele, em sustentar a velha patranha do **turanismo geral** das raças européias anteriores nos indo-europeus, **turanismo** que chama, quase sempre, **mongoloide**.

Eis os textos:

D) "Estes parecem dar apoio à teoria que considera o elemento **fínico e basco** como formando uma unidade primitiva quebrada e desmembrada pela forte corrente dos emigrantes asiáticos. Também esta opinião, embora tendendo a uma explicação hipotética, **tem por base um fato positivo**, o caráter de **uma raça de tipo mongolóide, autoctone da Europa**. Pela sua atividade industrial davam-se ao trabalho da metalurgia, peculiar no mundo primitivo das **tribos mongolóides**; pela sua religião, estavam nesse estado de fetichismo, de onde nunca saíram os **mongolóides** ou **turanianos** como lhes chamam alguns escritores". (p. 90/91)

E) "O **Ibero** representa no Ocidente da Europa esta grande **migração asiática**, que precedeu a dos árias (**aqui os Iberos** são os primeiros da **Ásia** vieram à Espanha!...); e o seu recuamento para o extremo ocidente, na Espanha, França e Inglaterra, corresponde ao período mais vetusto e ao fato de ser repellido por novos invasores, como se deu com os chineses no extremo Oriente. Se algum nome se pode dar a este estado dos povos mongoloides (?) com os árias, é o de **Turanianos**..."

F) "... a maior parte das raças que invadiram a península traziam em si elementos **turanianos**".

G) "Maspero, considerando os Bascos atuais como representantes dos antigos Iberos da Europa, decide-se pela afirmação de que os Iberos são **Turanianos** justamente pela caracte-

terística étnica da metalurgia". (p. 90).

"A diferença craneológica, entre inúmeros pontos de contato e semelhança existentes entre os bascos espanhóis e franceses, diferença perfeitamente explicável pelo que se sabe hoje das populações com que cruzaram os bascos das vertentes setentrionais dos Pirineos, bem antes das famosas incursões célticas, foi também, desviada de seu sentido, agarrada pelos cabelos para justificar a velha monomania mongólica - turaniana do cabeçudo açoriano. Coitado!

Todos os três volumes das **Memórias de Antropologia**, de P. Broca, aí andam a protestar contra os desbragados aleives do sr. Teófilo Braga. Contêm eles escritos vários que vão do ano de 1859 a 1873; e na ordem cronológica é que devem ser lidos e apreciados".

"Insustentável é a posição do sr. Braga, que pretende conciliar coisas contraditórias: o mongolismo turaniano, primitivo das gentes da Europa (Retzius) com a multiplicidade das raças pré-históricas daquela parte do mundo (Broca).

Para tanto não tem força o que ele chama a **duplicidade** de seus **turanos** que são **branquicéfalos** ou **dolicocéfalos**, conforme parece convir ao fantástico e alucinado escritor. São esgares que estão a pedir surriada e vaia, e não merecem outra coisa". (pp. 90/94/95).

Assim entendido o turanismo de Teófilo Braga não atinge o núcleo íntimo das origens portuguesas. Socorre-se de muitos pesquisadores e não elucida a pré-história de Portugal no que é possível ser aceita no hoje, oriunda do ontem do passado.

Por isso, a defesa de Fran Paxeco, sempre a descer à boca do inferno, revela a História de Teófilo Braga em disparates de

natureza impostora nos aspectos da fagulha que se converte em cinza:

No apelo 5, no – ***De como os verdadeiros brasileiros são os ignorantes, os garotos e os desbragados***, Fran Paxeco, sem a máscara da face, assim materializa o vulgar pedantismo de espinafrar o que não pode a não ser para formular interpretações mais de efeito do que de consequência. Sobre o que sabemos e vivemos, são complexas para gerar o aceitável, de maneira insolente, este seu retificar:

"A gratuita asserção de o brasileiro ser já uma realidade no século XVII é um dispautério inominável. O Sr. Sílvio em várias passagens do seu livro, afiança-nos, como provamos, que para não faltar ao seu programa de referir teses de história e de etnografia alvarmente, falta à conclusão científica, num e noutro caso. Mente com descaro e com filaucia. Surgiram por essa época índios e africanos heróicos – Dias, Camarão, Calabar. Mas estes não concretizam o veraz tipo do brasileiro, que é uma cordata mescla – o cruzamento do índio, do negro e do branco. E nesse tempo, transcorrido pouco mais de meio século sobre o início da colonização, em transfusão não podia haver dado frutos acentuados. Suficiente é relatar que os comandos, quer no Recife, quer no Rio, couberam aos portugueses João Fernandes Vieira e Mem de Sá. Rebata-se, portanto, essa falsidade histórica e etnográfica, reconhecendo-se contudo as façanhas praticadas isoladamente, indistintivamente". (O Sr. Sílvio Romero e a Lit. Portuguesa, p. 22).

Tal fundamento é o mal que invade o recalque enorme, brutal, injusto de Fran Paxeco. Mesquinho, egoísta, privado de conhecimento das origens brasileiras, seus insultos contra as pes-

quisas de Sílvio Romero não podiam ser outras senão o da escuridão no anonimato e no esquecimento.

Sílvio, por isso, lhe deu respostas mais autênticas sobre a História de Portugal. Sem caráter negativo, deletério, deu-lhe lições de coerência nestes princípios de qualquer procedimento mais elucidativo:

"O dr. Teófilo Braga, depois de ter escrito tantos livros sobre a história espanhola e portuguesa, ainda não formou idéia exata da ação de cada uma das raças que formaram a atual população da Península".

"O sr. Teófilo Braga ainda não compreendeu o caráter específico da vida histórica da Península, desde que lá entraram os Lígures e os Celtas e os Gregos e os Romanos até aos Visigodos e que se pode definir: o processo de **desberberizar** as gentes da Espanha e **organizá-la**, o que importa dizer, sair do desenvolvimento **tribal para a organização estável e progressista do Estado**". (Sílvio Romero, A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça, p. 448).

"Esta é a verdade e não se pode admitir que o escritor português leve o seu **mosarabismo** ao ponto de preferir os Bérberes aos Arianos".

Nisso, de fato, está a razão do surgimento do livro de Sílvio Romero, com igual título ao do A PÁTRIA PORTUGUESA, o Território e a Raça de Teófilo Braga. Sem dúvida, a razão sempre surge a tempo de se corrigir o erro no que é verdadeiro.

## 8. O RUINOSO DAS VERRINAS

Não sou de acreditar que posso valorizar o apogeu de um escritor quando, na eminência é o criador de monumental História da Literatura Brasileira. Malquisto por uns e glorificado por outros, Sílvio Romero, em seu tempo de intérprete e depoimento sobre os estudos arqueológicos de Teófilo Braga, impugnou-lhe esturrados veredictos.

Ora, as civilizações milenárias, antes de Cristo, não iam além dos contornos investigativos. Confusas, entre os arqueólogos. No que afirmam os doutos, porque antes de 1766, o substantivo **civilização** dizia muito pouco acerca das maneiras civis e corteses dos cidadãos. Até 1798, o dicionário da Academia Francesa, não o registrava.

Esporadicamente, o verbo **civilizar** encontra aval em Montaigne, Descartes e Scarron e, neles, se aclara por toda a primeira metade do Século XVIII. Neste sazonar, é que o refinamento da sociedade aristocrática ocupa um lugar de altíssimo relevo na conversação das damas e no melhor polimento de civilidade dos jovens.

O ruinoso das verrinas de Fran Paxeco, na discordância procura colocar em dúvida os conhecimentos de Sílvio Romero, porém, em nada tornam mais claros e mais autênticos os estudos de Teófilo Braga sobre a nacionalidade portuguesa.

Em refalsado zelo, como que a se mostrar em cobranças de sensacionalistas escândalos, de conhecimentos antigos, arqueológicos, Fran Paxeco, a não ser em avidez, mais deformada e inferior, nada consegue comprovar sobre o indigitado turanismo de Teófilo Braga.

Falha a respeito dos fatos. Exatamente porque, enquanto nada esclarece acerca das realidades antigas, recorre a subterfúgios para tentar anular em trapaça, mentira e injustiça, as pesquisas de Sílvio Romero. Como descendentes de TUR, nas páginas do Novo Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro, encontram-se, preferentemente os Hunos, os Magiares e os Turcos.

Em meu franco, entendimento, o livro de Fran Paxeco, infelizmente, não prova, não aquilata, não submete a exame os conhecimentos pré-históricos de Teófilo Braga. No efeito, torna-se desnatural pelo conceito em que, até então, Fran era aceito como polemista inteligente, de índole não confusa, não atrabiliária e não raivosa.

Se não estou errado, tenho que Fran Paxeco, em seu livro de abjeção aos reparos de Sílvio Romero, não o elimina na rejeição em que coloca, na luta pela verdade, as origens da raça portuguesa. Daí porque antes do livro tornar-se, mesmo na simplicidade, um tosco andaime, desautentica-se em testemunhos arqueológicos e pré-históricos. Não chega a ser uma anotação sequer da História de Portugal. Na hora de examinar os deslizos de Sílvio Romero, vira um nadinha de verrinas modeladas no terreno infértil de pseudocultura.

Sem dúvida, a maneira em que procura defender Teófilo Braga, com o seu turanismo, Fran Paxeco, apenas nos oferece, como ponto capital de suas verrinas, balofa erudição de charlatanismo rácico. Pedante, vesgo e abusivo.

Debater a origem da raça lusa, sem conhecer-lhe os dados da pré-história, da arqueologia e da geografia, realmente é jogar Teófilo Braga, sem proteção, nos duros revezes de charlatão e de falsário. Mas, fora do pedantismo de Fran Paxeco, é o próprio Teófilo que se defende, em energias criadoras. Eis pois, o que diz: *A História – a luta da Liberdade contra a Fatalidade* – dá lugar à seguinte relação:

"A Fatalidade, ou o momento em que o sentimento e a razão, acordando-se no mesmo fim científico, tendem pela disciplina positiva a reunirem o maior número de relação para a verdade, eliminando da consciência e da constituição social as razões absolutas ou subjetivas da mentalidade teológica e metafísica". (Cit. no livro ESTUDOS DISPERSOS, de Moniz Barreto, p. 57).

Um bom pesquisador jamais se afasta de considerável bibliografia. Não é fácil ter consigo o ideal de incansável esclarecimento sobre a origem da raça portuguesa. É um longo esforço. Um fato sério, com intuito de levar a cabo a vida íntima de um povo, demanda civismo, consciência e atividade racional e autônoma.

Sob as vestes da fantasia, disfarçados intérpretes de Teófilo Braga, por vezes, para defendê-lo de possíveis deslizos, para se acreditarem no ápice da fama, criam as fogueiras dos suplícios em suas obras de violência e de iniquidade. Mas, assim é preciso lê-los. São veementes, nas emoções, ao riso e ao gozo dos sádicos.

Os exemplos abundam. São heróis de sentimentos infelizes. Na forma de matar, para imitar o lobo, consolam-se com as insolências e provocações desvairadas. A arte, no entanto, na importância de identidade e de coerência, não tem clima vulgar e inútil. Não tem paisagem de grandeza pungente e estranha. É bela porque está na essência de criação do amor sem ironia, desespero e dúvida.

Um mestre da exemplaridade cultural de Sílvio Romero,

organizador e intérprete da grandiosa História da Literatura Brasileira, com a erudição e lucidez que lhe foram peculiares, no testemunho dos documentos e na eloquência dos fatos, não tem tempo para anotar e responder a Fran Paxeco o que não soube ver e defender no turanismo de Teófilo Braga.

No confronto entre Fran Paxeco e Sílvio Romero, para melhor estimarmos o conflito emocional do primeiro e a criatividade produtiva do segundo, tomo como fundamental e gratificante, em níveis suficientes de enriquecimento cultural entre os dois, estas palavras de René Descartes, **Discurso do Método**, 1637, citadas por Fidelino de Figueiredo na abertura de seu livro – O DEVER DOS INTELLECTUAIS. Ei-los:

"... o meu desígnio não é ensinar aqui o método que deve seguir cada um para bem conduzir a sua razão, mas somente fazer ver de que maneira eu me esforcei por conduzir a minha. Aqueles que se metem a dar preceitos devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem os dão; e, se falham na menor coisa, são por isso dignos de censura".

Como sou pouco entendido acerca da nacionalidade portuguesa, socorro-me da História da Literatura Portuguesa, de Antônio José Saraiva, 2ª edição, para autenticar que as verrinas de Fran Paxeco contra Sílvio Romero, na forma em que defende o turanianismo de Teófilo Braga, são obsessivas e não justas. Ei-las porque, diante de fatos como estes, não lhe dão segurança no empenho superior da essência, da ação e da contestação:

"Os cavaleiros galegos que empurraram para o sul os Muçulmanos (que resistiram primeiro na linha do Douro, depois na do Mondego e na do Tejo) traziam consigo a sua língua. O português é inicialmente o galego que se fala para cá do Minho".

"A cultura monástica e a poesia galega na corte dos reis são

as primeiras manifestações culturais portuguesas. Nem uma nem outra tem um caráter propriamente racional". "A primeira grande manifestação literária laica é em Portugal o lirismo Galego". (V. páginas 5/6/8).

Os lusitanos que, contra a invasão romana defenderam Portugal, cujo grande herói foi Viriato, eram descendentes dos celtíberos. (V. Enciclopédia e Dicionário Ilustrado de Abrahão Koogar e Antônio Houaiss). Nesta origem, também estão incluídos os moçárabes, a partir da reconquista das terras portuguesas por Fernando Magno, em 1064.

Mas, é nessa sucessão fornecida pela toponímia que assim, na História da EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO, encontramos este argumento acerca das origens de Portugal.

"Fenômenos e cataclismas naturais e sociais produziram alterações profundas nos agregados humanos da Península, de maneira a tornar inculta e solitária, em determinado período uma região que antes ou depois se apresenta próspera e povoada. E é mormente sob o domínio sarraceno, na prossecução das guerras da reconquista, que o **facies** demográfico deve ter sofrido maior transfiguração, acrescentando que as alterações e mudanças toponomásticas, então levadas a efeito, aumentam as dificuldades de identificação das velhas ou derruídas povoações hispano-romanas. A interpretação do **Itinerário de Antonino** é ainda hoje, em parte, uma charada que cada um decifra a seu modo. E não é a presença de quaisquer testemunho de civilizações remotas numa povoação que atesta a sua antiguidade pois, quantas vezes essas ruínas quêdas durante séculos, sem nelas ecoar o mais leve sussurro e voz humana". (V. volume I, p. 11 e s).

Nem Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas e Damião Peres ousaram tanto quanto Teófilo Braga acerca da História de Portugal. Sem dúvida, ainda hoje a arqueologia se em-

penha em descobrir os rasgos gerais de evolução do mundo antigo. Em seus limites ainda é possível acharmos estudos vulgarizados em pesquisas fantasiosas.

Para projetar os tempos modernos em constantes progressos de civilização qualitativas, as glórias platônicas, sobre o desaparecimento da Atlântida, são renovadas, como na fotografia ou na cinematografia, pelos gênios, pelos sábios, na comprovação de que não estamos em decadência; mas, no apogeu das especulações, das concorrências, dos capitais que não declinam de medir a ignorância dos países subdesenvolvidos.

Os países sem fé em seu civismo, naturalmente são espoliados pelos países subidos em Evolução, Progresso e Democracia. As novas transformações políticas e sociais derivam do neoliberalismo econômico em globalização autoritária de maior despotismo, como até então jamais existiu, contra os países sem equilíbrio de poder.

Assim como tudo que é feito fora dos costumes da proibidade termina em câmbio de escamotear, o anticolonialismo dos países ricos não passa de pretexto para melhor espoliação dos países pobres. E daí, no que poderemos verificar, o escape de Fran Paxeco na história do turanismo, de Teófilo Braga, para melhor desancar suas verrinas sobre Sílvio Romero, em termos de escândalo. Ofender e maltratar.

Todavia, para obter-se o domínio do que se tenta comprovar, historicamente, não é permitido valer-se da impostura. Diante de um historiador literário, da eminência de Sílvio Romero, o farzante, de maneira inevitável, jamais consegue deixar de curvar-se diante do autêntico. A pregar no deserto uma origem mentirosa da nacionalidade portuguesa, as verrinas de Fran Paxeco não foram além de ruinosas.

**TERCEIRA  
PARTE**



## 9. SÍLVIO E TOBIAS

A luta de Sílvio Romero pelo Brasil evoluído em suas riquezas começou através do movimento histórico-social da então progressista Escola do Recife. Sua finalidade, no momento oportuno, sem subverter a ordem social, desenvolveu-se em procedimentos de valorização do país numa política democrática de organização das massas.

Dentro do bloqueio colonial, em que o país se aceitava, jamais os brasileiros teriam vez para conquistar a liberdade do sufrágio universal. Faltava-nos educação firme para vencer a dissimulação do sistema de intransigências emperdenidas. Daí a divisão empírica em que sucumbíamos entre burgueses e proletários, capitalistas e assalariados.

Necessitávamos de uma ordem mais concreta, menos freadora, capaz de entendimento, e não divisão nefasta, entre capitalistas e proletários. Uma reação republicana. Um aumento de riqueza e bem-estar nacional. Lógico, com apoio nos interesses paralelos ou sinérgicos. Não exclusivos das conveniências colonialistas.

Sem embargo, assim compreendido, Sílvio Romero, naturalmente, como um dos mestres da então denominada Escola do Recife, pode ser identificado, não como agitador de uma ação

política setária; mas, de fato, como uma atividade econômica produtiva.

Não foi um endeusador de Tobias Barreto. A ele se uniu numa luta interessada em modificar substancialmente as nossas bases econômicas na atual atuação vitoriosa em que se encaminham, neste início de século XXI os blocos asiáticos e da União Européia.

O belo, por isso, num sociólogo como Sílvio Romero é o autêntico. É o sentimento: a inteligência e a idealidade em que, gradualmente, se atingiu no indestrutível. Em tudo, nos conhecimentos de nossos problemas, revelou-se no crédito de ter sido o primeiro a edificar, em raízes profundas, os alicerces inabaláveis da excelente História da Literatura Brasileira.

Com efeito, a obra de um escritor não pode ser distorcida da verdade para virar o embuste estupidamente reles de um verrineiro confuso e contestável. Isto de tocar em Tobias era desafiar Sílvio a uma discussão, sem outro sentido, na verdade, é da estima em que, ambos, defendiam um novo destaque para o Brasil, até então vestido de acaso.

Um crítico-sociólogo da importância nacionalista de Sílvio Romero não muda de caminho quando é desafiado a revelar as cobiçadas riquezas minerais, florestais e territoriais da maior Bacia Hidrográfica do Mundo. Nela, de fato, em sua continentalidade, com exceção do Chile, estão todos os países andinos, caribenhos e os nove Estados amazônicos.

O drama é antigo. Vem desde o tempo de D. Pedro II e das Cartas do Solitário. Agora, porém, mais inclemente, mais catastrófico, mais empulhativo sob o domínio dos países liderados pelos Estados Unidos. De fato, porque de maneira mais selvagem

na dependência de um pseudo globalismo neoliberal.

Não precisamos de reflexão para, sem falsearmos a verdade, reconhecermos que os objetivos de estúpido caos no refluxo de civilização dos países de língua luso-castelhana nos convida, já agora, mais do que ontem, para não aceitarmos o que, já em seu tempo, Sílvio Romero denunciava aos brasileiros a fim de não retrocedermos ao selvagem colonialismo.

Todavia, hoje, o mundo tecnológico e científico da Globalização cada vez mais insatisfeito do pão que tira da boca dos povos latino-americanos, após a Segunda Guerra Mundial, ignora a selvageria e volta a escravizar.

E aí naturalmente neste transcendentalismo demasiado selvagem agora, em novo enfrentamento de imperialismos econômicos, também, em nossa continental Bacia Amazônica os blocos asiáticos, com idéias progressistas mais inovadoras e mais populares, inteligentemente, estão a conquistar a simpatia dos habitantes do Eldorado mais cobiçado de nosso Planeta.

Na Zona Franca de Manaus os blocos asiáticos se estabelecem e progredem nas relações entre capital e trabalho. Não criam conflitos. Cooperam conforme as exigências da civilização moderna. Os tempos mudaram. Os roteiros são outros. Os propósitos de livre circulação do comércio nacional e estrangeiro se restabelecem em organização paralela no desenvolvimento de nosso país.

Hoje, sem racismo, o mundo inteiro abomina o imperialismo bancário fora da acertada realidade de higiene social e política. A nova economia da indústria nascida da atual ciência e tecnologia, no conceito mundial e nos fundamentos essenciais, já agora, na comunicação instantânea, livremente, pode denunciar os imperialistas que boicotam a paz mundial.

Evidentemente, em face disso, lamento que, em seu tempo, Fran Paxeco em seu livro – O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa, edição de A. P. Ramos de Almeida & cia, 1900, Maranhão, logo no primeiro capítulo, sem revelar os deslizes do erudito construtor da extraordinária HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA se tenha revelado insultuoso e deslocado das justas proporções fraternais que ligam Brasil e Portugal.

De logo, o texto do livro nos mostra que o intuito de Fran Paxeco foge do belo natural artístico. Fora de uma análise coerente não defende Teófilo Braga com o seu turianismo. Não quis, ou não pôde comprovar os acertos de Teófilo e os erros de Sílvio. Procurou e não encontrou o calcanhar de Aquiles para destruí-lo. Com efeito porque, sem esse apoio, apenas esbraveja, nada mais.

Nesse sentido, no que precisava dizer e não disse, infelizmente, Tobias Barreto não era o calcanhar adequado para o vôo alto e alegre. Errado e doente, portanto, no apetite, nas derrapagens, apenas lhe restou o feio e o inqualificável fiasco.

Sem dúvida, na origem do povo português não há possibilidade de incluir-se o turianismo. Eis o que nos informa o Professor Antônio Sales Campos, em seu **Português Colegial**, 1ª. série do Ciclo Colegial:

Só a partir da Segunda metade da época arcaica, de 1350 em diante começa a evolução do português como língua independente, enquanto o galego, em virtude de circunstâncias históricas particulares, se aproxima cada vez mais do castelhano”. (p. 8).

Nessa separação, realmente, eis o que nos confirmam os Professores Fernando Falcão Machado e Nicolau Firmino no Pe-

queno Tratado de HISTÓRIA DE PORTUGAL e de HISTÓRIA DO BRASIL:

“Etnologicamente, não há **Raça Portuguesa**. A população resulta do caldeamento de grandes massas, Iberos, Celtas, Romanos, Servo-Godos, Mouros, Judeus e outros invasores sucessivos que, influenciados pelo território e pela população anterior, nela se integraram, adquirindo comunidade de consciência coletiva e específica, e mistura de sangue e caracteres”. (13)

Nesta comprovação, por isso, ainda nos informes dos aludidos mestres, vale lermos e certificarmo-nos:

“É hoje ponto definitivamente assente e incontroverso, que a língua portuguesa não passa de transformações, lenta e sucessiva, onde se desenvolvera, o Lácio, a qual por sua vez era também transformação de outra, falada por um povo sem história e cujo ascento ou habitação a ciência ainda não conseguiu determinar. Deste povo, conhecido pelo nome de **ária** ou **ariano** (1), saíram, diferentes tribos, as quais, disseminando-se pela Europa e parte da Ásia, levaram consigo, a par das crenças a civilização da arte comum, a língua que tinha aprendido no berço. Foi esta, a que se convencionou dar o nome de **indo-europeu** e cujo aparecimento se perde na noite dos tempos, que, continuando talvez as modificações já operadas no primeiro território, deu origem às várias línguas donde provêm quase todas as atualmente em uso na Europa e muitas na Ásia”. (2)

– (1) Em rigor esta denominação só pertence aos povos que falaram o **indo-iraniano**.

– (2) O indo-europeu fraciona-se nos seguintes dialetos: **germânico, itálico, (latim e osco-úmblico), báltico, eslavo, celta, albanês, grego, indo-irânico e armênio**, afora

**tocariano**, recentemente descoberto na Ásia Central. Dos sete primeiros, tornados línguas independentes, provêm todas as línguas atualmente na Europa, com exceção do turco, do grupo uralo-finês e do basco". (3/4).

Para melhor comprovação do que estamos a verificar, encontramos no mestrial J. Leite de Vasconcellos em seu opúsculo intitulado – DA IMPORTÂNCIA DO LATIM, 2ª edição da Livraria Clássica, de Lisboa, 1947, mais estas concordâncias:

"Provindo do latim, como sabemos, o português, o espanhol, o italiano, o francês, etc.; está claro que quem senhorou a língua-mãe, melhor fala, escreve, adquire ou ensina aquelas línguas. Tem pois aqui o latim importância prática. A língua portuguesa (é nele que insistirei) acha-se na atualidade em grave crise: combatida pela francesa, e sem arrimo clássico, perde gradualmente a correção e riqueza originárias. Os escritores esquecem-se de ordinário que escrever para o público é uma arte, que precisa de aprendizagem. O talento cria-o a Natureza, mas ele se não cultivar, produzirá obras informes. O instrumento de uma literatura é a língua; sabê-la bem, constitui por conseguinte a primeira condição para bem escrever. Alcança-se na mór parte o conhecimento da língua portuguesa com a lição circumspecta dos bons livros dos séculos XVI e XVII, os quais, por seu turno, devem no campo estético à literatura da antiguidade o prestígio de que gozam, pois que, além de nos sons, formas, vocábulos, sintaxe, ser o português do latim, recebeu desde muito cedo, e paralelamente, influência dele por intermédio dos livros, e continuou a recebê-lo até agora. Esta influência modificou muito o léxico, o estilo, e um tanto a gramática: daí depende a diferença que notamos, por exemplo, entre um adágio ouvido a uma velha crença e uma sen-

tença de Amador Arráz, entre um recado que um servo transmite e um discurso de Garret. À primeira vista parecerá estranho que em pleno século XX, na preleção inaugural de uma cadeira da Universidade de Lisboa, eu aconselho rapazes, possuídos de todo nervosismo da vida moderna, a consulta de autores a quem os que menos os frequentam põem facilmente e sem pejo a alcunha de sedições mofentos, embolerecidos. Longe de ir contra a corrente, acompanho-a; o que pretendo é que não se estrague a nossa língua, que forma um dos mais vigorosos vínculos da nacionalidade".

E mais adiante J. Leite de Vasconcellos melhor se confirma em seu lecionamento nestes versos de Filinto Elysio quando, com ele, nos leva a considerar:

***Se queremos achar abertas veias  
Do custoso metal que as falas doura,  
Visitemos as minas encetadas  
Pelos nossos antigos escritores  
No Lácio e Achaia, que ainda nos convidam  
C'o largo aberto seio a ser ricaços.  
E se a ruim preguiça nos atalha  
Mover o passo a longos territórios,  
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,  
O produto das minas já cavado,  
Limpo de fezes, crisolado e puro,  
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.***

E não pára aí, porque, a seguir firma-se nesta convicção:

"Quem criou os nossos clássicos senão o latim? Nem entenderemos cabalmente às vezes os dizeres de Camões, de Fr.

Heitor Pinto, de Fr. Luís de Sousa, do Pe. Manoel Bernardes, e de outros, senão conhecermos as correspondentes dicções latinas".

Nessa magistral lição do magnífico J. Leite Vasconcellos oferecemos, de fato, aos que vivem na treva, para que se iluminem de melhor luz, este itinerário de interesse comum aos luso-brasileiros.

Insisto, por isso, que Fran Paxeco em nada ajudou Teófilo Braga acerca do turanismo que tentou impingir-nos nas origens do povo português. A lábria é de Dom Quixote e a barriga de Sancho Pança.

Na defesa de Teófilo, creio que Fran Paxeco não se preocupou em comprovar o turiano na origem do português. Fora das comprovações de lexicógrafo, sem a claridade dos seres e das cousas, entrou na briga contra Sílvio Romero como leão e saiu como fanfarrão neste engodo:

"Sílvio, não obstante aquele extensa bagagem, contorna-se-nos uma legítima cabaça sem miolo, perfeitamente inóqua, e rachada. Bula-se-lhe e à menor pancada desconjuntar-se-á, far-se-á em cacos". (*O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa*, p.14).

Para insultar, e não anular o que Sílvio afirma do turanismo de Teófilo, continuemos a mostrá-lo na peçonha imaginativa e criadora. Mais adiante, a aproveitar as farpas de outros verrineiros, sobre a fraterna amizade intelectual entre os dois notáveis sergipanos, Tobias e Sílvio, dá-se em deboche de sorrateiro despique como este:

"Tudo é grande, incomparavelmente, em Tobias Barreto de Menezes, desde o berço com Anibal, no seu ninho de Águias, até ao seu amplexo no redentor germanismo". (80)

Ardiloso, logo ao abrir de seu livro, acintosamente troca os argumentos de uma crítica de pura tática pelo mal-estar de uma oposição insinuativa quanto ao pouco conhecimento de nossos letrados acerca da Língua Portuguesa. Na primeira doze no que titula de **Errata – a Eterna Errata!**, simplesmente, sem outro intuito, a não ser o da sua aversão, afirma:

"Nas **Lições práticas**, três preciosos volumes, de Cândido de Figueiredo, o indefeso autor do **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, vê-se que raros sabem ortografar ou escrever com sintaxe em Portugal. E pela gramática de João Ribeiro chega-se à conclusão de que raríssimos sabem redigir dois períodos no Brasil. E tudo por quê? Porque a Academia das Ciências ainda não fixou a ortografia não publicou uma extensa gramática fundamental, onde todos os casos da fonologia, da taxonomia, da morfologia e da sintaxe se provejam, se esmiucem e se aclare, com largueza e com senso crítico, nem sequer imprimiu, como padrão, uma idéia de livros portugueses e brasileiros, nos quais se normalizam as bases da escrita da sintaxe. O Dicionário da Academia, tão necessário, empacou no verbo – **azurrar**. E a ilustríssima corporação há anos que vive disso, para isso e nisso – a Zurrar!"

Deixo o texto do período acima à inteligência do leitor, para que veja a farpa de Fran assim exposta, numa espécie de vingança. Tentou desmerecer Sílvio no turanismo alegado por Teófilo nas origens do povo português, e pelo mestre da Escola do Recife foi refutado. E como não deu certo. No 28<sup>a</sup> capítulo de seu livro, – "**Cesse tudo quanto a antiga musa canta, porque Tobias se alevanta!**" volta a masquetear numa linguagem emperrada, neste jogo de cartas usadas:

"Esclareçamos, de passagem, a balela de Tobias se adiantar aos prógonos da Escola de Coimbra. Informa-nos o seu solícito recoveiro de que já em 1856, em Sergipe, o poeta dos *Dias e Noites* cultivava o hugoanismo". (79). "Prenunciarão ao menos os traços renovadores dos poemets *Stella Matutina*, de Teófilo, ou *Beatrice*, de Antero, ambos de 63? Serão esses localíssimos, versos prelúdio de qualquer *Visão dos Tempos* ou de Algumas *Odes modernas*, como aquelas foram? Não, redondamente não. O estro de Tobias estanca ali, porque o versejador dos *Dias e Noites* emperdeniu, – porque a poesia era para Tobias – uma questão de festa, de alegria, de divertimento. Por isso é que ele, por mais que se esbofe o seu cicerone, nunca será considerado um poeta, – um artista digno". (80).

Neste confronto, ainda que o leitor seja benevolente jamais conseguirá reprimir o riso. De logo, reconhecerá descompasso na verrina que passa a ser desfavorável a Teófilo. Na verdade, porque nada tem, no conteúdo textual, para inqualificar Sílvio no elogio do estro poético de Tobias Barreto. A questão teria de ser a da comprovação de que Sílvio era incompetente para interpretar a poesia de Tobias na arte dos sons, do ritmo, do uso da palavra, do texto abstraído de compreensão. O que estava em jogo não era a poesia de Teófilo. O caso, no que fica no confronto, é que Fran não comprova que a poesia de Tobias é destituída de sensibilidade e significação.

Quanto melhor sabe um crítico interpretar a obra de um escritor, melhor sabe julgá-la. Nem interpreta nem julga Fran Paxeco no que acredita-o sociologicamente lacunoso. Não o vê ou não o entende no imenso trabalho de perspectivação. Numa linguagem áspera o dá inconcebível nos modos da existência in-

telectual. E sem se assegurar em conclusões tenta invalidá-lo em hipóteses falhadas.

No reexame das possíveis falhas doutrinadas por Sílvio Romero, transgride a regra da investigação numa instância sedimentada na arrogância. E acredita que, com isso é um iluminado para assim, sem controle e seriedade, mutilar o que não lhe agrada:

"A eloquência de Tobias é uma das mais belas cousas que tenho apreciado neste país. Não esqueçamos que o orador é músico e bom barítono". "O sr. Joaquim Nabuco, lá em Londres, que economize os minutos de lazer, e se exercite no berimbau, pelo menos, se quiser produzir lindas cousas para se ouvirem cá... Debaixo do poeta está um sábio reinado, mundano, popularista – só espanta que Sílvio ainda não houvesse chimpado em riba um concludente – incarnação, autenticado pelo diploma de membro do Clube dos Cosmófilos de Leipzig!..." (85).

Como bom conselheiro a carapuça, a não ser na sua, em nenhuma cabeça serve. Decerto o que aqui defendemos não é um jogo de paixões no imaginário do contrário. É o que Fran denuncia de Sílvio sem validade de nada. Sem apoio de nada. Sem uma presença sequer de suposição para um entendimento futuro mais inteligível. É um arrasador. Inventa um temporal e arrasta consigo o malogo da imagem sem irradiação de ser.

O obtuso, realmente, não tem invenção valiosa. Falta-lhe algo capaz de o tornar digno de aplauso. Sempre artificial torna-se indigente para conhecer e atingir as realizações e as perspectivas mais idôneas. Indubitavelmente, por isso, não investiga. Focaliza o amorfo quando não cria o inútil da mentalidade mórbida.

No capítulo 28, de seu livro – O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa, Fran Paxeco infiel a Teófilo no que precisa

legitimá-lo, envereda num beco sem saída. Imagina-se significativo para exatificar esta lembrança, de fato, sem essência e sem razão de ser neste passar gato por lebre.

Em que nos pode interessar, por exemplo, mais esta patranha, à Dona Carochinha, para anular a crítica de Sílvio Romero sobre o que refuta de Teófilo? Ei-la:

"Tobias, segreda-nos Sílvio, teria vergonha de ser republicano. E é deste homem que ele apresenta à juventude como lição!" "Dá-nos também os programas das cadeiras regidas na Faculdade de Direito por Tobias Barreto". "Cientifica-nos de que o programa oficial representa, na sua cadeira o momento cômico e serve-lhe para desopilar o baço, provocando a crítica e a sátira. Que sirva para o motejo de botequim, não dividamos". (84/85).

Em tudo, como se vê, notas fortes de artificialismo. Atoleiro, lodaçal, charco em graduação de insinuações disformes e desordenadas. Sem atingir Sílvio, os pundonores de Fran não conseguem o fulgor diante dos mil fogos, àquele tempo, desfechados por Ricardo Jorge sobre Teófilo Braga. Vejamos o que sobre isso nos diz:

"Tenho que rematar, e será por uma interrogação. Muitas vezes pergunto, e muitas vezes tenho ouvido perguntar – como se gerou e como se aguenta esta fama retumbante?! O fenômeno é complexo e o seu estudo concreto levaria longe, mas resume-se numa fórmula sintática: um desenfreado cabotinismo incessantemente entretido pela audácia sem limites do charlatão, pelo masso e mona dos livros despejados a granel, ruim pela espessura do meio, refratário à instrução e à crítica. Em qualquer outra região culta da terra, este homem nunca se levantaria do refugio das letras. Estou farto de ver a intelectualidade de meu país assoberbada

por uma atitude assim. Não pude resistir ao impulso de desapontá-la, convencido que presto, como me dizia um reto espírito, o serviço cívico de DESMASCARAR O MAIS ESPANTOSO CASO DE CHARLATANISMO DE QUE TEM SIDO VÍTIMA UM POVO, DESDE QUE O MUNDO É MUNDO". (Contra um plágio do Prof. Teófilo Braga, p. 119).

A minha visão, nesse sentido, é outra. Não penso tornar insuperável a sensível riqueza sociológica de Sílvio Romero. A citação acima, a *fortiori*, serve apenas para imobilizar Fran no que não tem olhos para ver que não estamos sós no mundo. Não seria mais prudente se em vez de insultar Sílvio se equilibrasse em vê-lo no peso das evidências e no que não tem força no ser das coisas e das idéias?

No que comporta o visível de uma positividade pura, sem máscara e sem restrição, ainda neste início de século XXI, Sílvio Romero ocupa um espaço altíssimo no aplauso de seu povo. Até agora, permanece como o maior pesquisador e intérprete da *História da Literatura Brasileira*.

Hoje, os dois volumes por ele publicados, graças ao trabalho laborioso e competente de seu filho Nelson Romero estão reunidos em cinco valiosos volumes de riqueza estrutural.

Daí infere-se porque Sílvio não se interessou responder os ataques de Fran. Deixou-o desaparecer na ironia que se contrapõe à voz da própria consciência. Não lhe cobrou nada da concepção débil que revelou ter da obra e da vida de Teófilo. Envilecido afundou no absinto amargo, sem auditório.

Até a Nota Final, da primeira doze à Segunda trepa, sucessivamente a mudar de opinião, Fran invalida-se nos desconcertos. Rosna. Erra o alvo. Torce a teoria *turana* de Teófilo e atô-

nito, sem encontrar-se despenca, sem outras razões, nesta esperança de consolo, peço e desmaiado:

"Permita-se-nos aqui, a propósito, uma apostilha, para demonstrar mais uma das inacabáveis contradições de Sílvio, pois que ele não cessa de businar, nos seus livrecos, que foi o primeiro a combater o "turanismo" de encontro a Teófilo, orientação em que levemente foi seguido por Martins Júnior, no seu proveitoso "compêndio de História Geral do Direito". Escutem o palmodo: – "Tão longe quanto é possível subir na corrente dos tempos, logo que os helenos, os latinos, os celtas, os germanos, etc, aparecem na história das velhas raças semíticas "e turanas", – "Estudos de literatura contemporânea". Infere-se daqui que Sílvio nesta data acreditava no turanismo, sem todavia referir o autor da teoria, como sempre!" (p. 200).

E aí a dolorosa travessia de obstáculos em que, para salvar-se, a fantasiar vale-se Fran de uma escamoteação fraca, não identificável ao livro de Sílvio no que anulou a presença do turaniano nas origens do povo português. Nisso, destrói-se. Sem dúvida, porque confessa o socorro que, numa esperança inútil, não consegue ampará-lo. O livro **A Pátria Portuguesa** de Sílvio, da primeira página a última, é inteiramente de contestação da presença do turaniano nas origens do povo português defendido por Teófilo em seu livro **A Pátria Portuguesa**.

Veja-se isso. Anote-se, porque é assim que Fran em invencionisses completamente destoantes de fato cria a incoerência em que se desacredita e afunda. E nisso por isso além de incoerente ilude-se tal qual a perdulária cigarra.

Todo mitônimo nasce do sentimento cruel que, terrivelmente, o humilha. Para defender Teófilo Braga das possíveis acu-

sações de Sílvio Romero, no desprezo pelas convenções, Fran Paxeco teve de representar um papel incapaz de favorecê-lo na biografia de seus atos. Forçado a ter consciência disso, em 1917, portanto dezessete anos depois, escreveu – *Teófilo no Brasil*.

Nas paixões, nas dores, tenta desempenhar um papel mais possível na forma em que nos deseja comprovar superioridade cultural em face de Sílvio. Só isso, nada mais, porque o esquema, embora conceptualizado em depoimentos, diante da monumental obra qualificada de Sílvio, no confronto, se torna embusteira.

Sem dúvida, não é apanágio de Fran Paxeco as verrinas insólitas assacadas contra Sílvio Romero. Outros validam-se neste itinerário de intemperança que, pela pobreza de imaginação, sempre descamba no delito ofensivo da incongruência. O incorruptível, no entanto, jamais faz uso do insulto para ser notável. Considero, por isso, as verrinas de Fran, acerca de Sílvio, um lambuzar, um escape deplorável de sua petulância no exercício da crítica.

Um sociólogo como Sílvio crescido no trabalho edificante de revisionismo, em nossa realidade de espírito e de vida, não esconde o que precisamos alcançar para sair da tormenta que nos é imposta como ponto de honra no preciso momento deste colonialismo que nos destrói em acomodação de viver.

Diante da Globalização Neoliberal que, hoje, enfrentamos em plenitude de imperialismo bancário, Sílvio em seu tempo advertiu-nos do ônus que teríamos de pagar pela negligência em que nos deixávamos ignorados ou esquecidos. Em trechos inesquecíveis, sua obra, na análise histórica e sociológica revela-nos em dimensões reais, que a Escola do Recife não era miraculosa. Combatia os oligarcas e fantoches a serviço do que hoje chamamos multinacionais num fazer de lucro da cobiça internacional.

Sobre isso, vejamos o que Antônio Cândido nos diz no prefácio de seu – **O Método Crítico de SÍLVIO ROMERO:**

"Apesar dos anos, Sílvio Romero continua no centro de nossa historiografia literária. As escolas passam, as tendências surgem e vão, cada um retifica um pouco da obra dele, nega os seus pontos de vista, constata a fragilidade do seu gosto ou o arbitrário dogmático dos seus juízos mal fundamentados. Mas ele permanece. Muitos de nós, que lidamos com a crítica e às vezes temos a pretensão de renová-la, passaremos, de certo, com os nossos livros e artigos, a nossa erudição mais exata, o nosso sentido mais puro do fato literário, ele ficará, – com seus erros cada vez mais apontados, as suas teorias cada vez mais superadas. Há, portanto, nesse polígrafo apressado e truculento, nesse estudioso onívoro e não raro superficial, uma força estranha, que o mantém vivo e presente. Força de vida, sem dúvida, que o aquece além da morte, – na sua coragem, na sua generosidade, na sua pureza, no amor vigilante pela pátria, no barulho das polêmicas e xingamentos. Mas também da idéia, força vital de idéias fundamente desposadas, que fizeram dele um dos intérpretes mais lúcidos da nossa formação cultural".

Pesquisar o vivido, e apresentá-lo em roupagem de novos acontecimentos, é também o que se deve a mestres da eminência literária de Sílvio Romero. O futuro se alimenta das lembranças marcadas nas etapas dessas transformações.

As interpretações de Mário Matos, por isso, se desmerecem em face de Sílvio Romero, no prefácio do **Vindiciae**, de Lafayette Rodrigues Pereira (Labieno), 3ª edição, da Livraria José Olympio Editora. Não contribuem para tornar mais clara a bruma que, ainda hoje, muitos desconhecem na denúncia ostensiva sobre Lafayette Rodrigues Pereira ao tempo de Ministro no Império.

Mas, leiamos o que sem conhecimentos dos fatos estronda Mário Matos como idéia de novidade:

"Quem lê, com vagar e exame, as páginas do livro de Sílvio Romero e as de *Vindictae*, em resposta, escritas pelo seu contraditor, apurando as armas respectivas, com que entraram em combate, discerne logo que o primeiro comparece com fúria do corpo inteiro, com o jogo material das massas e do peso, mesmo quando quer argumentar, movimentando o acervo dos conhecimentos científicos, ao passo que, o segundo se vale do florete do espírito e dos golpes de ironia, expondo à assistência as falhas, os erros, os ridículos, o furor do adversário. Sílvio é, pois, a quantidade; Lafayette, a qualidade. Um é a força, outro a direção. Um é um trecho da Natureza. Outro é a sua correção e domínio. Cada qual defendendo seu tabu ou ídolo, obedecia ao instinto de conservação, defendia-se a si mesmo.

Conforme o gosto ou temperamento todo leitor dessas páginas se coloca irresistivelmente de um ou outro lado. Define-se. Ainda bem que o presente está confirmado cada vez mais a excelência do espírito e da crítica de Lafayette.

Tobias Barreto já morreu há muito tempo e continua morrendo apressadamente. Ao revés, Machado de Assis ressurgue de sua morte cada dia mais vivamente, e, assim, com ele aparece o seu primeiro, melhor e mais ardoroso defensor, que foi Lafayette Rodrigues Pereira".

Lamentavelmente, de maneira gratuita, im procedente, sem conhecer a história da vingança de Lafayette, acreditou, sem choro nem vela, que Sílvio era um vilão, e que, por isso, para feri-lo, Tobias não merecia um tostão como um dos preceptores da Escola do Recife. Já estava morto. Não valia a pena gastar-se vela

com defunto ruim. Todavia, em questões como essa, o tempo é inflexível. Cobra. Não deixou, sem punição, as inconseqüências e deselegâncias de Mário Matos. Jogou-o onde ninguém sabe onde está, enquanto Tobias, cada vez mais vivo, continua reeditado. Completamente alheio, aos novos livros de crítica, no que Josué Montello viu e denunciou, do caráter de Lafayette, em seu livro – O Presidente Machado de Assis, sem amém, talvez, já agora, seja uma piada.

No livro *Cartas ao Irmão*, de Lafayette, *Brasileira*, volume 342, está reproduzido o discurso de posse de Pujol, na Academia, a 23 de julho de 1919, em 25 páginas nas quais se procura o nome de Machado de Assis e apenas se lê o de Lafayette. Nos efeitos, pois, eis o que diz no conteúdo deste primeiro período:

"Devo confessar-vos, ao agradecer à Academia Brasileira de Letras a honra dos seus sufrágios, que nunca sonhei a ventura suprema de pertencer a esta egrégia Companhia. O vosso ilustre cenáculo, a "torre de marfim", a que aludia um dos seus fundadores, revela-se a meus olhos, numa alvura imaculada, como um templo augusto, defeso às minhas pobres letras profanas, ensaios e devaneios da mocidade, sepultados nas páginas efêmeras do jornalismo. Seduzido pelas sugestões de amizades indulgentes, vim bater à vossa porta, sem atender na indigência dos meus méritos... Quisestes talvez premiar o obscuro artífice, que reuniu e juntou, nas suas mãos grosseiras e rudes, os primeiros materiais, para glorificação do autor das Memórias póstumas de Brás Cubas. Mas o vosso prêmio foi tão desmedido, que ainda não volvi a mim do enleio e da confusão em que me deixou submerso. Nesta hora de intensa comoção, não sei dizer-vos o que se passa no meu espírito conturbado, vindo recolher entre vós a sucessão de Lafayette, na

cadeira que pertenceu a Machado de Assis e tem por patrono José de Alencar, amparado pela palavra generosa do mais querido dos meus mestres, o eminente jurista, filósofo e magistrado, que é um dos vultos mais expressivos da cultura contemporânea. Bem sabeis que não posso substituir ninguém. A cadeira, que me destes, é um santuário, onde repousam três sombras peregrinas: a figura mais alta e mais nobre do nosso romantismo, o clássico maravilhoso do nosso idioma, e o civilista profundo, que versou a ciência do direito, revestindo-a de pureza helênica. Do seu espaldar se debruça a imagem da pátria, velando e abençoando a grandeza refulgente no gênio nacional". (211/212).

Realmente, no discurso todo, em prol da eminência de Lafayette, como, de antemão, se pode imaginar, assim o termina no desejo de fazê-lo reviver em nossa admiração e apreço:

"A 29 de janeiro de 1917 veio buscá-lo a morte. Desapareceu como um deus proscrito, no meio da confusão contemporânea, entre o esquecimento de uns e a indiferença de outros... mas, senhores, recordando a palavra de Romain Rolland – *il y a des mortes aqui sont plus vivants que les vivants*, podemos dizer que Lafayette ressuscitará para a sua glória na sagração das gerações futuras, porque amou o Direito, que é eterno símbolo do Poder, na frase de Carlyle, e amou a Beleza, no mundo ridente do pensamento e do sonho". (235).

Sem dúvida, um escritor, no que é, não se engana no que tem a dizer de suas preferências. Daí porque Josué Montello ganha relevo quando desfaz o mistério de Lafayette no ataque contra Sílvio Romero. Nesse sentido, de fato, seu propósito era o de saber que Lafayette no desmerecimento de Tobias, como um dos grandes da Escola do Recife atingia o calcanhar de Sílvio. É certo

que, com isso, não esperava que seu mistério fosse descoberto, chegasse ao fim. Chegou, realmente, após a pesquisa e testemunho de Josué Montello em seu livro de notáveis informes, esclarecedores e indesmentíveis – **O Presidente Machado de Assis**.

Este livro, para os desejam ter um sentido menos patético, mais **legível** e mais rutilante, deve ser lido sem desvio de páginas. Vale a pena lê-lo. No peso das equivalências, é a chave que nos abre o cofre de um mistério realmente sepultado por Labieno nas verrinas até então de um pseudo herói contra um famigerado vilão.

É neste oeste que surgem outros verrineiros demasiadamente **cativos** do que pensam inverter no brilho de Sílvio Romero. A fim de torná-lo ilógico, indigente, como **Corvos** se copiam em quixotismo e desaparecem nas vilanias de suas improficiências.

Laudelino Freire em seu livro – **SÍLVIO ROMERO, Página de crítica impressionista**, na verrina, como que a se mostrar neutro, no que diz, não consegue isentar-se deste despique central, no que afirma da História da Literatura Brasileira, obra maior de Sílvio. No esquadramento do campo perceptivo, no conjunto dos enunciados reunidos, diz em face da concepção do plano, que não é exclusivamente original.

"Ferdinand Wolf publicou em 1863 a Histoire de la littérature brésilienne". Em definitivo, "o livro de Wolf tem sido e continua a ser com razão, o nosso oráculo na matéria, porque é o único em seu gênero". De quebra em 1872, o **Resumo da História Literária**, do cônego Fernandes Pinheiro e **Os varões ilustres do Brasil**, do conselheiro Pereira da Silva". (p. 19/20).

O confronto, porém, não vale nada. É mofino. Não chega

à soma dos valores admitidos por Sílvio em sua História. O campo das pesquisas dos proto-historiadores de Laudelino não atinge o do mestre da Escola do Recife nas investigações feitas dentro da pré-história e da história, da filosofia e da política, da sociologia e da religião, das artes e dos escritos já nascidos no Brasil e os que entre nós iniciaram-se nos temas genuinamente brasileiros tais como Anchieta, Vieira, Gonzaga e outros mais.

O *cogito* de Laudelino, nesse espaço, é farsístico. Nesse sentido, a insinuação surge num embuste inqualificável de unguento píffio. E nisso sequer chega a ser irônico. Porque, na verdade, é pérfido.

Como Laudelino, outros opositores romerinos, entram neste carnaval. A. Bandeira de Mello, por exemplo, é outro que no arranjo de um título impressionista, como este – **A Morte da Polidez**, acredita acabar com Sílvio nesta impolidez:

"Não há tocar em Tobias – tudo ali é sagrado, é santo e imaculado. Tocar em Tobias é infamar Sílvio, e quem increpa Tobias leva pancada de Sílvio, porque Tobias é Sílvio e Sílvio é Tobias: duas pessoas distintas numa só verdadeira. Outra não é a impressão senão esta que em breve olhar poderia ter qualquer esmiuçador que embebesse a vista na vida dos dois súditos de S. M. o Imperador da Alemanha. Por não querer o sr. J. Veríssimo respeitar as imunidades do manipanço, o sr. Sílvio rompeu fogo cerrado, nutrido e vigoroso".

"Não há entre nós nomeada inculcada com tanta insolência e exagero, tão a força de berros, de reclamos, de assuadas, de comparações inoportunas e descabidas; urdidas com tanto interesse outros vultos superiores dos nossos movimentos literários e filosóficos para somente deixar sobressair Tobias e seus proséli-

tos, como essa que do chefe da Escola do Recife fazem os discípulos que ele reuniu, elogiou, distribuía recompensas espirituais e armou cavaleiros para contar-lhe os feitos, dizer das batalhas que travou e das resistências que encontrou por toda parte". (19 e 21).

Como se acaba de ver, A. Bandeira de Mello, levemente, acredita que nesse paralelismo, envolvido na morte da sua polidez, nobilita o que pensa que pensa em truísmos. Mergulha na história da Escola do Recife e sem compreendê-la apaga-se como pigmeu sem sentir-lhe o ponto alto das paixões, da política e da vida em que ele se deu em prol de uma democracia formal e real para o país.

Nos compromissos consigo, nos equívocos e nas ilusões do que insinuou, desaparece inopioso antes de enriquecer diante deste inventário decifrado, meditado e exposto pelo civilizado e mestrial Gilberto Amado. Em prol de Tobias Barreto, no Centro Osvaldo Spengler, eis, pois, alguns trechos de sua conferência, na qual sem moeda falsa, podemos colher ouro de lei de incontestável valor, transcritos do opúsculo - TOBIAS BARRETO, **Ariel Editora**, 1934:

"A minha geração não recebeu influências de Tobias Barreto.

Nas polêmicas e conversas de estudantes no Recife do meu tempo, de 1905 a 1909, não era freqüente o nome do famoso sergipano".

Eu não seria, pois, dos mais indicados para falar de Tobias perante vós se a vossa sociedade fosse uma assembléia de iniciados num culto votivo. Por que me indicastes então para falar sobre ele? Naturalmente porque sabeis que eu sou capaz de amar o adversário, que eu não negócio com o espírito. Ainda mais por-

que sabeis que o homem é mesmo gigantesco, que a obra é formidável".

"A obra de Tobias é a do desbravador de terras virgens, a do descobridor do rumo das Índias, o do conquistador da América. O monismo, a crítica religiosa, Kant, toda a filosofia existia antes dele, tudo estava ao alcance de todo mundo".

"O material que ele trouxe é imenso. Tudo o que havia de novo no mundo ele transportou nos seus braços possantes para a aldeia em que vivia.

Antes dele uma era a idéia que faziam todos os brasileiros da origem do mundo, da origem da sociedade, da origem do direito, da origem da arte, da situação da mulher, das ciências, da vida em geral".

"Filho do povo, ele conservava os hábitos e jeito populares.

Não podemos julgá-lo fora das suas condições especiais, da sua formação e do seu ambiente.

Se ele tivesse resignado, não seria Tobias".

"Ele implanta primeiro que qualquer outro no solo brasileiro o pavilhão da independência mental. Pela primeira vez, por sua vez, se afirma em nossa terra o direito do pensamento desinteressado".

"Há uma frase de Tobias que nos conduz ao centro dos problemas Spenglerianos. É quando nas Questões vigentes, capítulo "Sobre uma **nova intuição do Direito**, ele se põe a distinguir cultura de civilização, e diz: "A civilização se caracteriza por traços que representam mais o lado exterior que o lado íntimo da cultura".

"Esse trabalho marca a diferença não só entre dois indivíduos, Spengler e Tobias, mas entre uma corrente e outra do pen-

samento moderno; entre as idéias de progresso linear; entre o século XIX intelectual e inteligente e este pedaço de século XX, vitalista, valorista, intuitivista, perante o qual a inteligência não é tudo".

"Nosso grande Tobias sonhava com o progresso contínuo".

"Do meio dessas realidades, grita Oswaldo Spengler: "O otimismo é covardia".

"A nós, ao homem moderno, cabe lutar no desespero - eis o que nos intimou o vosso patrono".

Para Tobias a questão era caminhar, que caminhar era progredir".

Spengler que não crê no progresso – manda que aguardemos sem esperança a explosão da nossa época.

Qual dos dois fixa a atitude que está no sentido do futuro?

Não faço a pergunta com intenção de responder.

Quero apenas marcar o contraste das figuras e dos momentos que representam o grande antepassado de quem me pedistes que eu vos falasse, e o grande contemporâneo sob a invocação de cujo nome trabalhais as grandes coisas".

"O que eu quero é ver a vida viver.

É ver o velho Tobias arfando na solidão do passado brasileiro, é ver Oswaldo Spengler fremindo em face ao futuro do gênero humano.

Meu prazer é achar-me no meio de vós, diante disso tudo, vendo com amor as idéias em luta.

Ver a vida viver! "Da aludida conferência, leiam-se, sobretudo, as páginas de 7 a 9, 11 a 16, 22 a 29, 31 a 45, 48 a 52).

Ora, em face dos possíveis acima abordados sem ironia e sem fragilidade, aceitamos de Gilberto Amado o que afirma de

Tobias Barreto. Na verdade, o grande mestre da Escola do Recife, em seu tempo, iniciou a luta oposicionista do Brasil acomodado no colonialismo para o Brasil consciente de seu destino diante dos banqueiros imperialistas.

Daí porque, como anteriormente refuto, discordo das verrinas de Fran Paxeco em seu livro – **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa**. São facciosas. Têm o ranço da vingança. Para ele, Sílvio como grande romero... era um embusteiro das arábias. Não era um sociólogo e muito menos crítico. Era um vazio e nulo.

À medida que os anos passam, cada vez mais Fran Paxeco fica mais só e mais desacreditado nas verrinas insolentes contra Sílvio Romero. Sem dúvida os seus engodos se multiplicam nas evidências deploráveis em que não foi um crítico qualificado pelos fatos da verdade.

Claro, no âmbito iluminado da Escola do Recife, Sílvio Romero não teve diante de si energúmenos para impingir Tobias como eminente pioneiro contestador do colonialismo em que nos acomodávamos sem reação e sem glória. No bom sentido, por isso, no tempo e no espaço, sempre mais está a mostrar que foi, é e será um grande Romero de civismo e brasilidade.

Em seu livro **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa**, o intento de Fran Paxeco é defender Teófilo Braga com o seu turanismo nas origens do povo português. Todavia, diante desta verdade do erudito José Joaquim Nunes, neste registro incontestável, nada mais há capaz de salvar Fran e Teófilo deste fatal naufrágio.

**O latim entre as línguas indo-européias.** – "É hoje definitivamente assente e incontroverso, que a língua portuguesa

não passa de transformação, lenta e sucessiva, realizada através dos séculos, de uma que tomara o seu nome da região onde se desenvolveu, o Lácio, a qual por sua vez era também transformação de outra, falada por um povo sem história e cujo assento ou habitação a ciência ainda não conseguiu determinar. Deste povo conhecido pelo nome de ária ou **ariano** (1), saíram diferentes tribos, as quais, disseminando-se pela Europa e parte da Ásia, levaram consigo, a par das crenças e civilizações da mãe comum, a língua que tinham aprendido no berço. Foi esta, a que se perde na noite dos tempos que, continuando talvez as modificações já operadas no primeiro território, deu origem as várias línguas donde provém quase todas atualmente em uso na Europa e muitas da Ásia". (2)

(1) "Todas a rigor pretendentes aos povos que falaram o indo-irânico, fracionado nos seguintes dialetos: **germânico, itálico, (latim e osco-úmblico), báltico, eslavo, celta, albanês, grego, indo-irânico e armênio**, afora o **tocariano** recentemente descoberto na Ásia central.

(2) Dos sete primeiros, tornados línguas independentes, provém todas as línguas atualmente faladas na Europa, com exceção do turco, do grupo uralo-finês e do basco". (Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 4ª edição, Lisboa, p. 3 e 4).

Ainda no início do século XXI, no que acima se lê, até agora, o que se comprova é que não existe influências turanianas na origem do povo português. Em face disso, tudo quanto Fran Paxeco diz em suas verrinas, no seu livro – **O Sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa**, em defesa do turanismo de Teófilo, desaparece assim, sem solidez, no próprio vácuo contraditório do seu empulhador.

## 10. DA QUESTÃO COIMBRÃ E DA ESCOLA DO RECIFE

Ainda que na circunstância de começar o novo do cartel realista da questão Coimbrã, suscitado por José Veríssimo, em relação ao da Escola do Recife, na aproximação das idéias, na forma de melhorar a nossa luta social em prol do progresso, são diferentes. Sem medo de errar, pois, diga-se a Questão Coimbrã nasce de um desentendimento entre escritores, enquanto o da Escola do Recife, de um entendimento entre mestres e alunos.

No começo da Questão: em 1814 Teófilo Braga, numa travessia de abrir seu realismo à verdade do que necessitava Portugal para desenvolver-se, desafia seus confrades a se interessarem pelo que expunha nestes dois livros de versos: "A visão dos Tempos e as Tempestades Sonoras". Sem dúvida, na época, era um revisionismo para novo espírito de guerra social, novas formas de poder contra o marasmo intelectual.

Se o problema era aquele, sem equívocos, e estava nos vazios rostos da confraria num repouso relaxado e tolerado, em 1865, Antero o reconsidera e dá o troco no que melhor sabia fazer. Chamou para si a oficialidade do espetáculo de maneira mais contundente e mais internacional. Simplesmente pública as Odes Modernas. O vendaval se torna incontinente. O que parecia um

desígnio para saudar o progresso acabou no super-eu da história.

Pinheiro Chagas aparece com o seu "Poema da Mocidade" e socorre-se do aval de seu mestre Castilho. Sem fazer-se de rogado, o notável bardo das Cartas de Eros e Narciso, sem outro pensar envia missiva, numa forma de posfácio, a lembrar ao editor sua eminência dentro das boas letras.

Na missiva o desapareço era aos moços de Coimbra; mas, os mais visados, em especial, eram Antero e Teófilo. Nela, num incrível mal-entendido, acrescenta estas palavras insufladoras de Vieira de Castro – "Muito há que me eu pergunto a mim donde proviria esta enfermidade que hoje grassa por tantos espíritos, de que até alguns dos mais robustos adoecem, que faz com que a literatura, e em particular a poesia, ande marasmada, com fastio de morte à verdade e à simplicidade, com o olhar desvairado e visionário, com os passos incertos, com as cores da saúde trocadas em carmins postiços, etc".

A inconformação de Castilho, como se vê, furta-se a um entendimento. Ao "uso da vida". É polêmica neste pretexto que se resume em colera. Na verdade, em criar dramas obtusos. Ninguém, sem que a carapuça lhe volte a sua cabeça, põe o preto no branco no que um outro pode saber melhor. E Castilho, antes de chegar a Paris ou Roma, num rompante sem força para romper a verdade, diz:

"Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, de que, pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo nem atino para onde vão, nem avento o que será deles afinal".

Ora quem assim se dá sem cuidado de propôr um enten-

dimento do que necessita um país para as sábias soluções não tem consciência dos ardis e trapaças do imperialismo diante das grandes potências coloniais. Não leva um país a melhor bem-estar de existência nem o salva de sua miséria.

A resposta de Antero não podia ser outra senão esta que oferecera a Castilho, em respeito ao **Bom-Senso e Bom-Gosto**, no mesmo ano de 1865: "Levanto-me quando os cabelos brancos de V. Ex<sup>a</sup>. passam diante de mim. Mas, o travesso cérebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas que saem dele confesso não merecerem, nem admiração, nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. Ex<sup>a</sup>. precisa menos cinqüenta anos de idade, ou então mais cinqüenta anos de reflexão".

Depois disso, surge Júlio de Castilho na defesa de seu pai. E a seguir, nesse tablado de farpas e ademoestações, Teófilo Braga com o folheto – **as Teocracias Literárias**, e Antero, com **A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais**.

Não dá mais para segurar. De 1865 a 1866, os escritores se dividem. E a Questão Coimbrã toma o itinerário do salve-se quem puder, em duelos de melhor doutrinação, novas compreensões do que se instala, então, em Portugal, como evidência de um realismo mais discutido do que real. O debate não foi de solução. Foi de ortodoxia da moda. Não passou de um apelo. Nos meandros tornou-se complicado e supérfluo.

Noutro sentido, porém, de união entre mestres e alunos, assim se pode ler Sílvio Romero, no histórico da Escola do Recife, no prefácio aos **VÁRIOS ESCRITOS** de Tobias Barreto, em 1926, na edição do Governo de Sergipe:

"Defender Tobias, será preciso dizê-lo? é implícita e explicitamente defender uma época inteira, uma fase do pensamento nacional, um período, toda uma escola literária. Já vejo que o ver ao longe leva, às vezes, suas vantagens sobre o ver ao perto.

Aos meus amigos críticos – as árvores não deixam ver a floresta, o indivíduo não deixa ver a vida social, a fantástica e presunçosa psicologia empana a sociologia. **Maria optimam partem elegit**; prefiro o último quinhão e ele seria capaz de me envaidecer, se fosse caso disso".

Nessa explicação Sílvio está de corpo inteiro por toda a **Escola do Recife** ou **Escola de Pernambuco** na prioridade de exaltá-la no que foi e porque se fez merecedora de crédito. Ao bico de sua pena não esquecia de mostrar a projeção de Celso de Magalhães, de Victoriano Palhares, de Castro Alves, de Souza Pinto, de Clóvis Beviláqua, de Martins Júnior, de Artur Orlando, de Inglês de Souza, de Farias Neves Sobrinho, de Viveiros de Castro, de França Pereira, de Fausto Cardoso, de Gumercindo Bessa e outros e outros.

Falou, igualmente, de escritores que nunca viveram em Recife. A exemplo de Tito Lívio de Castro, Oliveira Fausto, Estelita Tapajós, Marcolino Fragoso. E se comprazia em perguntas assim: "por que podem os meus adversários ser devotos de Machado e (eu) não poderei ser admirador de Tobias? Por que podem eles estimar o que se poderia chamar a escola fluminense de Machado, Taunay e outros, e não poderemos eu e meus amigos do norte amar o nosso punhado de combatentes do Recife, principalmente os que ali pugnaram as lutas do decênio máximo, o decênio que iniciou e adiantou a derrocada do velho Brasil católico-feudal,

1868-1878?"

Os vindouros críticos, por isso, é que teriam, sem irritação, sem obsessão de saber separar o joio do trigo. Por exemplo: "a tremenda diatribe de Medeiros e Albuquerque contra os Lusíadas de Camões e os terríveis artigos que tem vibrado contra Rui Barbosa; ou os contra este último escritos pelo Sr. Araripe Júnior; ou os encômios, este é que se poderiam chamar incondicionais, de todos eles ou quase a Machado de Assis e Taunay; ou as censuras severas, fortes, repetidas do Sr. José Veríssimo e vários escritores novos.

E eu que supunha ser o único intratável e o único habilitado para errar e para agredir..."

Assim, após falar e explicar o que foi a Escola do Recife, não esquece de se firmar nesta recorrência que deixa escrita no livro do centenário sobre Teófilo Dias, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Luís Murat e peculiarmente Cruz e Souza para, em seu direito, "provar não ser o demônio tão feio como o pintam, nem (ele) *si bête* como querem fazer".

Não se importa com o ódio que falam dele, talvez meia-raiva, porque no fundo tudo não passa de falso ódio. O *chics* dos literatos, há bons trinta anos, era a marca dos verrineiros que se deliciavam em apedrejá-lo a troco da estima dos chefes da confraria da época.

Ele, Sílvio Romero, se assim quisesse, teria seguido o mesmo caminho. "Poderia acaso procurar cartões de entrada e gozar também da festa; nunca o fez, nunca pertenceu a grupo nenhum, a não ser agora aquela singular corporação eclética e amorfa chamada Academia Brasileira, cujas sessões não frequen-

ta e da qual faz parte por honra da firma.

Sílvio, realmente, no que foi na Escola do Recife, sem renúncia, sem repouso, foi no Rio. Não relaxou nem se acovardou no que precisava continuar a dizer conscientemente certo de estimular o povo à luta de um futuro sem preguiça e não de acomodação ou de improvisação. Invadia o Rio de Janeiro com os seus livros de ataque, revolucionários em ação de permuta dos antigos vícios pelas mutações do que havia de melhor nos países desenvolvidos. Era preciso que o brasileiro aprendesse a ter curiosidade. Rompesse o jecatutismo de que é acusado. Tomasse conhecimento das nossas riquezas naturais, colossais e fantásticas, do Extremo-Norte ao Extremo-Sul.

Em face disso, realmente, é que a Filosofia no Brasil, Crítica Parlamentar e A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna já surgem na cobrança do que não podíamos continuar sem quase nada sabermos da arte, da ciência, da tecnologia, das mutações econômicas das grandes potências bancrocíticas.

Sílvio queria o Brasil fora do colonialismo que o dominava no jogo dos empréstimos bancários. Queria-o divorciado do oligarquismo que ainda hoje oprime seu povo na miséria. Na fome e desemprego. No transitório do vai no empurrão do deixa como está pra ver como fica. Péssimo no mal-estar que ainda o afunda em timidez sem reivindicar uma nova política ou um novo sistema.

Queria-o, por isso, livre dos dramas em que hoje, neste início de século XXI, se acha quase sem armas, em várias frentes, para se defender.

Fiel ao que foi na Escola do Recife, Sílvio não recuou

diante dos verrineiros. Denuncia em seus livros a prática ardilosa em que tentaram amordaçá-lo:

"Os críticos **soi-dissant** psicólogos, Frota que repele, avolumando, o que diz Medeiros que reproduz com clareza o que o amigo Veríssimo diz velada e docemente, Araripe que pensa e escreve galhardamente por sua conta e risco, andam bem longe de estar acordes na psicologia que tenho tido a honra de lhes inspirar: alguns deles pintam-me com o temperamento de mero polemista, ao que acode outro, dando-me qualidades filosóficas, como sejam destreza no manejo das idéias e teses gerais e visão nítida dos grande fatos. São duas características contraditórias, que se excluem e repelem".

Sempre mais assim a definir-se em suas atitudes, Sílvio repetia: "Ou eu me engano muito, ou meus colegas e êmulos em crítica andam errados nos exageros anti-psicológicos que costumam a embarcar na frota de Pessoa contra mim. Não me queiram mal, entretanto, e acabemos como bons amigos. Vejo, um pouco tarde parece, que já é tempo de falar do livro do meu saudoso Tobias, por amor de quem tenho sido sempre e sempre um verdadeiro armazém de pancadas".

Na verdade, neste desabafo, Sílvio congratulava-se consigo, venturoso, na forma de melhor dizer o que foi na Escola do Recife. E nisso, lembrava a união de seus escritores em torno de um ideal capaz, de levantar o país do marasmo feudal em que permanecia.

Essa preocupação, igualmente, surgiu um pouco antes em Portugal. Todavia, não na efetividade férrea, indeclinável da Escola do Recife. Houve, de fato, a ruptura entre os preocupados

com um novo destino para os portugueses e os alfacinhas da boa vida. Mas, o movimento dos participantes da QUESTÃO COIMBRÃ, como nos expõe, Maussaud Moisés em seu livro *A LITERATURA PORTUGUESA*, ao reivindicar uma doutrina inteiramente nova, é trajada pelo velho marasmo conservador. Vejamos, pois, o registro, sem troca sequer de uma vírgula.

"A 22 de maio de 1871, Antero abre o ciclo de palestras falando acerca de *O Espírito das Conferências*, que consiste em agitar idéias que colocassem novamente Portugal no ritmo da cultura européia do tempo. A conferência seguinte, a 27 de maio, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos Três Séculos*, é ainda de Antero; ao ver dele, três eram as causas do fenômeno: primeira, o Catolicismo do Concílio de Trento; segunda, o absolutismo; terceira, as Conquistas. Para remediar o mal, Antero propugna pela Revolução: "o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno".

"A terceira conferência, efetuada a 5 de junho, por Augusto Soromenho, intitula-se ***A Literatura Portuguesa***, e nele o orador afirma a decadência da Literatura Portuguesa por falta de originalidade e gosto, evidente na poesia, no romance, no drama e na crítica que então se faziam em Portugal. Para remédio da situação, aponta o caminho do Cristianismo, entendido como essencialmente diverso de Catolicismo.

Cabe a Eça de Queiróz proferir, a 6 de junho, a quarta conferência, sob o título de ***A Literatura Nova*** (*O Realismo Como Nova Expressão da Arte*). Apoiando-se nas idéias de Proudhon, prega a revolução que se vinha operando na política,

na ciência e na vida social. Para tanto, havia que considerar a Literatura um produto social, condicionado a determinismos rígidos. A fim de ilustrar suas observações, Eça crítica acerbamente o Romantismo e defende o Realismo, como a corrente estética que realiza o exato consórcio entre a obra de arte e o meio social. Courbert, na pintura, Flaubert, na ficção, servem-lhe de exemplo.

A quinta conferência, acerca de *A Questão do Ensino*, é proferida a 19 de junho por Adolfo Coelho. Após discorrer acerca da necessidade e dos fins do ensino, passa a examinar suas formas e tipos, e por fim, sua organização em Portugal. No mesmo diapasão dos seus antecessores, o conferencista afirma a decadência do ensino por causa da aliança entre a Igreja e o Estado. Para resolver o problema, entende que urge operar-se a separação entre ambos e promover a liberdade do pensamento.

A sexta conferência, que seria realizada por Salomão Sáraga, gravitaria ao redor de *Os Historiadores Críticos de Jesus*, mas não se realizou: as conferências tinham sido suspensas, acoimadas de exporem e sustentarem "doutrinas e proposições que, atacam a religião e as instituições políticas do Estado; e sendo certo que tais fatos, além de constituírem um abuso do direito de reunião, ofendem clara e diretamente as leis do reino e o código fundamental da monarquia, que os poderes públicos têm a seu cargo manter e fazer respeitar", como rezava a portaria do Marquês d'Ávila e de Bolama, de 26 de junho de 1871, afixada nas portas do Cassino Lisbonense. Tolhidos de surpresa, os organizadores das conferências protestam veementemente pelos jornais, por folhetos avulsos, dentre os quais sobressai o de Antero, intitulado Carta ao Exmo. Sr. Antônio José d'Ávila, Marquês

d'Ávila, Presidente do Conselho de Ministros, e por requerimentos solicitando fosse julgado em tribunal o seu direito de reunião. Tudo em vão. No calor dos protestos Alexandre Herculano abandona o silêncio de seu "exílio" em Val-de-Lobos e escreve uma carta acerca d'**A Supressão das Conferências do Cassino**, em que se coloca inteiramente contra a suspensão das conferências, embora discorde de algumas idéias de seus patrocinadores. Como sempre, não faltou também quem aplaudisse o ato governamental, como fez Pinheiro Chagas".

Imobilizados, os escritores da QUESTÃO se rearticularam em posição de renovarem e propagarem suas idéias. Mas, assim sem a força insuperável da liberdade, com as faces escondidas, sem varrer o conservadorismo para os quintos do inferno, as reivindicações deixaram de valorizar os pontos de vista até então discutidos como uma contenda de fim de contas.

Daí para frente o domínio comum de pensamentos dos conferencistas, privados de se tocarem e questionarem o que lhes parecia obsoleto, deixa de alcançar a meta desejada. No **cogito** de que estavam sós naquela luta, a se olharem um dentro do outro, entrarem em colapso. A partir daquele momento, na única forma de ver que contra a força não há resistência, sepultaram desolados e aniquilados, estas conferências já anunciadas.

A de Batalha Reis, o **socialismo**; de Antero, **A República**; de Adolfo Coelho, **Instrução Primária**; de Augusto Freschini, **A Dedução Positiva da Idéia Democrática**.

Todavia, com a semente lançada, outros combatentes surgiram de maneira um tanto medida numa articulação de nova com presença ligada no que interroga a prioridade dos direitos huma-

nos no ajuste universal do mundo. Neste estímulo, Eça de Queiroz, num duplo sentido de interrogação realista, em 1875, publica *O Crime do Padre Amaro*.

Na medida de todas as coisas, Eça, assim como de maneira assaz miraculosa revelava, aos confrades de sua época, que o olho que vê, o que ele vê, é o do realismo baseado nos lecionamentos, filosóficos e científicos, de Taine, Proudhon, Darwin, Spencer, Hegel e outros. Daí, nasce a então chamada geração de ouro das letras portuguesas. A geração que, realmente, em fúria iconoclasta, não sentimental nem hipócrita inicia, em transmissão contínua, a urgente necessidade de reforma da Monarquia, da Igreja e da Burguesia. Já aí, como antimonárquicos, se aceitavam republicanos, socialistas, anticlericais e antiburgueses.

Depois disso num entorpecer pasmoso, enigmático, entre fins de 1887 e princípios de 1888, alguns realistas com outros escritores, talvez, como que a despojar o que não conseguiram, passam a integrar o grupo ***d'Os Vencidos da Vida***. Imbricaram, formularam coisas sabidas. Buscaram uma razão para os seus subpensamentos, mas, ao final, sem anular o apogeu de ouro do realismo de 1875, passaram sem ver que, nos gestos peremptórios, dançaram pelos fios que seguram os fantoches.

No contexto sócio - político, econômico, filosófico-científico do realismo em Portugal, intempestivamente assim, sem eira nem beira, ***Os Vencidos da Vida***, num país monarquizado, pois, assim se aceitam a fazer uso dessa imagem que se define na aceitação do despejar. Ainda que, como pensamos, o ocorrido seja uma bofetada sem mão num escol ***coquete*** que agrada e se entrega a dobrar os joelhos diante dos gringos bancocráticos.

Ao contrário disso, eis o que nos diz Sílvio Romero, um dos mestres da Escola do Recife, no prefácio ao *Vários Escritos* de Tobias Barreto:

"O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quantos no século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários, a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilismo nas províncias da América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história em um grande país. De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava ainda a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida de arroxo das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o partido liberal, expelido grosseiramente do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um pro-

grama de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar. Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçam sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje, que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, *folk-lore*, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o bardo de alarme partiu da Escola do Recife. Tobias foi o mais esforçado combatente, com o senso de visão rápida de que era dotado.

Por que contestar o seu merecimento? Por que amesquinhar o seu esforço? Eis aí o motivo da minha defesa; não no ataquem que me calarei. Amparando-me a ele, defendo meu tempo, minha escola, meu grupo, defendo-me a mim mesmo".

A razão dessa defesa é compreensível no colmar que Sílvio faz de sua participação na Escola do Recife, então no caminho da estratégia revolucionária e das relações entre a política e a literatura. Vista assim, inegavelmente, a Escola ocupa desempenho primordial em nossa evolução literária.

No prefácio do ***A Filosofia no Brasil***, volta a ratificar:

"Desde 1868 e 1869 que a leitura de Taine, Renan, Scherer e Spencer, desfazendo a intuição católica e especialmen-

te jourfroianesca com que saíra do curso de preparatórios, me iniciara na intuição do mundo moral, que ficou sendo fundamentalmente o meu credo filosófico até hoje. Por disposição natural de espírito atirei-me à crítica literária, cuja renovação em nosso país, digo-o sem medo de contestação, nasceu de meus primeiros escritos publicados desde 1870. Preocupado com leituras e estudos de crítica, de antropologia, etnografia, filosofia e religião, tinha deixado quase inteiramente de lados os assuntos jurídicos, posto que, na minha defesa de teses no Recife, tivesse sido o primeiro (1875) a citar von Ihering e a falar na darwinização do direito. A despeito disto, desde que não passei de uma indicação, pertence incontestavelmente a Tobias Barreto, de 1882 em diante a glória de ter sido o iniciador entre nós das novas idéias na esfera dos estudos jurídicos. Não é agora a primeira vez que o declaro".

Sílvio jamais deixou de ser um escritor identificado com os seus brios: não querer o que não lhe pertencia. Não roubou merecimentos de outros para revelá-los como seus. Em sua positividade era justo. Conhecia seus limites no que mostrava como oriunda de sua crítica, de sua sociologia como paixão de suas evidências. E nisso foi inteiro até o instante em que o próprio Tobias o repõe na citação aventada. Na verdade, porque era de Sílvio e não dele.

Em seu correto escrito – *Jurisprudência da vida diária*, Tobias criteriosamente afirma a dar o seu ao dono:

"Ao meu ilustre comprovinciano e amigo Sílvio Romero cabe a honra de ter sido o primeiro que ousou convidar o Dr. Von Ihering para ir à Faculdade de Direito do Recife, lembrando-se de citá-lo na sua bela dissertação apresentada por ocasião das teses

que pretendeu sustentar, porém que tiveram, como é sabido, para glória sua e eterna vergonha dos **mestres**, aquele triste resultado **metafísico** criminal. Isto em março de 1875".

"Quem pode assegurar o contrário"?

Relembre-se: dessa prioridade em prol de Sílvio, "documentada na dissertação acadêmica lida perante a Faculdade do Recife, José Veríssimo não tomou conhecimento e no seu **História da Literatura Brasileira** a destrói num desafio de guerra.

Para melhor apreciação do leitor, entre dois notáveis historiadores de nossa literatura, vale, por isso, registrar-se o testemunho de José Veríssimo e o desagravo de Sílvio Romero. Ambos publicados oficialmente em livros acerca da contenda em que se deram.

Eis o testemunho de José Veríssimo:

"As nossas academias ou faculdades superiores foram desde o meio do século passado os principais focos da nossa atividade literária. Dessa origem lhe virá a fraqueza dos resultados, a sua imperfeição e inconstância. A nossa literatura desde o Romantismo foi principalmente feita por estudantes ou moços apenas saídos das faculdades com pouca lição dos livros e nenhuma da vida. Nelas se geraram quase todos os movimentos, e todas as novidades de ordem mental, como era natural, acharam nelas terreno adequado, tanto para o jóio como para o trigo. Foi sobretudo mediante os seus alunos do Recife, literariamente deslumbrados pela facundia do professor, deslumbramento aumentado de simpatia que lhes inspiravam os seus hábitos boêmios e alguns dos seus mesmos defeitos, tudo levado à de poesia ou filosofia, que Tobias Barreto influiu na mente brasileira. Sem outra originalidade, talvez, que a

do seu verbo, como ele desordenado e exuberante, sem nenhum saber científico realmente sólido, agitou, entretanto, uma porção de idéias novas, pregou ou doutrinou concepções desconhecidas da maioria, citou enfáticos encômios, nomes alemães e russos de quase todos ignorados, e cujo valor raríssimo podiam verificar, e firme e desassombradamente proclamou a necessidade de refazermos completamente a nossa cultura em outras fontes que aquelas onde até aí principalmente bebiam os portugueses e franceses. A estas não conseguiu aliás que de todos os deixássemos, pois nela é que principalmente bebemos ainda. Não foi, porém, inteiramente perdido o seu reclamo. Concorreu muito para entrar conosco a duvidar salutar de que as nascentes tradicionais da nossa cultura não seriam as únicas benéficas, e a curiosidade do nosso espírito se alargou consoantemente. Basta isso para lhe assegurar um posto proeminente na nossa evolução literária, ou antes cultural, sem necessidade de lhe exagerarmos o valor da obra".

Esta afetação de saber universal, sempre suspeito num puro autodidata, realçado em verdade por um grande e sincero calor de exposição, em que superabundavam provas de talento, abalou a mocidade da escola onde professava e por ela boa parte da mentalidade moça do país. Livro, não publicou em vida mais que os *Estudos alemães*, coleção de artigos diversos, e *Menores e loucos*, monografia de direito criminal. A maior parte da sua obra saiu póstuma".

"Só foi lembrado quando Tobias Barreto se tinha feito conhecido como professor no Recife e começava a criar prosélitos".

"Influindo também em Portugal, criara ali a cultura alemã

uma pleiade de escritores pelo menos ruidosos, como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Joaquim de Vasconcelos, Antero de Quental, Luciano Cordeiro, amotinados contra a situação mental do reino. Além destes, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão vulgarizavam nas **Farpas**, com petulância de saber, as novas idéias. Todos estes, aqui muito mais lidos do que nunca o foi Tobias Barreto, atuaram poderosamente a nossa mentalidade. E o coimbrão, como se chamou à briga literária do "Bom senso e bom gosto", pelos anos de 65, teve certamente muito maior repercussão na mentalidade literária brasileira do tempo do que a pseudo escola do Recife. Muito mais daquele movimento do que da influência de Tobias Barreto, derivou a **Literatura Brasileira e a Crítica Moderna** (1880) do sr. Sílvio Romero, e bem assim os seus principais, estudos da história da literatura brasileira".

"A **escola do Recife** não tem de fato existência real. O que assim abusivamente chamaram é apenas um grupo constituído pelos discípulos diretos de Tobias Barreto, professor disserto e, sobretudo, ultrabenévolo, eloqüente orador literário e poeta fecundo, mais do que Tobias pensador e escritor. Cumpre, aliás, repetir que esse grupo, salvo imigrações individuais posteriores, restringiu-se ao Norte, donde era a máxima parte de seus alunos, e mais exatamente de Pernambuco".

"(Tobias) atuou duplamente, primeiro, e acaso principalmente, como demolidor dos nossos valores mentais que pela sua própria imobilidade se tornou um impedimento ao nosso progresso espiritual, depois como uma força de estímulo e reforma para essa mentalidade. Apontou, se não abriu caminhos novos e novas direções à nossa inteligência, criou discípulos em que se lhe

frutificaram os ensinamentos e cuja ação foi considerável, suscitou discussões e polêmicas com que agitou o nosso meio intelectual, em suma, deu forte e útil abalo ao nosso pensamento, como quer que seja no momento inerte. Não foi, porém, nem um sábio, nem um pensador original ou profundo".

"A mais considerável saída desse movimento, menos aliás por virtudes intrínsecas, que pelos efeitos, e esse produto direto do estilo criado em Pernambuco por Tobias Barreto, mas concebido e realizado no Rio de Janeiro, é talvez a já citada História da Literatura Brasileira do sr. Sílvio Romero". (344 a 352).

E agora, eis o desagravo de Sílvio Romero:

"Não costumo ler o sr. José Veríssimo, principalmente depois de seu último concurso de história geral e do Brasil, em que se revelou duma ignorância abaixo de qualquer classificação".

Já dantes raramente o lia, por causa da chateza de suas idéias, a confissão de seu espírito, o tom rebarbativo de seu estilo, a irritante pretensiosidade de seu dogmatismo, disfarçado entre conjunções e advérbios contraditórios".

"No correr de todos os seus livros encontram-se às dúzias malignas e sorradeiras afirmativas a meu respeito que, por evitar brigas e não parecer provocador, fui deixando continuamente sem resposta".

O sr. José Veríssimo no seu atraso, nunca entendeu a moderna Crítica sociológica, por mim inaugurada no Brasil, e tem feito até muita gente retrogradar e recair na mera crítica retórica, ou à *soi disant* psicológica".

"Entrei, aqui, trazendo um livro, que era, no meio

modorrento, apático, atrofiado no terreno das idéias do Rio de Janeiro, um verdadeiro escândalo: **A Filosofia no Brasil**".

"Teria posto o ponto final nesta repulsa à desastrosa zeverissimação da crítica relativa ao famoso conto de meu muito ou pouco saber da língua alemã, que José houve por bem repetir a propósito do recente livro de Lichtenberg, se, em artigo consagrado a Nietzsche, não tivesse ele posteriormente me distinguido com outra dose de alfinetadas".

Desta vez é a velha historieta, passada há trinta e quatro anos, da defesa de teses em que declarei morta a metafísica.

Se o artigo endereçado a Lichtenberg é uma bota, o referente a Nietzsche é mil vezes pior: é um chinelo velho.

Difícilmente poder-se-ia encontrar um mais autêntico documento da ignorância e incapacidade do famigerado tucano".

"Ora, a defesa de teses em que se declarou morta a metafísica, teve lugar em março de 1875".

O primeiro livro filosófico do pensador alemão, – **Cousas Humanas**, só em maio de 1878 – apareceu.

E desgraçada estaria a metafísica para todo sempre, se ela tivesse de esperar por Nietzsche para reflorescer.

Não; o sr. José Veríssimo está às cegas neste assunto.

Há mister esclarecê-lo. Ouça:

A metafísica que foi dada por morta em 1875 era, aprende, José, a metafísica dogmática, ontológica, apriorística, inatista, meramente racionalista, a metafísica de velho estilo, feita **á parte mentis**, a pretensa ciência intuitiva do absoluto, palácio de quimeras fundado em hipóteses transcendentais, construído dedutivamente de princípios, imaginados como superiores à toda verifi-

cação.

Esta morreu e está bem morta para todo mundo, menos para o nulo criticastro **do exterior pelo telégrafo**.

A metafísica, que se pode considerar viva, é a que consiste na crítica do conhecimento, como a delineou Kant nos seus **Prolegomenos**, e, mais, a generalização sintética de todo o saber, fincado nos processos da observação, e construída por via indutiva.

Esta vive e viverá sempre porque, além de ser uma disposição natural do espírito, supre algumas falhas das ciências particulares, mas sem abrir luta com estas e antes nelas se apoiando, mantendo sempre ativos os largos surtos e aspirações da razão para o lado do desconhecido.

A história da filosofia fornece motivos explicadores do nascimento e morte da primeira e as causas da constante renovação da segunda".

"Quando, pois, eu disse, em 1875, que a **metafísica estava morta**, me referia à velha **metafísica ontológica**, e não à parca metafísica kantescas de **simples tendência do espírito, que vai sempre formando sínteses provisórias**, ou à **crítica do conhecimento**, preconizada pelo magno pensador".

"Recentemente no puro terreno do método sociológico me pareceu de vantagem robustecer o próprio evolucionismo sintético com **métodos e processos de observação** praticados pela escola de Toucville, Rousiers e outros, continuadores de Le Play".

"Tudo isto foi pensado, escrito e publicado bem antes de se começar a falar em Nietzsche no Brasil, onde sua fama é coisa?

recentíssima de uns dez ou doze anos apenas a esta parte".

"Ia-me esquecendo que neste opúsculo não tenho em mira apreciar as idéias de nosso simplório José acerca de Lichtenberg e a Alemanha, ou sobre Nietzsche e a filosofia".

Meu alvo único é defender-me de impertinentes remoques e estúpidas piadas". (No Zeverissimações ineptas da Crítica de Sílvio Romero, da p. 7 até a p. 100).

O desagravo de Sílvio, como se vê, na exuberância de sua inteligência, diante da verdade, assim, jamais deixava de aparecer, para anular os verrineiros, na força da verdade e do Azorrague.

De Sílvio Romero, nessa valentia, no prefácio do **Minhas Contradições**, diz Almaquio Diniz:

"Em questão de crítica, os casos como o dr sr. Sílvio Romero ainda são mais perigosos, porque, impotente, a censura não esmorece entretanto, investindo constantemente no uso dos recursos mais ignominiosos, que entram nas **vacances** dos honestos que, nunca houve, ou, se houve, foram realmente impoderosos para a destruição que visavam. O argumento é substituído pelo apodo, o fato pela desonestidade, o qualificativo pelo insulto e a função moderadora pela agressão insólita. De outro modo não exerceu a crítica os que, farejando o escândalo de bater um grande nome, não coíbem os seus odientos assomos e investem, desarmônicos e obsecados contra o autor da História da Literatura Brasileira".

Sílvio Romero, na verdade, quanto mais atacado, mais se mostrava imaginativo nos conhecimentos em que se fazia superior e respeitado. Sua competência de pesquisar, interpretar e jul-

gar o opositor era comprovado em argumentos e fatos irredutíveis. Mas, acima de tudo isso, o importante é que os verrineiros não lhe esqueçam a nobreza. Quando sentia-se em erro, no retorno do insulto, não se recusava de pedir desculpas ao opositor.

Exatamente porque foi um mestre, respeitado e competente, daqui para o futuro, sempre mais, não será diferente.

## 11. QUE CLASSE DE ESCOLA ERA A DO RECIFE?

Para se dizer precisamente que classe de Escola era a do Recife, desde o nascimento, sem improvisação, é intransferível que se conheça a existência e a consciência de Sílvio Romero através de sua crítica-sociológica nas formas de um futuro novo de progresso e brasilidade. Foi o primeiro a insurgir-se contra uma plutocracia acomodada à sombra do Segundo Império, latifundiado entre os barões do café, coronéis seringalistas e senhores de engenho.

Estava-se, realmente, nesse marasmo, que dava a mão à preguiça, ao jecaturismo, a uma carga de episódios que, nesses vícios, levou os brasileiros à guerra do Paraguai, à Abolição, à República e para o endividamento que ainda hoje reclama uma nova política para um novo sistema.

No tocante aos pontos essenciais que é preciso romper-se o país continua sem permuta dos antigos vícios. Na verdade, privado de contato com o saber, a ciência e as mutações econômicas restritas em sua extensão ao G-7, à União Européia e aos novos blocos econômicos asiáticos.

O exemplo da Argentina, no sufoco financeiro em que se acha sob o controle do FMI, comprova-nos, realmente, porque na

marcha acelerada do fracasso estão a afundar, na desestatização de suas moedas, os países iberos-americanos. No ano de 2002 teremos, no ajuste dos juros a serem pagos ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial, duzentos milhões de desempregados. E junto, com essa política genocida, as "pragas irmãs do narcotráfico e do terrorismo numa ameaça não só à Ibero-América; mas, também, à continuidade da civilização ocidental.

Na globalização neoliberal os países da América Latina não terão um novo futuro capaz de livrá-los da espoliação em que as superpotências os tornam insubexistentes e miseráveis. Só conseguirão sair desse colonialismo se, na integração do continente, mediante heróico arrojo de infra-estrutura, conseguirem criar o Mercado Comum Ibero-Americano em competitividade de superpotências independentes.

Para isso é necessário que se valorize as riquezas minerais, florestais, hidrográficas e territoriais dos países componentes da Bacia Amazônica, a maior do mundo e a mais cobiçada pelo imperialismo internacional. Para salvá-la, entre os Andes e o Caribe, o Atlântico e o Pacífico é imperioso que se multiplique seus recursos de transporte, energia, trabalho e produção em bens de capital.

Sem essas medidas correspondentes a uma economia moderna e produtiva, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela e Brasil, países amazônicos, limitados em sua área ocidental, jamais se poderão integrar à economia física de seus países. Jamais terão melhor futuro no continente ibero-americano.

Para derrubarmos o nosso "Muro de Berlim, com referência ao Brasil, temos de considerar que, no que aqui se propõe, o

convite não é original. Tampouco, no que o problema é conhecido. Não é novo. Em seu tempo, Sílvio Romero, insistentemente, estendeu-nos a sua mão, convicto de que nos podíamos unir à unidade econômica de um destino de grandeza para o Brasil.

A propósito de negarem que classe de Escola era a do Recife, durante anos os desafetos de Tobias e Sílvio, mudaram a direção do que já era conhecido no empenho de comprometer o que não conseguiram despojar sem comprovação. Os verrineiros, de fato, nos ardis, não queriam a verdade. O importante, pois, era esquecer a ética e esmagar a Escola do Recife na zombaria, na mofa, no apodo. Queriam no mascaramento da imposturia desaboná-la das qualidades de erudição em que reunia uma plêiade de inteligência lucidíssima.

Sem autenticidade, por isso, nas pernas curtas, outro não podia ser o resultado: o tiro lhes saiu pela culatra. Infamar e permutar o conhecido pela intrujice é fazer todo mundo de bobo. Se assim é, hoje ou amanhã, o embusteiro jamais deixa de ser desmascarado.

Hoje, pode-se dizer que a Escola do Recife tomou corpo e se tornou transparente na preponderância política e sociológica em que se projetaram seus mestres e alunos acerca da concepção do imperialismo colonial. O fato é que, em face da atual globalização neoliberal, na cultura divulgada em termos de ilustração, Sílvio, mais do que Tobias, revelou sua insatisfação contra os antigos modelos, no seu *A Literatura Brasileira* e *a Crítica Moderna*. Vejamos:

"Esta é a ordem cronológica na sucessão dos diversos momentos da idéia poética neste século no Brasil.

É fácil, porém, de ver que alguns movimentos foram quase simultâneos. A de Varella, por exemplo, foi contemporâneo de Tobias. A idéia varelliana contudo, é um tanto anterior à do escritor sergipano. Quando o cantor das ***Vozes da América*** foi assistir no Recife ao aparecimento revolucionário de Tobias Barreto e Castro Alves, já ele levava um nome feito de São Paulo, já tinha seu sistema completo, e foi rebelde à ação dos dois ***inovadores*** do norte.

O autor destas linhas, chegando ao Recife, achou Varella e Castro Alves ausentes, para pouco depois morrerem; e encontrou Tobias voltado para a crítica. Mas os acontecimentos eram recentes.

No seu tempo a escola pernambucana tomou as duas direções simultâneas acima indicadas; a dos ***Cantos do Fim do Século*** e a especialmente ***realista*** de Celso de Magalhães, Souza Pinto e outros.

É esta a tendência que predomina hoje no Rio de Janeiro e na escola de São Paulo. Esta última, nos derradeiros cinco anos, conta uma plêiade brilhante de jovens de talento que vão levando decidida vantagem à sua rival do Recife.

O movimento emancipador e crítico partiu é verdade, da capital do norte; mas São Paulo agora tem a primazia.

Não sei se vai nisto algum engano; mas pelo que tenho lido, os continuadores mais inteligentes e aproveitáveis da nova fórmula da poesia nacional, com quem quisera estar de acordo, se certas idéias, que, talvez erroneamente, julgo mais exatas, mo permitissem, estão em São Paulo.

O leitor compreenderá, sem esforço, o motivo porque in-

sisto nesta circunstância, que parece mínima. É que os nossos mais alentados movimentos poéticos têm sempre partido do seio das nossas faculdades de Direito. A vantagem ora está numa escola, ora na outra. Por outro lado, nas artes, como na pintura e a música, neste século, levamos incontestavelmente vantagem aos portugueses".

"Sem entrar detalhadamente em questões de preferências, que são sempre divididas ao sabor de nossos caprichos, ainda aventuro algumas reflexões que me parecem destituídas de fundamento.

Tanto no Brasil como em Portugal fazem mesquinha figura no quadro das nações cultas, e o movimento espiritual em ambos os países é quase insignificante". (p. 192).

É fato que tudo isso para Fran Paxeco foi compreensivo. Mas, no seu livro **O sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa**, toda a Escola do Recife passou a lhe cheirar mal. Como era de esperar-se, em razão disso, de censor passou a insultador. Trocou tudo. E do que desejou comprovar numa badalada ânsia de originalidade só lhe restou explicações fugidas, sem pesquisa e sem autenticidade.

O rédito paxiquiano não chega a ser opositivo. Não revela a literatura de Tobias no que tem de inferior. Apenas, em gozação, mostra-o na interioridade de sua vida. Nulo, por isso, é o seu terrorismo na forma de o querer assim neste seu deslogiar:

"Tobias foi e é acima de tudo um poeta, conclama estrambótico, Sílvio, apesar de nos participar que a poesia era para ele uma questão de pagode. Esta revelação implica a sua cabal condenação. A arte, por ser eterna, exige seriedade, sinceridade.

Nunca se leu que Dante fizesse por pândega ou distração a **Divina Comédia**, Virgílio a **Eneida** ou Victor Hugo a retumbante **Lenda dos Séculos**. Mas, lê-se que Tobias bruniu, por festa, os **Dias e noites**. Estais vendo o abismo... Não contestamos a Sílvio que Tobias fosse um excelso tocador de violão e cantor de modinhas. A tanto não nos atrevemos... Mas que ele fosse isento de convenções e atitudes teatrais refutamos. A razão da idolatria dos bacharéis formados no Recife nasce exatamente dessa espetaculosidade tobiática". (82).

Como se vê, nessa continuidade de crítica, a posição cortês que ajuda os homens de boas letras numa polêmica cuidada, mestrial, apta a valorizar a crítica interpretativa, ainda identifica letrados desse feitio no tipo mundano, extremamente mercantilista e especulativo.

O problema dos fins na crítica de Fran Paxeco cabe em vários outros rostos iguais. Resume-se em intolerância de entendimento. Troca a claridade exposta por Sílvio por um equívoco que se furta a romerizar o que foi a Escola do Recife.

O vício do opositor, por isso, nesse intento, é sempre negativo. Quando lê um autor que não o agrada, escamoteia. Transforma em despreço e confusionismo, o que, sem razão de ser, no fim, permanece em sua cólera ou vingança.

Atento a isso foi que Sílvio Romero, no exercício da verdade crítica no seu **O Brasil Social**, com olhos de futuro, sem titubeios, isto nos pode dizer:

"Já andamos fartos de discussões políticas e literárias. O Brasil social é que deve atrair todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de coração e boa vontade, todos os que têm

um pouco de alma para devotar à pátria". (5)

"Tomemos a questão do alto, estudemos o conjunto da população. O estado funcional das gentes brasileiras pode-se resumir numa palavra: o Brasil não tem povo!"

Seis milhões (atualmente mais) de habitantes, pelo menos, nascem, vegetam e morrem sem ter quase servido a sua pátria. No campo serão agregados das fazendas, caipiras, matutos, caboclos; nas cidades, serão capangas, capoeiras, ou simplesmente vadios e ébrios". (19)

"A situação é esta:

O grande proprietário e produtor de toda a ordem das roças perdeu o escravo, nervo do trabalho, e, não sendo possível reduzir o colono estrangeiro nos pontos onde ele existe, à condição do antigo trabalhador, não tem tido a plasticidade exigida para a transformação imposta pelo nosso estado social.

E como não tem capacidade por si para o trabalho, nem a encontra ampla na população rural ambiente, nem lhe ocorre dividir os enormes latifúndios e tentar a criação de pequena exploração agrícola, deblatera-se e decai". (25).

"Mais há alguma coisa a tentar para resistir".

"Nesta ordem de assuntos, dizia-me, não há muito, um inteligente viajante estrangeiro: Vós brasileiros entrastes agora numa grande febre de melhoramentos nesta cidade e creio que noutras pelo país em fora.

– Sim, é fato.

Mas, obtempera ele, tendes tido idéia de iniciar a colonização e povoamento das admiráveis terras do Rio Branco, (hoje Boa Vista) reserva providente, que será a única base que tereis

para manter a posse do vale amazônico? Não.

Tendes tido o cuidado de sistematizar os trabalhos dos seringais, vedando o estrago das plantas, e, principalmente, tendes procurado prender ali, em pontos vários, a população ao solo pela agricultura e indústrias estáveis? Não". (26 a 28).

"Mas não vos deve ter escapado a necessidade urgentíssima de articular o país com vias férreas de norte a sul e de leste a oeste, vias férreas que levam sempre consigo o povoamento da terra, não falando já nas estradas vicinais? Não.

Afinal, porém, haveis acabado com os velhos abusos, com a famosa moleza meridional, estais, por uma educação rija, segura, enérgica, adequada, transformando o caráter nacional e preparando-o pela disposição de coragem, espírito de progresso, de atividade, de iniciativa, de ardor pelo trabalho produtivo, para dispensar os hábitos comunários, a tutela do Estado e outros achaques latinos que têm sido a praga de nossas gentes? Não.

Então, meu senhor, não tendes feito nada!...

Tendes sido apenas o joguete do capital estrangeiro, ávido por emprego a bom juro, e de certas corporações ou indivíduos postos por ele a seu serviço e precisavam de apanhar grossas somas numa espécie de novo ensilhamento.

Assistimos, como Ilotas, o banquetear dos poderosos: ficamos os da elite de hoje, na mesma posição a que temos condenado, mais ou menos em geral os africanos e índios e seus descendentes mais próximos, que trabalharam para nós...

Triste vingança da história!

E sabe Deus a mágua como o digo...

Portanto, excelsior, excelsior... Sursum corda!

Trabalhem, eduquemo-nos, reformemo-nos para viver..."(29 a 31).

Observemos, a utilização da crítica quando assim autentica fatos, e não engodos. Quando num clarão de identificação reordena, sem artifícios o que Múcio Leão constatou na gigantesca obra de Sílvio Romero como um dos mestres eminentes da Escola do Recife. Vejamos, pois, na crítica do notável escritor da Academia Brasileira de Letras o que nos diz de Sílvio Romero na suficiente mestrialidade da expansão e do êxito:

"Na vasta apuração de trabalho que desejaríamos fosse feita na vida e na obra de Sílvio Romero, as primeiras perguntas se perderiam naturalmente àquela que o próprio Sílvio Romero chamou Escola do Recife.

Interrogaríamos, então, se essa escola de fato existiu, quais foram as verdadeiras linhas de sua orientação, quais foram os seus iniciadores e os seus mestres, quais os frutos reais que para a cultura brasileira ela terá trazido... A essas perguntas todas encontraremos respostas abundantes na própria obra de Sílvio Romero.

A Escola do Recife, por mais que Sílvio a exalte e engrandeça, é como todas as escolas, literárias ou filosóficas: é um homem afirmativo, um homem de espírito rutilante, intransigente e rude, e em torno dele um grupo de discípulos curiosos, atentos e ávidos. Esse homem rude, intransigente e rutilante, chama-se Tobias Barreto. É ele o centro, a alma de toda aquela agitação mental. E o é de maneira tão impressiva, tão eloquente, que um dedicado estudioso de história jurídica e filosófica do país se inclina a dar preferências ao movimento pernambucano o nome de **Escola de Tobias Barreto**".

Mas, evidentemente, Aquiles não está só: ao lado dele se acha Pátroclo, o homem do Gláudio flamejante, o nosso Sílvio Romero. Em torno dos dois heróis é que se agitam valentes e belos lutadores, como Castro Alves e Vitoriano Palhares; Luís Guimarães Júnior e Plínio de Lima; Carneiro Vilela e Santa Helena Magno; Franklin Távora e Araripe Júnior; Souza Pinto e Generino dos Santos; Celso de Magalhães e Inglês de Souza; Anibal Falcão e Martins Júnior; João Freitas e Virgílio Brígido, Clóvis Beviláqua e Artur Orlando".

"A Escola do Recife apresenta-se, pois, como um movimento que teve no Brasil um importante papel".

"Sílvio pertenceu, pois, à Escola do Recife desde o primeiro momento, e foi um dos poetas que mais legitimamente tiveram direito ao título de **condoreiros**".

"Sílvio criou toda a sua poesia de estréia em torno dos ativos e vastos temas da Humanidade, da Natureza e da Ciência". (16 a 19).

"A Escola do Recife representa, sem dúvida uma grande coordenação de esforços no sentido da filosofia, no sentido do direito e da sociologia, e principalmente no sentido da crítica. Representa também um esforço no sentido da poesia e da ficção, mas esse me parece menos importante". (24).

"Naquele grande movimento que foi a Escola do Recife, a parte de Sílvio Romero é considerável: é, de certa maneira, ainda mais importante do que a parte de Tobias Barreto.

Com efeito, Sílvio Romero revolveu todo o imenso território do espírito brasileiro". "Seu programa de construção era também geral: visou erigir sobre as ruínas do mundo caduco, que ia

morrer, um novo mundo de deslumbrantes cores". (30).

A significação diversa e nova, entendida na virtude da palavra, com algo do que poucos conheciam da erudição de Sílvio, de fato, Múcio Leão nos transmite assim como indispensável ao conhecimento fenomenológico da Escola do Recife. Objetivou-a no que se mereceu em indicação filosófica, sociológica, poética, jurídica, claramente posicionada na consciência de uma crítica espontânea, não artificiosa, ilustrativa e não contorcida.

E aí a dificuldade do leitor para entender a contradição radical de Sílvio Rabello no seu *Itinerário de Sílvio Romero*, quando a modificar os reais méritos da Escola do Recife, apenas consegue vê-la nos rasgos desidiosos de fraca imitadora do movimento da Questão Coimbrã.

Vejamo-lo, pois, no tropeço e dúvida em que, sem tomar à letra o que a fenomenologia nos ensina sobre a relação entre o *significante* e o *significado*, escorrega nisto que tentou compreender e não foi capaz:

"Não é fora de propósito adiantar-se que o movimento do Recife, em muitos aspectos, se identifica com o movimento de Coimbra. Às vezes, até parece uma reprodução em ponto menor e uma reprodução do que tinha a escola coimbrã de mais pobre". (48).

Observe-se que, na locução adverbial de tempo – *às vezes*, Sylvio Rabello vê a Escola do Recife mais restringida na esfera operativa. Mas, logo adiante, neste outro período, como a querer amparar-se da insuficiência do que afirma, vale-se do advérbio de dúvida – *talvez*, na estranha cunha em que se procura capacitar de que não possuía o correto exercício deste cotejo:

"Talvez uns e outros – os do Recife e os de Coimbra – tivessem descoberto ao mesmo tempo a fonte francesa do seu idealismo doutrinário; mas o movimento do Recife é certo que atingiu a Comte e a Proudhon, como inspiração propriamente literária, através de Teófilo Braga e Antero de Quental". (48 e 49).

No que aí deixa escrito, Sylvio Rabello de maneira bastante industriosa permanece arraigado em mera esperteza de chutes na trave. Desamparado de positivas investigações e seguras interpretações, assim se mostrou apenas como passador dos bons artilheiros. Não leu, e deu comprovações disso, o discípulo mais querido de Teófilo Braga em nosso país: Fran Paxeco. A Questão Coimbrã, na evidência aceita do "bom-senso", em princípio, nas reprimendas de Castilho, tinha muito mais a ver com a boa construção gramatical do que com a boa idéia científica. Daí os insultos a ele dirigidos por Antero de Quental, e o duelo em que Ramalho Ortigão se bateu com Antero a defender o então celebrado tradutor de Anacreonte, de Virgílio, de Ovídio, de Molière e de Goethe.

Sobre isso eis o que Fran Paxeco nos testemunha no seu **Teófilo no Brasil**:

"Verifica-se, entretanto, uma funda reviravolta. O Pontífice e os seus asseclas reconciliaram-se com Antero, que rezara o **mea culpa**, companheiro a fama de bondoso. Vomita-se-lhe para cima, sem o atingir, toda a casta de impropérios, de injúrias. Arremessam-no, ao pátio dos leões, para que as feras o devoram. Mas, o gladiador apruma-se, resiste à fúria e triunfa". (8).

Todavia, é a verdade, a isto acrescenta-se: a Questão Coimbrã não começou numa Faculdade de direito, nem teve como

a Escola do Recife, um impulsionador do alto valor de Tobias a favorecê-la nos resultados do realismo de conteúdo socialmente universal. No Brasil, diz Fran Paxeco, sua influência se fez sentir, de maneira mais participativa, no Maranhão:

"A peleja, se acirrou os ânimos portugueses, interessou bastante os brasileiros, sobretudo os do norte. O foco de maior cultura, nessa época, era S. Luís do Maranhão". (6 e 7).

Por detrás de tudo isso, porém, não é possível aceitar-se, como acredita Fran, que Sílvio, em seus trabalhos folclóricos, não teve razão acerca do que afirmara de Teófilo. Teve e muito. Sílvio no seu ***Uma Esperteza*** diz e comprova que Teófilo era um trapalhão no que tentara retificar, sem sua permissão em seus livros.

Sobre isso, eis o que nos afirma Luís da Câmara Cascudo, na aplaudida mestrialidade, de Sílvio Romero no conhecimento de nosso folclore:

"CANTOS POPULARES DO BRASIL (Lisboa, 1883) e CONTOS POPULARES DO BRASIL (Lisboa, 1885) constituem o primeiro documentário da literatura oral brasileira". "Sílvio Romero ampliou a picada que Celso de Magalhães (1849-1879) abriu na mata fechada". (15 e 16 da Abertura). E a seguir, completa:

"O folclore não foi para ele uma atividade. Era uma progressão de sua mentalidade, prolongava-lhe o poder aquisitivo pelo recurso infalível de recorrer às tradições populares como um reforço à sua inteligência. Para aquele Anteu o Folclore era o chão da terra, multiplicador de energia". "A temporada no Recife, 1868-1876, deu-lhe a iniciação dos assuntos. As armas foram provadas nos debates recifenses, ouvindo Tobias Barreto, escrevendo, lendo". (17 a 20).

Em face disso e depois disso, porque sei que o mundo realmente é uma escola de inquisição, apresso-me informar que, consoante Braulio do Nascimento, "cabe a Celso de Magalhães (1849-1879) o início da pesquisa da literatura oral no Brasil. Numa série de dez artigos, sob o título de "A poesia popular brasileira", publicado no jornal **O Trabalho**, do Recife, em 1873, ele reuniu amplas informações sobre o romanceiro tradicional, poesia popular, lendas e também sobre alguns costumes, danças, e festas tradicionais, colhidas em Pernambuco, Bahia e principalmente Maranhão, sua terra natal". (Introdução do **A Poesia Popular Brasileira** p. 7).

Mas, como se diz: história puxa história, verdade puxa verdade nisto em que se firma Sílvio Romero: Celso, imbuído das leituras de Taine, foi justo nas teses gerais, mas cometeu alguns erros de pormenores. Ele negou, como se viu, quase completamente, a influência índia em nossa tradições". "O moço crítico foi neste ponto vítima de um exagero. Celso entrou na reação por mim promovida contra semelhante despropósito e excedeu-se". "Nós vimos que ele dava toda a importância ao princípio da **raça** no estudo das criações literárias e anônimas. Entretanto, desdenhando duramente o caboclo e o negro, ficou desconhecendo o **mestiço**, e perdeu assim a melhor base que poderia encontrar para o desenvolvimento de sua **teoria**". (**Estudos sobre a poesia popular do Brasil**, Rio de Janeiro, Typ. Larmment, 1888, p. 48 e 51).

Isso não chega a ser um protesto. Na verdade, é a comprovação de que Sílvio no exato conhecimento do nosso folclore, foi o pioneiro que o tornou incontestável. Mostrou-se incólume

no aceitável e autêntico.

Sem dúvida o tempo passa. Não passa no entanto a História que uniu Sílvio e Tobias no capital evolutivo em que, nos seus livros, imortalizaram a Escola do Recife entre escritores, juristas e sociólogos de todo país.

Em Tobias Barreto, no que foi, no que é, e será para sempre dentro da Escola do Recife, há um mestre no privilégio de nos querer mentalmente isentos de um colonialismo submetido ao desvalor social, em face do retardamento de nosso desenvolvimento cultural, político e econômico.

Daí porque para J. C. de Souza Bandeira, nos seus **Estudos e Ensaios**, foi um mestre nesta fulgurante evidência:

"Temos tido é certo, uma legião de leguleios, e também, cumpre dizê-lo, um pequeno número de verdadeiros jurisconsultos, que honram o nosso país, alguns dos quais têm revelado boa orientação. Tobias Barreto, porém, não há negá-lo, é o primeiro jurista brasileiro que se apresentou com um sistema filosófico perfeitamente definido e ousadamente inspirado nas idéias do século, e dele fez deduzir em larga síntese o seu ponto de vista para encarar as questões jurídicas.

Se a inópia intelectual de uns, a desorientação de outros, e a indiferença de quase todos, fazem-no passar por uma figura quase desapercibida, a posterioridade há - de conceder-lhe a merecida reivindicação das glórias; e, quando a maioria dos brasileiros tiver de ceder à evidência, deixando-se penetrar pelo espírito vivificante das novas intuições, ele há - de aparecer como uma figura saliente que, além do importante papel que desempenhou em outros ramos da cultura humana, teve no Brasil a incon-

testável prioridade da aplicação dos novos métodos às doutrinas jurídicas". (121 e 122).

Tobias foi um escritor que trabalhou envolvido pelo sentido do Brasil envolvido de identificação mais precisa. Jamais pensou em deixar seu nome presente ou ausente no optativo dos que hoje presumidamente explicam a submissão do país numa linguagem econômica engolada de indiferença que nada explica. O que pensou no seu "discurso em mangas de camisa" foi, sem aristocracia, comprovar que não negava a sua origem plebéia. E assim foi. Revelou-se ao lado do povo, da massa, dos operários em reivindicações do que comer no dia seguinte em liberdade.

O erro dos fantoches de então era pensar o que os de hoje afirmam da América do Norte na liderança do G-7. Àquele tempo de Sílvio, a Escola do Recife com os seus revolucionários intelectuais já lutavam contra os que aceitavam a França como sinônimo de liberdade artística. Não o era.

No exemplo da situação financeira da Argentina, aflitiva, com o povo na rua desordenado a saquear supermercados, casas comerciais e particulares, sem que os países ricos sequer oiçam-lhe os pedidos de socorro, o velho adágio de Tobias está certo neste lema: "O desconfiado ainda está vivo".

Foi nesta evidência que Liberato Bittencourt, no **estudo crítico de patronos e ocupantes da Academia Brasileira de Letras**, isto viu, entendeu e ratificou:

"... o quadro é para quem pensa e não para os que agri-dem, como os jovens capoeiras dos morros da cidade, ou então como os falsos Aristarcos sem língua nem lógica, pela ciência a dentro, a causar, não riso, mas pena e dó. Não ataco: esclareço.

Não quero manejar, vão, o turíbulo enganador do elogio-mútuo; mas a pena severa do crítico e do filósofo. Apure-se a verdade na tributação de sempre. Entre João Ribeiro, que sempre tentou derribar fáticos gigantes de pernas de pau, não devo nem posso vacilar: em crítica e polêmica Tobias é mestre e guia, mestre dos mais eminentes, guia dos mais fulgentes em literatura comparada. Ele, homem-sol, é como que o profeta do humanismo em o Brasil: realiza aqui o mesmo que em Alemanha Herder ou Lessing, Klopstock ou Wieland. Sou com ele, caminho da verdade. Entrando, já em anos, quase nos oitenta de minha idade, não posso deixar de ser sincero e franco em ciência, filosofia e arte. Sei que se me agride. Não importa: há menos perigo em ser déspota em país livre, que liberal em meio escravizado". (11)

Nos aplausos à Escola do Recife, extremamente implicada no reconhecimento da importância cultural, não quero esquecer de aqui incluir os dizeres em que se firmou Ronald de Carvalho para, entusiasticamente, em sua Pequena História da Literatura Brasileira indicá-la neste ápice digno de importância:

"A crítica literária firmou-se, portanto, depois do movimento do Recife, por volta de 1868 e 1870. A obra de Tobias Barreto que, infelizmente, ainda não foi devidamente considerada, pois, na sua biografia, os exageros, no elogio ou na mofa, não lhe deixam perceber a fisionomia complexa e superior, é uma das que apresentam maior relevo no observador imparcial. Tobias preparou uma geração de homens fortes, no mais belo sentido da palavra. Fortes porque eram sãos, porque, longe da intriga das facções políticas e de camaradagem partidária, procuravam a razão das nossas coisas, as bases profundas do caráter nacional e as ín-

timas raízes de nossa raça, na sua poesia, nos seus costumes e na sua língua. À religião, à política, à literatura, à glória, ao direito, a todas as manifestações do saber, Tobias prestou o concurso da sua inteligência combativa, audaz e eloquente, e, com ele, os seus discípulos e companheiros de polêmicas ruidosas e perfeitamente desinteressados, o que hoje parecerá quase incrível". (321 e 322).

Os livros de Sílvio Romero foram de combate no estímulo da Escola do Recife. Eram de orientação sociológica, filosófica, jurídica e literária. Na época romperam as barreiras do velho formalismo colonial e do beletismo piegas. Abriu novos rumos à mocidade universitária sobre o realismo, o naturalismo, no afã de atingir-se na força de uma renovação abertamente contrária à inércia cultural. Seu rumo era o da idéia irrecuável de salvar o Brasil do entorpecimento mental diante dos países desenvolvidos. Países coerentes na afirmação férrea de conquistar e dominar.

Hoje, bem pode-se confirmar diante da globalização neoliberal que monopoliza os países do chamado Terceiro Mundo o que foi a luta de Sílvio Romero quando convocou os seus alunos à luta em defesa das riquezas dos campos do Rio Branco (Boa Vista) na Amazônia ocidental, no Estado de Roraima. No seu mocismo evolucionista explicava-nos porque vivíamos no país mais rico do mundo em riquezas minerais, florestais, hidrográficas e territoriais como indigentes de chapéu à mão a mendigar aos países ricos o que, por direito natural concedido por Deus, é nosso.

Não há como contestar-se: no que fez em prol do brasileiro. Defendeu-o no que é seu e não precisa mendigar aos países ricos. Sílvio foi, é, e merece, por isso sempre ser lembrado como

fundador da sociologia brasileira. Na verdade, como hércules brasileiro, no seu gigantismo inigualável edificou a elogiada e admirável HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA. Até nos seus **Cantos Populares do Brasil** e nos **Contos Populares do Brasil** no que pesquisou e comprovou, nacionalisticamente, foi eminentemente sociólogo.

É preciso que os brasileiros nacionalistas de hoje, vejam-no e o justifiquem na honra do que fez em defesa de nosso país. Vejam e reconsiderem o quanto orgulhosamente nos lecionou em brasilidade a nos opormos, com independência, aos povos ricos que insistem, na espoliação de nossas matérias-primas. Vejam que ainda nos enganam como se fôssemos míseros botocudos da Amazônia. E nisso ainda continuam, numa história embusteira, a transformarem nossas florestas em patrimônios universais de suas ambições coloniais.

Na Amazônia está a biodiversidade virgem dessa cobiça. Mas, aonde estão os nossos sociólogos neste momento atual de avanço globalista que não vêem, não consideram e nada denunciam das ONG's? Os países componentes da maior Bacia Hidrográfica do Mundo continuam sem infra-estrutura e tecnologias modernas nas grandes extensões de suas terras férteis.

Sabem o que está a acontecer nas plagas amazônicas?, para sobreviver sua população é induzida à produção das drogas e ao desmatamento de nossa valiosa floresta tropical. Os sociólogos nada falam sobre a necessidade de efetivarmos a ligação da Amazônia brasileira, pelo Estado do Acre com o oceano Pacífico. E os nossos ecologistas silenciam sobre o que poderia representar

este primeiro passo no desenvolvimento tecnológico e industrial da Amazônia Ocidental.

O estranho em tudo isso, porque é do conhecimento dos reorientadores de nossa economia, é que a Amazônia no século XXI independará dos recursos da União. Os blocos industriais asiáticos já estão a sair da Zona Franca de Manaus, numa viabilidade competitiva, ao G-7. Já estão em modernos empreendimentos de bons negócios, dentro do Peru, Colômbia, Equador, Venezuela e Bolívia. Mediante grandes investimentos de capital nesses países componentes da Amazônia Ibero-Americana além de "preservá-la", na partilha dos lucros oriundos de sua produção de ouro, estanho, pedras preciosas, petróleo, madeira, cassiterita, nióbio, soja, castanha, borracha etc., criará milhões de novos empregos na primeira metade do século XXI.

Nesse interesse de "pensar grande", talvez que, amanhã, quem sabe? as nossas lideranças políticas, se encontram e se unam. Sim, porque, neste início do século XXI, do homem interplanetário e da cibernética, já em passeio por terras da Lua, os brasileiros não sabem qual o destino da Amazônia Continental diante da Cobiça Internacional. Ora é a riqueza e o poderio do que dela fazemos como a maior Bacia Hidrográfica do Mundo, rica e suficiente para um reinvestimento econômico capaz de saldar as nossas dívidas. Ora é o que os fantoches do imperialismo colonial nos fazem pensar que dominamos no que não dominamos: ainda não somos o que Sílvio Romero como mestre da Escola do Recife em sua monumental crítica sociológica, numa verdade nacionalista, nos convoca para acreditar no que precisamos ser.

## 12. SÍLVIO E TEÓFILO

Há uma incapacidade de eloquência na crítica de Fran Paxeco, em seu livro ***O sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa***, quando tenta defender Teófilo Braga numa moeda falsa e empírica. Ao invés da crítica que significa identificação mais precisa da obra do autor do ***A Pátria Portuguesa***, no avesso do que insinua, não lhe defende a origem do assentimento objetivo. Isto é: voltado para o objeto a examinar.

Vaga no que imagina e insiste no charlatanismo em que explora, a seu modo, sem conhecimento o turanismo de Teófilo na origem do povo português. Imagina que no blefe pode lograr revelar Teófilo, sem pré-juízo acima do que Sílvio nega-lhe na genialidade criadora.

Em seu proceder de fuga, no que rejeita, deixa de ver a doença de Teófilo na forma de arbitrar seu conflito agressivo contra Sílvio. E, nisso, como que drogado, é um demolidor bizarro do ardil em que se anula. Tudo em Fran Paxeco, no livro ***O sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa***, é estratégia.

Destarte, nesse livro, Fran não produz uma defesa de boa política nem de boa interpretação. Nem como álibi é possível aceitá-lo. Acredita-se um David e não vai além de fanfarrônico

Golias. Sem sentir-se um intrujão, empanava-se em presunções como esta:

"O dr. Sílvio esquece-se de que existe na literatura atual um vulto de valor incomensurável e que na crítica é o primeiro, em Portugal e no Brasil; um escritor que tem incontestavelmente mais erudição, mais talento do que o poeta dos **contos do fim do século**, o dr. Teófilo Braga". (89-90).

No arremate, por isso, o diapasão não podia ser outro senão este: "sempre queríamos que nos dissessem o que aquela formidanda cabaça contém: se minhocas, se pevides, se massa de fósforo ou pó de sapato. Cruel interrogação! Mas não desesperamos de penetrar nesse mistério... O dr. Chapot Prevost que vá lixiviando os ferros... quer-nos parecer que este xifópago, depois que reverter o ex-xifópago, isto é, depois que se apartou de Tobias, faz que o empulhemos e apresentemos ao respeitável público..." (90).

Reles, sem dúvida. Quebra o que a crítica tem na evidência e, dela, faz a sua náusea. A crítica, por isso, fora de seu sentido naturalmente autêntico, é um embuste.

Sobre o xifópago que nunca existiu entre Sílvio e Tobias, a não ser na cabeça aluada de Fran Paxeco, o Prof. Nelson Romero na apresentação do seu livro – SÍLVIO ROMERO, Trechos Escolhidos – Nossos Clássicos, da AGIR Editora, esclarece:

"Muito aberto ao desenvolvimento cultural da humanidade, Sílvio Romero, perfeitamente em dia com o que se passava no mundo civilizado, demarcou com linhas, seguríssimas o quadro do progresso espiritual de nossa gente. Seus livros sempre tentaram inventariar o que valemos, o que somos, que características

apresentamos como sociedade definida.

A própria ***História da Literatura Brasileira*** só obteve a nomeada que alcançou, e ainda sobressai, dentre os trabalhos congêneres porque é história da cultura do Brasil, não só sob o ponto de vista das letras, mas do Brasil bem definido em seus tipos, em suas tradições, em seus costumes, e tendências e condições reais de vida".

Na verdade, Sílvio Romero é o criador da crítica sociológica e da história de nossa literatura. Para esconder a incoerência de Teófilo no que em seus livros afirma sem conhecimento do testemunho pesquisativo, Fran atravessa o negativo dos artifícios e chega à outra margem desacreditado e venoso.

Mas, Fran, como escritor e profissional das letras, sempre soube que a crítica desviada da verdade é fraudulenta. Nasce inferiorizada e morta. Encandeia. Mas, logo após é encampada no que a faz retornar ao seu engodo e falsificação. Os verrineiros que intentaram contra Sílvio não conseguiram jamais usurpar-lhe o que ministrou aos brasileiros em cultura moderna.

Enquanto se valiam das hipérboles suspeitas, animosas, desprezíveis, no campo infortunado dos ressentimentos paxequistas Sílvio na História da Literatura Brasileira é sociólogo e progressivo. Assim, igualmente, na da Escola do Recife.

O livro de Fran quando não é arrogância é insolência. É arrogância quando insinua que as ***Folhas Verdes, Visão dos Tempos, Poesia do Direito e as Teocracias Literárias, História da poesia popular, o Cancioneiro, o Romanceiro***, a Introdução da Literatura, as ***Soluções Positivas da Política*** e a então anunciada História da Universidade de Coimbra, obras

da lavra de Teófilo Braga triunfam acima das obras de Sílvio Romero.

É insolência quando diz: a ***História da Literatura Brasileira***, a produção capital de Sílvio, o seu armazém de secos e molhados, alforge em que encafuou todas as suas provisões, documentadíssimo está que não vale um retorcido cifre – nem pela verdade, nem pela justiça, nem pelo critério, nem pela clareza, nem pela coerência. É um amontoado ignóbil de charras contradições, uma antologia pessimamente gisada dos literatos brasileiros, um ultraje às letras da sua nação, a qual percebeu, com dor, que em quatro séculos de vida só tinha amamentado um bebé – o sr. Tobias Barreto..." (O sr. Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa, p. 93).

Ora, aí está o inevitável de uma empulhação engendrada na explosão dos ressentimentos por caminhos escusos. A propósito dessa balela paxequiana leia-se de Antônio Cândido – SÍLVIO ROMERO, Teoria, crítica e história literária. Sem omitirmos uma só vírgula eis o que nos diz:

"Nosso progresso foi, pois, conquistado quase sempre a esforços nossos, amassado com as nossas lágrimas e com o nosso sangue. O Brasil desenvolveu-se por si. Invadido o interior pelos paulistas, descobertas as minas de ouro, rechaçados os estrangeiros da costa, fundados as vilas dos sertões, o progresso surgiu; a nação estava feita. Alguns brasileiros tinham viajado à Europa; muitos tinham estudado em Coimbra. De volta à pátria, espalhavam aí as luzes. A idéia de independência foi amadurecendo e em 1789 a Inconfidência bruxuleou no céu de Minas. Até hoje, temos tido dois métodos contraditórios de julgar nossas revolu-

ções precursoras da independência ou posteriores a ela. A inconfidência e os movimentos de 17, 24, 48, etc. são contados em ditirambos pelos espíritos exaltados ou são estigmatizados pelos reacionários. Além disto, aqueles que só reconhecem uma revolução quando nela o ferro e o fogo fazem a sua obra e o sangue jorra em borbotões, negam que no Brasil se tenham dado revoluções...

A verdade não é esta, nem aqueles são os métodos imperiais da história. Uma revolução justifica-se pela pureza de seus fins, e neste sentido a Inconfidência e todas as mais merecem as nossas simpatias. A revolução mineira foi um desejo, um anelo de poetas abençoados sonhadores que tiveram a coragem de sofrer e morrer por ela... quanto distavam eles dos poetas bajuladores que degradavam nas Arcádias portuguesas a dignidade humana!..." (p. 33 e 34).

Não foi quimérica a luta pela Independência do Brasil. Ela se prolongou e existiu, em novos brilhos e novos tempos de luta na Escola do Recife do tempo de Tobias e Sílvio. Formou gerações universitárias empenhadas na luta democrática em prol do Brasil desenvolvido e autônomo. Gerou, incentivou e esclareceu os brasileiros ao amor da Pátria. Não arrefeceu no empenho de querê-la livre do imperialismo colonial que, ainda hoje, desestatiza e monopoliza o dinheiro do mundo.

Em Portugal, ao contrário disso, após o movimento de Coimbra, em conferências insultuosas entre monarquistas e anti-monarquistas, a náusea tomou conta dos Vencidos da Vida e a Questão, abafada, levou Portugal ao longo atraso em que pagou, até o surgimento da União Européia, ônus cruel ao imperialismo

neoliberal liderado por Tio Sam.

Com Mário Soares, de fato, Portugal revelou-se dentro de uma ação de maior lucidez, já no intuito em que se devia defender do que hoje se vê, nos países do Terceiro Mundo, sem submissão devida ao G-7, através do FMI e do Banco Mundial. No que lhe foi permitido, fez em termos de conduta, trabalho e sobrevivência. Como cidadão consciente de uma renovação progressista para os países da Península Ibérica foi um dos primeiros a lutar para que Portugal trocasse a apagada e vil tristeza pelo que vale, já agora, de cabeça erguida dentro da vitoriosa União Europeia.

Sem dúvida, já agora fora do monopólio do G-7 liderado pelos Estados Unidos, Portugal, como país componente da UE, tomem nota: está na luta de um mundo de livre comércio. Seus passos são mais amplos. E seu povo mais feliz. E nós venturosos de sabê-lo em caminho, mais autêntico e mais lucrativo. Afinal estamos ligados pelo sangue, pelo idioma e pelos costumes.

O avesso de tudo isso não altera, por isso, o que não se acha dentro de nosso denominador comum: o novo do atual retrato luso-brasileiro. É imprópria a verrina de Fran para inventariar o complicado do que não existe no já definido mundo físico do Brasil e Portugal. Teófilo Braga teve uma projeção de plenitude no aplauso do povo português. Tobias e Sílvio definiram o que não aceitamos, ver na redução do progresso que a Escola do Recife nos estimulou a buscar, sem tartufice, em assentimento do que somos e do que valem.

Temos o maior país do mundo em terras contínuas e a maior Bacia Hidrográfica do nosso planeta. A maior floresta tropi-

cal e o mais rico continente de matérias-primas cobiçadas pelas superpotências mundiais. Foi pela efetiva valorização de tudo isso que Sílvio e Tobias levaram a Escola do Recife à reivindicação prolongada em que permaneceu afortunada, em alto nível a impulsionar o Brasil para compreender, ver e dar a ver o que é em riqueza colossal de matérias-primas.

Em face disso que adianta o paralelo de Fran Paxeco entre Sílvio e Teófilo. Quem não lê, não se ilustra em bons livros não tem conhecimento dos bons escritores. A maldição inqualificada, fatalista, da incultura, realmente, é o que continua a jogar o brasileiro na alienação em que os políticos perdem forças na estabilidade da democracia que não temos.

A verdade é que o Brasil que Sílvio não aceitou em seu tempo de regime colonial, permanece inconexo de sua política de entendimento com o social. É isto que Sílvio, sem rodeios, nos afirma em seu ***A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna***:

"Cumpre-me repetir ainda uma vez que não pertenço por forma alguma ao mínimo dos bemaventurados que julgam que o Império da América vai às maravilhas".

"Não é por certo a retórica do cônego Pinheiro, do professor Sotero, do conselheiro Pereira da Silva, ou do Visconde de Porto Seguro e outros, que poderá nos explicar a significação de uma época ou de um tipo qualquer de nossa história. ***A Ciência oficial*** é sempre manca, e o seu mérito é o mesmo das comendas que condecoram o peito de seus adeptos. Só uma outra fonte de idéias, despreconcebidas e sérias, nos poderá explicar o enigma, aliás simplíssimo de nossa vida espiritual".

"...se o povo brasileiro não é dos demais fantásticos e su-

persticiosos do mundo, todavia é um dos mais desanimados e apáticos.

Sobre as raças dever-se-á ter o cuidado de não esquecer nenhuma delas, como, ainda não há muito, o fez o Sr. Teófilo Braga, que nas poucas páginas que escreveu sobre a poesia brasileira nem uma palavra disse das origens africanas do nosso povo.

Dever-se-á também evitar a leviandade com que este escritor persiste em repetir, como descoberta novíssima, a desacreditada teoria da existência de uma raça **turana**, a que filia, segundo o velho erro, os povos indígenas da América. Se o sr. Teófilo Braga, em lugar de ler o católico Lenormant, estudasse Scherer, Whitney, Fred-Muller, Vinson, não se daria ao trabalho de repetir a velha teoria de Max-Muller sobre o turanismo, nem viria apresentar como achado admirável o livro de Varnhagen sobre as origens **turanas dos ameríndios**". (168 e 172).

Ao revelar-se nesta distinção, entre as etapas de nosso desenvolvimento literário, diferentes da justificativa de Fran Paxeco, no juízo opaco de querer, a qualquer preço, dar-nos Teófilo como mestre do pensamento brasileiro, Sílvio comprova-nos assim, de maneira insofismável porque é, de fato, intolerante tal paralelo. A Escola do Recife, guiada e apoiada em novos critérios de ilustração, mostrava-se subida num verdadeiro labor intelectual de importância entendida em nível de autovalorização corretiva contra os perigos da acomodação e do colonialismo. Daí a razão em que assim a define nos méritos e solidariedade.

"Há um fato, tão repetido entre nós, que constitui já um verdadeiro **princípio** para o estudo da nossa literatura – é o caráter de **importação** de quase todos, senão todos, os nossos mo-

vimentos intelectuais.

Destarte, não é possível escrever a história do pensamento brasileiro sem referir-la às literaturas que o têm influenciado até aqui: – a portuguesa, a francesa e, mui recente e limitadamente, a alemã.

No primeiro século (XVI) da descoberta e colonização do Brasil não houve aqui movimento algum científico ou literário. Em compensação, porém, começaram as relações das três raças que teriam de formar a população futura desta parte da América; principiaram elas a cruzar-se, foi-se operando a transplantação do **romancelro** e dos contos portugueses para o Brasil, e também o entrelaçamento destes com os cantos e contos tupis e africanos.

Assim os primeiros trabalhos históricos e topográficos sobre o país e as primeiras investigações sobre a línguas dos aborígenes são desta época. Contudo os três elementos estavam ainda muito desagregados. No século seguinte (XVIII) já as coisas mudaram de aspecto; já foram possíveis dois fenômenos singulares: primeiro – a expulsão holandesa feita exclusivamente pela iniciativa dos filhos da colônia, quase sem o auxílio da metrópole; segundo – a existência de um Gregório de Mattos.

O móvel principal do primeiro acontecimento foi, sem dúvida, um motivo religioso, – o ódio à heresia. Mas é inegável que um certo sentimento da pátria já então irrompia do seio das populações brasileiras.

As três raças acharam-se representada em seus respectivos heróis: os **brancos** em Barreto de Menezes, os **índios** em Camarão e os **negros** em Henrique Dias. (173 a 175).

E aí está o crítico sociológico inteiro, genuíno que Artur

Orlando em seu ENSAIOS de CRÍTICA viu, interpretou e julgou sem aceitar rasura ou emenda:

"A Sílvio Romero deve o Brasil a percepção clara de um passado, a mais indispensável condição de toda superior existência social.

Esquecendo-se de seus feitos, a sociedade como que perde a consciência de si mesma.

Daí a necessidade da história, mas da história cientificamente organizada.

É este o inestimável valor da obra capital de Sílvio Romero". (Da publicação feita pela EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, p. 55, 1975).

Como, pois, imobilizá-lo na crítica sociológica em que é insuperável em suas pesquisas, em sua exposição pioneira de observador absoluto sobre as nossas origens, crenças e costumes? Este reconhecimento não é mais uma dúvida. Insere-se profundo, indesmentível e irreduzível, nesta gênese assim exposta, pela sua, mestrialidade lógica, essencial sobre o que necessitamos saber e não decifrar. Ei-la:

Já era real também a existência do **mestiço** representado em Calabar, – o espírito mais inteligente do seu tempo".

Quanto a Gregório de Mattos, é ele o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações sofridas pela língua portuguesa na América e as primeira manifestações do espírito nacional, onde predomina a **veia cômica**, despertada pelo espetáculo das relações de três povos diversos, que têm, cada um, certo timbre em **chasquear** dos outros.

No século XVIII o trabalho de integração popular tinha-

se avantajado bastante. O comércio havia progredido; o conhecimento do país avançado. As raças tiveram de quando em vez suas rivalidades e apareceram os fenômenos conhecidos sob o nome de **Quilombos dos Palmares, guerra dos Emboabas, dos Mascates**.

Acima de tudo isto a consciência nacional tinha progredido; a idéia da **pátria** como que amadurecia, e a **Inconfidência** vira a luz.

O espírito brasileiro é desde então um pouco avantajado ao português. A **veia cômica** atua em Antônio José; a poesia lírica volta-se para a natureza e produz Gonzaga, infinitamente superior aos líricos da metrópole. A luta dos conquistadores e dos aborígenes desperta também o sentimento da verdade, e a epopéia torna-se naturalmente com Basílio e Durão, imensamente preferíveis aos épicos do reino em seu tempo.

As formas líricas superabundaram. Nós demos então lições de naturalidade aos portugueses, que as desprezaram pelo órgão de Bocage e Filinto". (**A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna**, p. 176 a 178).

E seja-me permitido novamente aqui repetir o que já abordei em páginas anteriores: No prefácio da 1ª edição do livro de Sílvio Romero – **A História do Brasil ensinada pela biografia dos seus heróis**, tenho, e confirmo-me de que foi um pioneiro, na conduta cívica e patriótica, do que pesquisou e disse da origem do brasileiro, nesta afirmação de João Ribeiro:

"De todos os nossos escritores, sendo indubitavelmente o mais preparado na história intelectual da pátria, devia ser naturalmente o que com maior exatidão poderia lançar as bases éticas

do caráter nacional e escolher, com superior seleção, os caracteres predominantes do nosso *meio*.

Essas biografias assim selecionadas pelo tato da crítica científica têm um valor excepcional e único, têm o valor de um museu que, em vez de tipos da flora e da fauna regional, dá-nos espécimens – tipos da nossa humanidade americana.

Esse livro é o *ontogênese* da nossa história. É a nossa geografia humana. Somente com as qualidades geniais de Sílvio somente com a perfeição dos seus métodos, poder-se-ia sobre as cabeças culminantes dos nossos grandes homens medir a grandeza e lançar a triangulação da nossa pátria". (6ª edição da Livraria Clássica de Francisco Alves, 1901).

Isso não quis ver Fran Paxeco em face do teofilismo demasiado caro que lhe envaidecia a alma. Todavia, antes da verri-na paxequiana se tornar objeto de insulto, Artur Orlando convidou os luso-brasileiros para se fazerem ilustres nesta verdade:

"O autor da *História da Literatura Brasileira*, além da sede de saber, tem febre de atividade, mas da atividade, que realiza uma nobre tarefa".

"Sílvio Romero pertence à família dos individualistas, dominados pelo forte sentimento da personalidade humana. O autor da *História da Literatura Brasileira* é uma natureza semelhante ao autor da *Democracia na América*, dirige e encaminha mais do que explica e raciocina.

"Comparando-o com Tobias Barreto, vemos que este é um lúcido, que por trás dos fatos vê, compreende tudo, afirmando a verdade como uma causa; Sílvio Romero sente as transformações sucessivas da natureza, põe-se à frente dos acontecimentos e

afirma a verdade como um efeito". (**ENSAIOS de CRÍTICA**, p. 76 e 77, da edição de 1975).

Não se pode realmente querer, como Fran Paxeco, que a universalidade da Escola do Recife seja uma característica de imitação da Questão Coimbrã. Ademais, tenha-se que o grande obreiro do romanesco português, Eça de Queiroz, na projeção literária se capitaliza, por largo, da inequívoca liberdade e inovação comunicativa de Emílio Zola, como chefe de escola naturalista de aceitação universal.

Politicamente, o mundo ascende a esse universalidade. Não há, portanto, ascensão indevida no limite em que Sílvio Romero, bebido em fontes maiores do universalismo, recusa a influência de Teófilo, de modo direto, na eloquência de erudição e redução realista da Escola Recife.

Lamentavelmente, Portugal, como país colonizador, nas escravizadas plagas africanas e indianas, àquele tempo, ainda, se não aceitava no esforço reformador em que Sílvio Romero revela a atuação da Escola do Recife dentro da luta sistemática de liberdade e verdade oriunda das grandes idéias filosóficas do mundo.

Bem esclarecido, é assim que Sílvio Romero a esse respeito, se define e fixa os escritores lusos nos seus **Estudos Sobre a Poesia Popular do Brasil**:

"Os portugueses povoaram este país em uma época para eles de profunda decadência política e social, o tempo da Inquisição e logo depois do cativo espanhol em que findou o período heróico de sua história e começou a grande crise do desmoronamento em que ainda hoje se debate a estimável nação.

Conquanto descoberto pouco antes, só então começou a ser colonizado o Brasil.

Já em Portugal definhava desprezada, senão esquecida, a grande poesia popular. De si já bastante emaranhadas as tradições da península hispânica, ainda mais o ficaram em o novo mundo para onde foram transportadas no tempo de sua velhice. Os selvagens aqui encontrados foram praticamente civilizados e incorporados em a nova geração que se ia perpetuar na América.

Alguns jesuítas, é certo, aprenderam a língua tupi, mas sempre no intuito de fazer abraçar pelo catacúmeno o catolicismo e esquecer de todo as suas idéias e tradições". (36).

É fato que, por outro lado, nesta avaliação, Sílvio foi mais completo em razão desta verdade comprovada nos ***Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil***".

"A evolução romântica, aviventando o estudo da poesia popular, por sua paixão pela idade média, prestou um relevante serviço à ciência. Este, contudo, não deixou de ser marcado por bem notáveis dissonâncias. Uma das mais avolumadas é a célebre teoria de Jacob Grimm de ***inerrância popular***, tão geralmente adotada, e, ainda há pouco, repetida levemente por Teófilo Braga".

"Não será isto negar ao povo ***infalível*** o seu direito de produzir, desenvolver e transformar a sua poesia? Não será também pôr-se em desacordo com a sua pretendida inerrância, segundo a teoria de Grimm?

Garrett, como perfeito romântico, crismava o povo lá a seu modo, composto de eminências e incapazes de errar. Daí sua investida contra as ***amas-secas, lavadeiras e saloias***, genuínos órgãos aliás da poesia popular; daí a suposição, que transpira de suas palavras, de que a poesia popular é simplesmente aquela

que é contada pelo povo, e daí a sua pretensão de emendá-la. Este erro é hoje intolerável". (37 e 38).

"Ora, a incultura, se não supõe a inerrância do povo, como repete Braga, não dá por outro lado, o direito a Garret de chasquear daquilo que é justamente a condição integral das criações populares". (ib).

"A obra de transformações das raças entre nós está muito longe de ser completa e de ter dado todos os seus resultados. Ainda existem os três povos distintos em face um dos outros; ainda existem brancos, índios e negros puros. Só nos séculos que se nos hão de seguir a assimilação se completará". (39).

Diga-se: assimilação de idioma, costumes: "Os **contos** ou **histórias** populares existem em larga escala entre nós. Temo-los de origem portuguesa, indiana, africana e mestiça". (53)

"Os trabalhos sérios sobre poesia popular evitaram sempre semelhante falsificação. José de Alencar iludiu-se com Almeida Garret, e mostra que nem ao menos estudou os medíocres estudos de Teófilo Braga sobre o assunto". (129)

Mas, é fato que, nesta denúncia, Sílvio não pode ser contestado: "O culto do pretendido **classicismo** era uma das formas da sujeição brasileira e o desejo de ter alguma importância literária, favor que nos vinha de Portugal, impunha a obediência. Alencar foi talvez o primeiro que rompeu valentemente contra semelhante preconceito. Proclamou, com franqueza, o direito que temos de pensar e escrever a nosso modo, **transformando a língua**."

O exclusivismo português procurou reagir pelo órgão de José Castilho, um emigrado literário, um pedante togado que nos

desnorteou à farta.

Hoje todos somos de acordo que o juízo de Portugal sobre um assunto ou sobre um autor não passa de um divertimento ou de uma coisa inocente...

Neste ponto não existem duas opiniões; o Brasil timbra por afastar-se do velho reino para aprender com as nações cultas.

Alencar neste assunto só teve o defeito de ser ainda um pouco tímido, procurando justificar nossas insubordinações contra os velhos preceitos idiomáticos do reino.

Nós hoje só devemos a Portugal a mesma simpatia de que somos devedores a qualquer outra nação estrangeira. A consciência da **identidade** dos destinos humanos que tão claramente se exprime pelo cosmopolitismo contemporâneo, força-nos ao respeito a todos os povos, na medida do mérito de cada um e, por isso mesmo, está-nos ensinando o lugar em que se coloca Portugal". (131).

As contestações de Sílvio, na conduta associada ao nosso desenvolvimento literário, quase sempre, no confronto eficaz, pelo temperamento, revela-se assim um tanto desabridas na identificação com a cultura universal. Era-lhe uma compensação da validade objetiva. O que lhe interessava estabelecer, registrar e transmitir, firmava-se nesse gigantismo de força compreendida em tenacidade e demonstração de propósitos. Envoltura e energia lhe foram apanágio nas admiráveis qualidades da capacidade intelectual. Vezes muitas, foi severo com ele mesmo.

Mas, não há dúvida de que, nesse propósito, atuou no sentido da razão. O Brasil tem uma literatura inata desde a fase do descobrimento. Desde as cartas de Vaz Caminha e do Piloto anô-

nimo. Desde a época de Anchieta, de Vieira e de Nóbrega. Desde o início da catequese jesuíta. Pois, do que viram, disseram e registraram, os assuntos eram brasileiros.

Nesse esclarecimento, embora ilustrado noutras culturas alienígenas, Sílvio Romero, em seus livros, jamais pode deixar de ser aceito na límpida conduta de eficácia, de razão e de enobrecedora brasilidade. Esta, por isso, em tudo, de forma irredutível, a verdadeira ideologia em seu lecionamento da Literatura e do Brasil.

O crítico só é verdadeiro quando revela certeza dentro de caminhos possíveis. A crítica analítica não é indutiva, é lógica formal. Os verrineiros que acreditaram destruir Sílvio Romero em sua magistral HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, na insolência, são nulos nessa linguagem, que desaparece sem confiança na verdade. A crítica, pois, não é o abstrato no ardiloso. É o que aclara e repudia de ambos em sua miséria.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS  
1918 · 2018



AMAZONAS  
CULTURA DE  
VALOR

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

